



Amanda Carolina de Sousa Seabra

Arquitetura disciplinar na Amazônia: o Educandário Dr. Nogueira de Faria – Ilha de Cotijuba
– Belém – Pará

Defesa de Mestrado

Belém, Pará

2019



Amanda Carolina de Sousa Seabra

Arquitetura disciplinar na Amazônia: o Educandário Dr. Nogueira de Faria – Ilha de Cotijuba
– Belém – Pará

Defesa de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre em Antropologia
pelo Programa de Pós-Graduação em
Antropologia da Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Diogo Menezes Costa

Belém, Pará

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- S725a Sousa Seabra, Amanda Carolina de.
Arquitetura disciplinar na Amazônia : o Educandário Dr. Nogueira de Faria - Ilha de Cotijuba - Belém - Pará / Amanda Carolina de Sousa Seabra, . — 2019.
116 f. : il. color.
- Orientador(a): Prof. Dr. Diogo Menezes Costa
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.
1. Arqueologia da Arquitetura. 2. Arqueologia Amazônica. 3. Ilha de Cotijuba. I. Título.

CDD 930.1098115



Amanda Carolina de Sousa Seabra

Arquitetura disciplinar na Amazônia: o Educandário Dr. Nogueira de Faria – Ilha de Cotijuba

– Belém – Pará

Defesa de Mestrado

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Andrés Zarankin

Universidade Federal de Minas Gerais / Departamento de Antropologia e Arqueologia

Examinador Externo

Prof. Dra. Renata de Godoy

Universidade Federal do Pará/ Programa de Pós-Graduação em Antropologia

Examinadora Interna

Prof. Dra. Thaís Sanjad

Universidade Federal do Pará/ Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Examinadora Suplente

Prof. Dr. Diogo Menezes Costa

Universidade Federal do Pará/ Programa de Pós-Graduação em Antropologia

Orientador

Belém, 13 de março

2019

Agradecimentos

Primeiramente gostaria de agradecer a minha família por todo apoio e suporte para conseguir concluir o mestrado, sem essa base seria muito complicado. Queria agradecer a minha mãe por sempre me apoiar. E a minha vó que aguentou por dois anos a luz acesa até tarde incomodando seu sono, que ficava escutando o barulho de lápis, borrachas caindo no chão, por receber os vários livros que chegavam pelo correio e pelas tardes de conversa para descansar a mente. Queria agradecer as minhas amigas Talita Bonato e Isabela Muller que mesmo de longe me apoiaram, me ajudaram nas correções finais e entendiam as alegrias e dificuldades que é fazer um mestrado.

Gostaria de agradecer a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro. Ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia por ter dado a possibilidade de realização desta pesquisa. Agradeço especialmente ao meu orientador Prof. Dr. Diogo Menezes Costa por ter aceito essa orientação, por ter me incentivado e provocado o pensamento muitas e muitas vezes, por acreditar em mim e nessa pesquisa e por toda a paciência durante esses dois anos. Seu conhecimento, sua orientação e a sua postura profissional me ensinaram muito, serão um exemplo para mim. Gostaria de agradecer a todos os professores do PPGA, e em particular a Prof. Dra. Renata de Godoy, as discussões e provocações em suas aulas fizeram com que a minha visão e conhecimento sobre o que é a Arqueologia e Antropologia fosse ampliada. Em suas aulas eu passei a ter um primeiro contato sobre o que é fazer arqueologia na Amazônia. Queria agradecer ao secretário Antônio Carlos por sua eficiência e

Gostaria de agradecer a todas as pessoas que me auxiliaram para que esta pesquisa saísse. Agradeço as minhas amigas Amanda Viveiros, Sabrina Fernandes, Victória Costa e Cibelly Figueiredo por estarem sempre disponível para ouvirem as dúvidas, as angústias, os medos, as alegrias, as ideias e por darem dicas, conselhos e principalmente acalmar e incentivar a seguir em frente. Queria agradecer a minha ex-professora da graduação Karen Melo, a nossa conversa via skype foi fundamental para eu começar a entender o que é Arquitetura. Agradeço ao meu primo William Pequeno por me dar o suporte técnico para converter imagens, configurar o word, o pdf, o autocad e etc. A minha tia Waldete Pequeno por permitir que eu fizesse parte das impressões em sua casa.

Não posso esquecer da minha prima Thalia Pereira, meu pai André Seabra e amiga Laura Sofia que me acompanharam em uma saída de campo e fizeram fotos lindíssimas do

educandário, além de me contarem mais algumas histórias do local. Não poderia esquecer de agradecer a turma do ano de 2017 do Curso de Museologia da UFPA e ao arquiteto e arqueólogo do Museu Paraense Emílio Goeldi Dr. Fernando Marques pela participação e auxílio em uma das saídas de campo. Também queria agradecer aos funcionários da Hemeroteca da Biblioteca Arthur Viana da Fundação Cultural do Estado.

Agradeço muito mais que especialmente a quatro pessoas que foram fundamentais para esta pesquisa. Dizer muitíssimo obrigada a elas é pouco: A minha prima Carol Seabra agradeço a disposição em me acompanhar até a Ilha de Cotijuba para tirar as medidas, por fazer a planta baixa e por esclarecer algumas dúvidas sobre construções ao longo de todo o processo e por apresentar o Celso; ao Celso Vieira agradeço a disponibilidade em fazer a planta baixa e fazer muitas vezes além do que era pedido, agradeço também a sua paciência por esclarecer as várias dúvidas sobre arquitetura. As plantas e imagens do educandário feitas por ele estão perfeitas e foram fundamentais para compreensão deste espaço; a Juliana Brandão agradeço a paciência e disponibilidade, mesmo sem nos conhecermos direito, para explicar e corrigir via Skype e e-mail a análise alfa e gamma, que foram muito difíceis para compreender. Se não fosse esses encontros virtuais existiriam alguns erros na aplicação destas metodologias; e ao Caio Veiga agradeço a paciência e disponibilidade de estar presente em todos os momentos desta pesquisa, ajudando na parte prática como também ajudando a refletir sobre as características do educandário. As nossas conversas eram ótimas e clareavam as minhas ideias. A todos eu serei sempre grata.

Com ajuda de todos vocês consegui terminar esta pesquisa. E com toda a certeza, entrar neste programa de pós-graduação, nesta universidade, com a turma linda do Mestrado 2017, foi a decisão mais acertada que fiz em minha vida. Estou saindo uma outra pessoa.

Muito obrigada!

Resumo

Por mais de 30 anos a ilha de Cotijuba (Belém – PA) abrigou no mesmo espaço três diferentes instituições (colônia reformatória, educandário e presídio) que tinham como propósito a educação e recuperação do indivíduo para o convívio na sociedade no início do século XX. A arquitetura deste local é grandiosa e chama a atenção sempre que se chega a esta ilha. Esta pesquisa faz um levantamento histórico inicial de quais contextos e motivos este educandário foi criado no início da década de 1930 e o que levou o seu fechamento no final da década de 1970. A partir disso, busca compreender como a arquitetura de toda esta construção foi utilizada como mais uma forma de controle dos internos e, também, entender como a disciplina se materializou e se perpetuou por anos nesta arquitetura. Para isso, se utiliza da abordagem da arqueologia da arquitetura para atingir os objetivos, a partir de três metodologias dessa área: análise espacial, gamma e alfa. Com isso, é possível responder a pergunta principal, que é: como a disciplina se materializou na arquitetura do educandário Dr. Nogueira de Faria?

Palavras-chaves: arqueologia da arquitetura, instituições totais, Amazônia

Abstract

For more than 30 years, the island of Cotijuba (Belém - PA) has housed three different institutions (reformatory colony, school and prison) that had as their purpose the education and recovery of the individual to live in society. The architecture of this place is great and it draws attention whenever you arrive at this island. This research makes an initial historical survey of what contexts and motives this school was created in the early 1930s and what led to its closure in the late 1970s. From this, it seeks to understand how the architecture of all this construction was used as another form of control of the inmates and, also, to understand how the discipline materialized and was perpetuated for years in this architecture. To do this, we use the architecture archeology approach to reach the objectives, based on three methodologies in this area: spatial, gamma and alpha analysis. With this, it is possible to answer the main question, which is: how did the discipline materialize in the architecture of the educational Dr. Nogueira de Faria?

Key words: archaeology of architecture, total institutions, Amazon

Lista de Figuras

Figura 1: Chegada na Ilha de Cotijuba

Figura 2: Mapa de Localização da Ilha de Cotijuba

Figura 3: Ruínas do Engenho Fazendinha

Figura 4: Vista aérea atual da Penitenciária de Witzwill na Suíça

Figura 5: Nota a respeito das doações para a construção da colônia reformatória

Figura 6: Fotografia da colônia reformatória de Cotijuba antes da inauguração

Figura 7: Colônia Reformatória de Cotijuba

Figura 8: Vista da chegada de navio na Ilha de Cotijuba

Figura 9: Vista isométrica do Educandário Dr. Nogueira de Faria

Figura 10: Entrada principal do Educandário Dr. Nogueira de Faria

Figura 11: Negativo da localização da escada no cômodo 2

Figura 12: Imagem do banheiro (cômodo 4)

Figura 13: imagem da parte interna do cômodo 6

Figura 14: Planta baixa do prédio principal

Figura 15: Frases na parede do cômodo 6 no prédio principal

Figura 16: Parte interna do cômodo 7

Figura 17: Parte interna da cozinha

Figura 18: Imagem da fachada dos cômodos 16, 15, 14, 13 e 12

Figura 19: Pátio interno do lado direito (cômodo 24)

Figura 20: Planta baixa do prédio principal

Figura 21: Parte interna do cômodo 17

Figura 22: Imagem da parte interna do “auditorium” (cômodo 18).

Figura 23: Fachada do cômodo 22

Figura 24: Parte interna do cômodo 21

Figura 25: Pátio interno do lado esquerdo (cômodo 23)

Figura 26: “Moto charrete” utilizando a rua que corta a instituição

Figura 27: Planta da parte de trás do terreno

Figura 28: Fachada do prédio A com o forno ao lado

Figura 29: Fachadas do prédio B

Figura 30: Planta do prédio L

Figura 31: Fachada do cômodo 27

Figura 32: Parte interna do cômodo 27

Figura 33: Imagem com fachada dos cômodos 29, 30 e 31

Figura 34: Pátio (cômodo 26) em frente ao prédio L

- Figura 35: Caixas d'águas 1 e 2; poço
- Figura 36: Detalhe estilístico do prédio principal
- Figura 37: Esquadria de madeira com bandeira
- Figura 38: Planta baixa do Educandário Dr. Nogueira de Faria com as medidas
- Figura 39: Primeira etapa de confecção da planta baixa. Medição da estrutura ao redor do poço
- Figura 40: Obtendo as medidas dos prédios A e B
- Figura 41: Dr. Fernando Marques fazendo a medição da fachada
- Figura 42: Desenho da fachada do prédio principal. Vista frontal e lateral (esquerda e direita).
- Figura 43: Fachada do Educandário Dr. Nogueira de Faria
- Figura 44: Palitos espalhados pelo terreno indicando a localização dos vestígios encontrados durante a prospecção
- Figura 45: Parte de uma garrafa encontrada durante a prospecção superficial
- Figura 46: Imagem da entrada da Ilha de Cotijuba
- Figura 47: Divisão espacial do educandário
- Figura 48: Gráfico espacial do Educandário Dr. Nogueira de Faria
- Figura 49: Mapa axial do Educandário Dr. Nogueira de Faria
- Figura 50: Linhas axiais e seus valores de assimetria relativa
- Figura 51: Exemplo de gráfico resultante da análise gamma
- Figura 52: Conexões existentes entre os cômodos e os prédios
- Figura 53: Gráfico gamma do Educandário Dr. Nogueira de Faria
- Figura 54: Visão do segundo piso
- Figura 55: Vista aérea do educandário com um círculo representando a visão do segundo andar desta instituição
- Figura 56: Visão do prédio principal para a praça e trapiche da ilha de Cotijuba
- Figura 57: As linhas em azul mostram o “tortinho” presente na fachada e as paredes retas e tortas que existem no educandário
- Figura 58: Última parede do lado esquerdo do prédio principal
- Figura 59: Aumento do pé direito na parede direita do cômodo 4

Introdução	12
1. A Ilha de Cotijuba	27

2. Descrição do Objeto	38
2.1. Confeção da planta baixa	59
3. Metodologia.....	66
3.1. Análise espacial	67
3.2. Análise Alfa	69
3.2.1. Aplicação da análise alfa para o Educandário Dr. Nogueira de Faria.....	71
3.3. Análise Gamma	76
3.3.1. Aplicação da análise gamma no Educandário Dr. Nogueira de Faria	78
4. Arquitetura disciplinar e panóptica	83
4.1. O que as suas paredes dizem?	91
Considerações Finais.....	98
Referências bibliográficas.....	102
Anexos	106
Anexo I. Identificação dos prédios e o número dos cômodos.....	106
Anexo II. Mapa espacial	107
Anexo III. Prancha 01.....	108
Anexo IV. Prancha 04.....	109
Anexo V. Prancha 05	110
Anexo VI. Prancha 08.....	111
Anexo VII. Cálculo de assimetria relativa para análise alfa.....	112
Anexo VIII. Tabelas com os dados e cálculos da análise gamma	115

Introdução

Quando se chega na Ilha de Cotijuba de navio já é possível avistar, por entre as árvores, uma grande construção, com aparência antiga. Assim que se desce do navio já não é possível mais visualizá-la, mas, a cada passo dado para entrar na ilha, esta construção volta a aparecer e fica cada vez maior e mais imponente na paisagem (figura 1). Quando se olha rapidamente, ela passa a impressão de estar “bem preservada”, pois as paredes de sua fachada ainda encontram-se todas erguidas, no entanto, quando se olha com um pouco mais de atenção é possível perceber que já não existe mais o teto, nem portas e nem janelas. Esta construção é o vestígio da antiga colônia reformatória, educandário e presídio que existiram entre as décadas de 1930 e 1970 na ilha. Seu nome oficial, atualmente, é Educandário Dr. Nogueira de Faria, mas este local é também conhecido como presídio ou prisão de Cotijuba.



Figura 1: Chegada na Ilha de Cotijuba. Foto: Amanda Seabra

Este local foi criado para atender a um propósito bastante claro na época, a educação e “recuperação” de pessoas que cometeram algum tipo de crime na cidade de Belém. A princípio,

atendeu os menores de idade e depois passou a receber exclusivamente os adultos. Uma característica que chama atenção neste local é o fato de não ter muros ao redor, e a parte de trás do terreno ser aberta, não existindo nenhum tipo de grade ou portão que separasse os prédios do educandário do restante da ilha. Então, nasce uma dúvida, como é que a equipe administrativa tinha o controle dos internos em um ambiente “aberto”? E como este local funcionou por mais de trinta anos com três diferentes instituições que, tradicionalmente, possuem um espaço bem delimitado e normalmente fechado para o ambiente ao seu redor? Como o controle se materializou e se perpetuou por tanto tempo em sua arquitetura?

Quando se observa com atenção a Arquitetura deste espaço, mais dúvidas vão surgindo, pois neste local as janelas são grandes e sem resquícios de grades, mas também tem janelas fechadas com tijolos. Existem espaços grandes e iluminados, mas, também existem espaços pequenos e pouco iluminados. Ao caminhar por esse lugar é possível sentir uma mistura de sensações: sensação de vigilância e de liberdade.

Apesar de todas essas suas características, não foram desenvolvidas muitas pesquisas sobre o educandário, por conta disso, no início houve muita dificuldade para conhecer a história deste local. A princípio, foram encontradas várias pesquisas em relação a geografia e geomorfologia da ilha, sobre: flora e fauna; aumento populacional a partir da década de 1990; o turismo; a vida social; a educação em uma ilha e etc., mas nada que falasse especificamente da colônia, do educandário ou do presídio. A partir desta realidade, optou-se por procurar artigos, capítulos, notas e reportagens que tratassem sobre esta instituição e, assim, surgiram pesquisas nas áreas de geografia, ciências sociais e da educação, com capítulos que relatavam de maneira breve o histórico da Ilha de Cotijuba e do educandário. Mesmo com todos os esforços, não foram muitas as pesquisas sobre a colônia, o educandário ou o presídio.

Dentro da área da história existem pesquisas desenvolvidas sobre um antigo engenho de embranquecimento de arroz do século XVIII, como a pesquisa de Guerra (2001) intitulada “*O poder das marés na Região Amazônica no final do século XVIII e início do XIX. O Engenho de Cotijuba, Belém, Pará*”. E sobre o educandário, especificamente, existe um trabalho de conclusão de curso da área de Ciências Sociais da UFPA de Amaral (1992) intitulada de “*Registro Histórico de Cotijuba: uma análise da Colônia Reformatória de Cotijuba*”, mas não foi possível ter o acesso. Tem-se conhecimento sobre esse TCC porque ele é citado em outras pesquisas.

Para ter mais conhecimento sobre o educandário, outras fontes de informações foram consideradas. Houve uma tentativa nos documentos oficiais, mas em um primeiro momento não foi possível, pois o arquivo público da cidade¹ estava fechado. Após a sua reabertura, não foram encontrados muitos documentos, apenas alguns informando que o diretor oficial estaria fora temporariamente e o seu substituto estaria administrando. Em seguida, tentou-se obter mais informações no Centro de Memória da Amazônia², mas não houve acesso, pois segundo o que seus funcionários informaram, eles não tinham encontrado nenhuma informação sobre o educandário, até então, nos documentos.

A terceira opção e a mais satisfatória foi a hemeroteca da Biblioteca Pública Arthur Vianna da Fundação Cultural do Estado, onde houve o acesso a alguns jornais do início da década de 1930 onde haviam reportagens do período de construção e da inauguração da colônia reformatória. Estas reportagens foram de extrema importância para esta pesquisa, primeiramente elas apresentaram qual era a realidade da cidade de Belém no início da década de 1930, onde, segundo essas reportagens, os índices de criminalidade estavam crescendo, principalmente entre os jovens.

Com as outras reportagens, foi possível ver que toda a estrutura que existe hoje em dia foi sendo construída aos poucos. Na reportagem do jornal Diário do Estado, do dia da inauguração da Colônia Reformatória de Cotijuba, o jornalista detalhou todo o espaço que estava sendo inaugurado e ainda relatou quais eram os planos que os administradores tinham para aquela instituição e quais seriam as próximas obras a serem iniciadas no local. A principal informação que esses jornais passaram foi de que, na época, a chegada desta instituição era bastante aguardada e é deduzido que ela era vista como a solução do problema da criminalidade em Belém.

Junto com as pesquisas acadêmicas e reportagens de jornais, foi possível ter acesso a um livro, que se encontra digitalizado no site da Fundação Cultural do Estado, escrito pelo desembargador Dr. Nogueira de Faria, o idealizador de todo aquele espaço, intitulado de “*A Caminho da História*”. Neste livro, o desembargador Nogueira de Faria conta como era o

¹ O Arquivo Público do Estado do Pará, localizado na cidade de Belém, ficou fechado por alguns anos para reformar do seu prédio. Toda a documentação do arquivo mudou de lugar duas vezes ao longo desta reforma e para realizar pesquisas em seus documentos era necessário marcar com antecedência, mas as vezes que entramos em contato para marcar um dia, fomos informados de que a pesquisa no arquivo estava suspensa. A reabertura do arquivo público ocorreu apenas no final do ano de 2017.

² Este centro está vinculado ao Tribunal de justiça do Estado e possui uma parceria com a Universidade Federal do Pará para a manutenção e organização deste local. Nele encontram-se documentos relacionados principalmente a inventários e registros de casamentos.

governo da época de Magalhães Barata, e qual foi a sua inspiração para a construção da colônia reformatória de Cotijuba; o desembargador sentia um incômodo muito grande ao ver as crianças no mundo da criminalidade e também de as ver em prisões junto com os adultos. A partir dessa realidade, Nogueira de Faria decidiu criar a Colônia Reformatória de Cotijuba. Com este livro, é possível ter um pouco mais de conhecimento do contexto da época, agora do ponto de vista de um desembargador de influência. Além disso, este livro dá a possibilidade de saber como era o Nogueira de Faria, seu modo de pensar e agir.

Para estudar, ter conhecimento sobre este local e compreender seu funcionamento, optou-se por utilizar, além das pesquisas nos documentos, a Arqueologia da Arquitetura pois esta área da arqueologia possui as ferramentas metodológicas necessárias para atingir os objetivos que são: saber como a disciplina se materializou e se perpetuou naquela arquitetura por tantos anos e estudar a história do edifício a partir do ponto de vista da Arqueologia da Arquitetura. Primeiramente precisa-se dizer que, nesta pesquisa, acredita-se que a Arquitetura reflete a hierarquia, o modo de agir e de pensar de determinada época de uma sociedade. A Arquitetura é um vestígio que possui muitas informações intrínsecas por entre as suas paredes e organização dentro do espaço que revelam muitas coisas sobre a sociedade que fez parte, basta ter uma visão treinada para fazer a leitura de uma comunicação não-verbal.

Mas o que é Arqueologia da Arquitetura? Para entender o que é este ramo da ciência arqueológica, primeiramente, precisa-se entender o que é Arqueologia e o que é Arquitetura, para em seguida compreender a Arqueologia da Arquitetura. Pode-se dizer que a Arquitetura é um fenômeno cultural, que organiza as formas de relação dos indivíduos com o espaço e, também, a relação entre os próprios indivíduos dentro do espaço. A Arquitetura é a ciência que irá estudar e construir esses ambientes, de acordo com interesses da sociedade de uma determinada época. Segundo o dicionário Larousse (2014), arquitetura vem do latim *architectura* e “*significa a arte de projetar e construir edifícios*”.

Em seu livro “Saber Ver a Arquitetura” (2002) Bruno Zevi diz que é preciso explicar e analisar em conjunto os pressupostos sociais, intelectuais, técnicos, figurativos e estéticos pois, todos esses pressupostos se encontram dentro das obras arquitetônicas, eles “*apresentam a cena sobre a qual nasce a arquitetura (...) são sempre o produto da coexistência e do equilíbrio de todos os componentes da civilização em que surgem*” (pp. 54). Com esta consideração, fica mais perceptível todos os tipos de influência que as obras arquitetônicas sofrem e, por conta

disso, é possível constatar que essas obras não são construídas de maneira ingênua, elas possuem vários outros componentes que deixam marcas em suas estruturas e fachadas.

Aldo Rossi (2001) e Bruno Zevi (2002) apresentam várias formas de interpretação que podem ser feitas a partir da arquitetura, sendo que Zevi classifica e aborda cada interpretação de maneira mais específica que Rossi, além da interpretação técnica e artística. Esses autores dizem que a interpretação política, econômica, social, filosófica, científica, materialista, formalista e espacial são importantes. Com isso, esses dois autores querem dizer que a Arquitetura é muito mais do que o simples ato de projetar e construir edifícios e/ou ambientes, ela é uma forma de organização do espaço onde as pessoas irão interagir e, por esse motivo, é uma criação humana:

“A arquitetura corresponde a exigências de natureza tão diferentes que descrever adequadamente o seu desenvolvimento significa entender a própria história da civilização (...).” (Rossi, 2002: 53).

Existe, também, outra vertente de pensamento sobre a arquitetura, no qual esta é tomada como uma forma de comunicação da sociedade (Zarankin 2002, Matos et al 2010, Tavares et al 2014). Então, o objeto arquitetônico é pensado e construído pelo ser humano para atender as suas necessidades e seus interesses, logo ele pode ser classificado como cultura material. Por conseguinte, não é de se estranhar que haja uma área de pesquisa dentro da arqueologia voltada para compreendê-la.

Na apresentação do seu livro “Ossos do Ofício” Klaus Hilbert (2016: 10) diz: “*Os arqueólogos contam histórias para as pessoas sobre outras pessoas em outros lugares e em outros tempos.*” A partir dos vestígios, os arqueólogos, buscam compreender as sociedades de uma determinada época, pesquisando sobre o modo de vida, o cotidiano de seus antigos habitantes, sobre a vida, sobre a morte, momentos de alegria, momentos de tristeza, momentos que precisam ser lembrados para não serem repetidos e entre outros momentos. Explicando de maneira simples e direta, a Arqueologia é a ciência que estuda as sociedades, desde a pré-história até períodos contemporâneos com base em todo o vestígio material deixado pelo ser humano, ou seja, vestígios da cultura material de uma sociedade. O seu objeto de estudo é o vestígio da cultura material, sendo a cultura material tudo aquilo que o homem modifica ao seu redor, que pode ser do passado ou do presente (Lima 2011).

Assim, a Arqueologia utiliza desde as pequenas cerâmicas, as louças, as maiores e as mais modestas construções, as ferramentas feitas de pedras, as transformações na paisagem, a organização do espaço, ou seja, tudo aquilo que é fruto da criação humana para construir

narrativas de outras pessoas, de outras sociedades, em outros tempos que podem ser a sociedade e o tempo que o arqueólogo está vivendo (Zarankin 2002, Trigger 2004, Lima 2011). O estudo da cultura material ultrapassa os limites da Arqueologia, mas ela é a principal fonte que a ciência arqueológica possui, sendo muitas vezes esses vestígios as únicas informações que os arqueólogos possuem sobre um determinado local.

Além de estudar o passado, a Arqueologia também busca compreender as características das sociedades contemporâneas. Muitas vezes se pensa que uma determinada característica ou problema é novo, mas ao olhar para o passado é possível descobrir que algumas sociedades já passaram algo parecido com o que é enfrentado hoje em dia. A partir dos dados arqueológicos, pode ser possível compreender a origem dos problemas e oferecer uma solução para ele. Então, a Arqueologia não é a ciência que estuda apenas o passado, ela também é capaz de estudar o presente, posto que a humanidade não parou de produzir materialidade. As dúvidas e pesquisas sobre o passado nascem no presente, a partir de questionamentos e dúvidas do presente e trazem conforto e/ou angústias para o presente.

A cultura material é, também, uma das maneiras em que as dores, as alegrias, as tristezas, os sentimentos e emoções das pessoas tomam forma. Aldo Rossi (2001) diz que em um hospital “ (...) *a dor é uma coisa concreta. Está nas paredes, nos pátios, nas enfermarias*” (pp. 144). Além disso, não pode ser esquecido que a cultura material exerce uma grande influência na vida das pessoas, ela é utilizada para afirmar identidades, marcar diferenças, definir e marcar territórios e espaços sociais, fortalecer a dominação e, conseqüentemente, aumentar e reforçar a resistência (Lima 2011). Logo, a arquitetura sendo uma criação humana, que tem características e informações sobre determinadas épocas e está muito presente em nossa sociedade, não poderia estar afastada das pesquisas arqueológicas.

A partir do surgimento do pós-processualismo³ os arqueólogos passam a perceber que a organização do espaço e as edificações, tanto do período colonial como no pré-colonial, são “(...) um produto cultural destinado a comunicação de uma informação que é manejada conscientemente e inconscientemente, pelo coletivo que a produziu (...)”⁴ (tradução da autora) (Borrazás *et al* 2002:17). Os primeiros trabalhos desenvolvidos no campo da Arqueologia da

³ Corrente teórica da arqueologia que surgiu a partir da década de 1980 e 1990 que passou a dar importância para outros significados que a cultura material possui. A partir desta época os artefatos não são pesquisados apenas por suas características funcionais, os outros usos que são dados passam a ser considerados, como por exemplo usos rituais (Johnson 2000, Trigger 2004).

⁴ “(...) *un producto cultural destinado a comunicar una información que es manejada, consciente e inconscientemente, por el colectivo que la construye (...)*”

Arquitetura ocorreram principalmente no âmbito das residências familiares. Uma das primeiras pesquisas foi a de Henry Glassie de 1975 intitulado “*Folk Housing in Middle Virginia: A Structural Analysis of Historic Artifacts*”, onde ele estudou as casas em uma comunidade na Virginia (EUA). Na época, este trabalho foi pioneiro pois apresentou a importância de se estudar a arquitetura “*folk*” ou vernácula para o contexto histórico (Quirós Castillo 2002, Borrazás *et al* 2002).

Posteriormente, Bill Hillie e Julienne Hanson em 1984 publicam o livro “*The Social Logic of Space*”, onde eles desenvolveram os modelos alfa e gamma que auxiliam na compreensão da organização dos espaços abertos e dos espaços internos de prédios e residências. Após essa publicação, Luis Caballero Zoreda publica em 1995 um artigo intitulado “*Métodos para el análisis estratigráfico de construcciones históricas o lectura de paramentos*”, na qual o autor ensina como fazer análise estratigráfica em um edifício histórico, uma das principais metodologias utilizadas na Arqueologia da Arquitetura ainda nos dias de hoje (Quirós Castillo 2002, Borrazás *et al* 2002).

Neste mesmo período Sharon Steadman (1996) publica o seu trabalho intitulado “*Recent Research in the Archaeology of Architecture: Beyond the Foundations*” onde a autora realiza uma revisão no que estava sendo pesquisado de mais recente sobre a Arqueologia da Arquitetura. Ela aborda principalmente o contexto doméstico no Novo Mundo, Oriente próximo, Mesoamérica e Europa. Além disso, ela discute o que estava surgindo de novo, para aquela época, nas metodologias de análise dos vestígios arquitetônicos.

O principal impulso da Arqueologia da Arquitetura ocorreu com o avanço da arqueologia clássica, arqueologia medieval e arqueologia industrial pois, estes são os períodos com maior quantidade de vestígios arquitetônicos no contexto europeu. Outro motivo que levou ao desenvolvimento desta área de pesquisa foi o fato de que os edifícios passaram a ser vistos como uma cultura material viva, que contém uma história que atravessa o tempo, que passou por reparos e modificações que atenderam as necessidades e ideais de diferentes épocas, tornando-se assim um “documento histórico de caráter arqueológico, que portanto deve ser estudado com uma metodologia arqueológica⁵” (tradução da autora) (Borrazás *et al* 2002: 20). Juan Quirós Castillo (2002) e Maria Agudo (2009) dizem que foi na Itália o principal impulso

⁵ “*documento histórico de carácter arqueológico, y que por lo tanto debe ser estudiado com una metodología arqueológica.*”

da Arqueologia da Arquitetura, pois este país possuía no início do século XX muitos vestígios arquitetônicos bem conservados do período medieval, diferentemente, da Inglaterra que precisou reconstruir estas edificações após a segunda grande guerra.

As primeiras pesquisas realizadas sobre o período clássico e medieval abordavam as construções apenas sob a interpretação da História da Arte ou então da história da arquitetura. Sendo assim, essas pesquisas acabavam classificando as edificações apenas em um estilo e não ocorriam grandes interpretações sobre a função e/ou organização espacial da arquitetura naquele espaço. A Arquitetura não era vista, ainda, como uma das influenciadoras do comportamento das pessoas (Borrazás *et al* 2002; Santos 2013). A perspectiva da História da Arte não deixa de ser utilizada com o avanço das pesquisas e o desenvolvimento da Arqueologia da Arquitetura, mas deixa de ser a única. Outras leituras, como por exemplo a organização espacial, passam a fazer parte deste tipo de pesquisa. É a partir deste momento que a arquitetura passa a ser tratada como um importante registro histórico e arqueológico das sociedades.

A arquitetura deixa de ser abordada apenas como algo feito para suprir as necessidades dos homens e passa a ser vista como uma cultura material que possui reflexos da sociedade em que está inserida, além de ser um importante meio que acaba influenciando o comportamento das pessoas. Como exemplo, podem ser apresentadas as pesquisas produzidas por Andrés Zarankin abordando como os diferentes tipos de arquitetura moldam o comportamento das pessoas sem notarmos, os locais estudados por este pesquisador são as casas, as escolas e os bancos (Zarankin 1999, 2002).

Nesta mesma época, podemos também citar, o trabalho desenvolvido por Patricia Borrazás, Rebeca Rotea e Xurxo Vila intitulado de “*Arqueotectura 1: Bases teóricas – metodológicas para una Arqueología de la Arquitectura*” (2002) onde as autoras apresentam novas perspectivas aos estudos arqueológicos e históricos da arquitetura e do espaço construído. Nesta publicação são apresentados os resultados preliminares das pesquisas realizadas especificamente pelo Laboratório de Arqueologia, coordenado, na época, pelo Dr. Felipe Criado Boado. Esta produção está dividida em duas partes: primeiramente, as autoras apresentam as principais teorias e metodologias desenvolvidas e utilizadas na Arqueologia da Arquitetura (pesquisa documental e em arquivos, análise estratigráfica e análise interpretativa). Em seguida elas apresentam uma nova maneira de olhar e estudar o registro arquitetônico, que elas denominarão de Arqueotectura.

A Arqueotectura seria uma tentativa de interdisciplinaridade entre arqueologia e arquitetura mais profunda do que é realizado com a Arqueologia da Arquitetura. Não sendo

apenas uma análise interpretativa, mas, também, uma técnica que responderia os problemas levantados pela existência do Patrimônio Arqueológico, além de gerar conhecimento para a própria sociedade. Na segunda parte desta produção são apresentados dois estudos de casos onde as teorias e metodologias da Arqueotectura são aplicadas. O primeiro é um plano de trabalho desenvolvido para o “*Plan de Control y Corrección de Impacto Arqueológico de la Red de Gasificación de Galicia*”. O segundo estudo é sobre um “*Plan de Revaloración*” consequente do planejamento urbano de uma zona periférica da cidade A Coruña.

No ano de 2002 surge uma revista científica na Espanha intitulada “*Arqueología de la Arquitectura*”, com co-edição do *Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC)* e da *Universidad del País Vasco/Euskal Herriko Unibertsitatea-UPV/EHU*. Esta revista tem o intuito de discutir e divulgar a nova perspectiva da arqueologia da arquitetura que estava surgindo neste período, chegando a sua 14^o edição no ano de 2017, mostrando sempre o que há de mais recente e repensando a Arqueologia da Arquitetura (Garai-Olaun 2010, Zoreda e Castillo 2002). Em sua última edição, seus artigos estão voltados para a parceria da pesquisa entre arqueologia, arqueologia da arquitetura e paisagens. A maioria das pesquisas publicadas apresentam estudos sobre um local ou construção em diferentes tempos, mostrando as transformações do espaço e da paisagem em dois períodos temporais diferentes.

Mais recentemente, Raquel Santos (2010) publicou a sua pesquisa intitulada “*Arqueologia da Arquitectura. Perspectivas Metodológicas*” onde a autora faz uma revisão do como está a Arqueologia da Arquitetura e explica todo o processo de desenvolvimento de pesquisa desta área, explicando também a sua metodologia. Esta pesquisa pode ser considerada como uma base introdutória para pesquisadores que queiram trabalhar com a temática, pois Santos (2010) consegue nos apresentar de maneira simples e clara como são aplicadas as metodologias necessárias, como se inicia um trabalho em arqueologia da arquitetura e como organizar as várias informações que serão produzidas. Os principais contextos que Santos (2010) aborda em sua pesquisa, são as intervenções em edifícios históricos por meio de ações de reforma do espaço. A autora criou um Diagrama de Atividades, buscando servir de apoio para trabalhos futuros nesta área, atendendo os principais requisitos da Arqueologia da Arquitetura. Além de ser flexível para se adaptar as características particulares de cada sítio arqueológico, este diagrama será de muita valia neste contexto que a pesquisadora atua.

Outra pesquisa é a de Juliana Brandão Moreira, de 2015, intitulada “*Arquitetura que enlouquece: Poder e Arqueologia*”. Nesta pesquisa, a autora analisa um antigo Hospital Psiquiátrico Infantil na cidade Belo Horizonte (Minas Gerais – Brasil) e busca compreender

como a arquitetura deste hospital foi moldada para o tratamento da loucura e outras doenças mentais das crianças no início do século XX.

No contexto amazônico existe a pesquisa desenvolvida por Marcus Correa (2005) intitulada *“Da Capela Carmelita a Catedral Metropolitana de Manaus (AM): Uma Arqueologia da Arquitetura”*. Nela o autor utiliza a Arqueologia da Arquitetura para compreender a transformação de capela construída no século XVII até chegar a dimensão atual de Catedral metropolitana. Outra pesquisa realizada neste mesmo contexto foi a dissertação e livro de Rhuán Carlos dos Santos Lopes (2013) intitulado *“O Melhor Sítio da Terra’ Colégio e Igreja dos Jesuítas e a paisagem da Belém do Grão-Pará. Um Estudo de Arqueologia da Arquitetura”*. Esta pesquisa analisou como a arquitetura deste colégio e da igreja se configuraram como uma paisagem de poder dentro do centro histórico de Belém.

A partir dos exemplos de algumas pesquisas citadas acima, é visto o desenvolvimento, com o passar do tempo, da Arqueologia da Arquitetura e é notório, através dos títulos, que esta área de pesquisa se consolidou tanto teoricamente como metodologicamente, inclusive alterando os contextos de atuação, saindo do ambiente doméstico e analisando outros ambientes construídos como o ambiente religioso, as escolas, os bancos e os hospitais. Assim, com o avanço da Arqueologia da Arquitetura, os prédios e/ou os ambientes construídos deixam de ser vistos como artefatos neutros que foram construídos apenas para atender as necessidades das pessoas e passam a ser vistos como artefatos carregados de valores e significados, que foram pensados e construídos com o intuito de controlar, regular, organizar, hierarquizar e formar as pessoas para que estas estejam aptas a viver em nossa sociedade. Essas construções passam a ser entendidas, também, como mais uma forma de manutenção do poder dos grupos dominantes dentro da sociedade, ou seja, um artefato que possui uma grande influência no modo de vida das pessoas que passam por ele, pois normalmente as construções representam instituições que ditam e/ou controlam as regras de convivência existentes dentro de uma sociedade. Essas regras podem estar expostas de maneira explícitas em suas fachadas e decorações ou, então, podem estar implícitas na maneira como o espaço foi pensado e construído.

Borrazás *et al* (2002: 19) diz que a Arqueologia da Arquitetura apresenta três aspectos fundamentais que são:

“- A Análise da informação apontada pelos vestígios materiais denominadas construções históricas mediante ferramentas metodológicas provenientes da arqueologia.

- Sua interpretação, que permitirá a compreensão em primeiro lugar da gênese do edifício e em segundo lugar da sociedade do passado que o gerou e modificou.

- *E sua gestão, que abrangeria tanto a difusão dos dados como seu valor.*
⁶(tradução da autora)”

Arquitetura como linguagem não-verbal

Todos têm o conhecimento de que a partir da linguagem verbal é possível haver comunicação com o outro, expor ideias e sentimentos. Mas, existe outro tipo de linguagem que se expressa por meio da cultura material, como as roupas, acessórios e, claro, a arquitetura. Esta é chamada de linguagem não-verbal, assim, esse tipo de linguagem contém um sistema de signos que podem ser lidos como um texto. Lima (2011) diz que a partir da cultura material, as pessoas dizem coisas que não podem ser proferidas verbalmente, suas opiniões são expressas de maneira silenciosa e é aí, segundo a autora, que “*reside a sua força*” (pp. 19).

A Arquitetura é um tipo de comunicação não-verbal que tem seus significados ocultos em suas formas, cores, texturas, linhas, organização espacial, na decoração (ou pela sua falta) de sua fachada. Para compreendê-los é necessário que o pesquisador tenha um olhar treinado para ir além da aparência e buscar entender o significado de cada símbolo que está encoberto. A sua linguagem é de caráter universal e se modifica suavemente para se adaptar ao contexto que pertence:

“As obras arquitetônicas (...) são participantes de uma linguagem universal. Mas, mais que isso, essas obras expressam-se de maneira diferente, compondo estilos diversificados (...) de acordo com o tempo histórico, o espaço geográfico e a finalidade para que foram construídas. São modelos particulares de expressão e linguagem, que representam diferentes grupos sociais e profissionais.” (Matos et al 2010: 116)

Para muitos, a comunicação da arquitetura encontra-se apenas na estética da sua fachada. Mas lá é apenas o início, a sua comunicação se estende para o interior do ambiente, tanto através da decoração e do mobiliário quanto através da organização daquele espaço. Todo este conjunto de coisas exerce grande influência na vida das pessoas, provocando os sentidos, mexendo com as emoções, em síntese, influenciando as pessoas que frequentam, moldando seus corpos, suas falas e suas atitudes (Tavares et al 2014). Isso ocorre pelo simples fato de que a arquitetura é previamente pensada pelo arquiteto e por quem encomendou a obra, logo, a obra

⁶ “· *El análisis de la información aportada por los restos materiales denominados construcciones históricas mediante herramientas metodológicas procedentes de la Arqueología.*
· *Su interpretación, que permitirá la comprensión en primer lugar de la génesis del edificio y en segundo lugar de las sociedades pretéritas que lo generaron y modificaron.*
· *Y su gestión, que englobaría tanto la difusión de los datos como su puesta en valor.”*

arquitetônica ao ser construída terá que respeitar e seguir as regras e as necessidades da sociedade que pertence (regras estas conhecidas pelo arquiteto) e terá que se adequar aos desejos e interesses de quem encomendou (Matos *et al* 2010 e Tavares *et al* 2014).

Nas sociedades, a arquitetura possui duas funções distintas: uma que é apenas utilitária para atender as necessidades das pessoas e a outra é a função simbólica que sempre estará oculta entre as formas e funções (Steadman 1996). Então, decodificar estas mensagens simbólicas da arquitetura é uma maneira de se obter respostas sobre as necessidades e comportamentos culturais da sociedade.

As ideias e ações das pessoas se materializam de diversas maneiras, e as obras arquitetônicas são uma dessas formas de materialização. Por exemplo, a presença, a ausência ou a supressão de uma porta ou janela podem estar carregados de informações mais do que se pode imaginar. As portas, por exemplo, representam locais de passagem entre dois ambientes, normalmente um interno e outro externo, caracterizando assim uma forma de controle de circulação de pessoas que terão acesso a privacidade ou, então, terão acesso ao ambiente público (Steadman 1996).

A pesquisa realizada pela arqueóloga Beatriz Thiesen (2006) intitulada “*Significados nas representações escultóricas da fachada da Cervejaria Boop & Irmão, Porto Alegre*” é um exemplo de decodificação não-verbal da arquitetura. A fachada desta fábrica era uma obra de arte e de arquitetura à parte de toda a estrutura do prédio; nela se concentram vários símbolos (como o elefante, o mercúrio, lúpulo, espigas de cereais, entre outros) que possuem diferentes significados que os donos da fábrica gostariam de transmitir. Thiesen informa que a organização destas imagens na fachada da fábrica também é uma forma de transmissão de mensagens. As imagens na parte superior da fachada estão voltadas para um público mais “culto” que conseguiria decifrar as mensagens contidas, e outra parte da fachada estaria voltada para o público “comum”, aquele que consome a cerveja. Além disso, Thiesen também informa que a outra mensagem que o grupo queria demonstrar era que existe uma hierarquia na sociedade, cada um tem seu espaço e “*cada um deve saber qual é o seu lugar e, a partir desse lugar, pode aspirar posições mais elevadas na estrutura social. E a cerveja da Bopp & Irmãos poderá conduzir esta escalada.*” (Thiesen 2006).

Outro exemplo de comunicação não-verbal da arquitetura é proveniente da dissertação defendida por Karol Gillet Soares (2008) sobre as residências da burguesia da cidade de Belém na *Belle Époque*, intitulada “*As Formas de Morar na Belém da Belle Époque (1870-1910)*”.

Neste trabalho, Soares informa que a riqueza proveniente da venda da borracha para o exterior se materializou no ambiente urbano da cidade. Eram as casas que caracterizavam as principais mudanças ocorridas neste período, visto que elas representavam a ideia de modernidade e progresso que estava vigente na época. Soares diz que a burguesia rica da cidade comprava os melhores materiais e contratava os melhores arquitetos para a construção de suas residências. A burguesia menos rica desta época comprava materiais de construções mais baratos e contratava os arquitetos mais acessíveis, mas exigia que a sua residência ficasse com a aparência de utilização do melhor material existente, pois era necessário que ficasse claro para quem olhasse de fora que aquela era a casa de uma família rica, importante e moderna de Belém.

Outro exemplo de pesquisa que consegue ler a linguagem da arquitetura é a de Andrés Zarankin (2002) intitulada de *“Paredes que Domesticam: Arqueologia da Arquitetura Escolar Capitalista. O caso de Buenos Aires”* que analisou a arquitetura dos prédios escolares da cidade de Buenos Aires a partir do século XIX até o século XX, e como esta arquitetura era utilizada como forma de controle e domesticação (termo utilizado pelo autor) das crianças para o modo de vida que é imposto pelo capitalismo. O autor analisou a organização espacial das salas de aula, analisou a circulação interna dos prédios, a distância que as salas estavam do ambiente externo e como esta organização espacial contribuiu para que a escola tivesse o controle dos alunos. Zarankin (2002: 36) diz que a partir do século XVIII os grupos do poder passaram a perceber que era importante ter um controle maior sobre as construções materiais no espaço, em função disso: *“O planejamento das cidades e as estruturas dentro destas passam a ser políticas de Estado, para assim enfrentar o caos gerado pelas transformações da revolução industrial.”*

Com estes três diferentes exemplos, procurei apresentar distintas formas de leituras da comunicação não-verbal que existem por trás das fachadas e das construções arquitetônicas, pois, quando se olha para estas edificações se vê apenas uma fábrica de cerveja, casas que possuem a função de abrigo e escolas que possuem a função de educar as crianças. Após as pesquisas resumidamente apresentadas aqui, outras intenções são vistas, além de se ter uma fachada com uma decoração diferente no caso da fábrica, de se possuir uma residência ou a desmitificação da escola como um lugar neutro dentro da sociedade.

Com o avanço nas pesquisas em Arqueologia da Arquitetura, o ambiente construído e/ou o edifício passam a ser vistos como artefato vivo, que foi criado pelo homem com técnicas construtivas específicas para atender as necessidades, interesses e ideias de uma determinada época. Onde poderá posteriormente passar por uma reforma ou remodelação para atender aos

interesses de um novo período. É inegável que a arquitetura possui significados que ultrapassam as necessidades dos seres humanos; as obras arquitetônicas possuem ideologia de quem o construiu e refletem os diferentes tipos de relações que existem entre as pessoas.

A Arqueologia da Arquitetura é a área de investigação dentro da arqueologia e da arquitetura que estudará as obras arquitetônicas com metodologias provenientes da ciência arqueológica para entender a história de um determinado edifício (ou ambiente construído), compreender a relação desta obra com as pessoas, analisar e interpretar as modificações que ocorreram ao longo dos anos na paisagem e na organização das pessoas dentro de um espaço, e assim aprender um pouco mais sobre a sociedade que ela está inserida. A partir das considerações e referências apontadas até aqui, esta pesquisa procura decodificar a comunicação não verbal que o Educandário Dr. Nogueira de Farias possui.

Foi apresentado, até então, o que é a Arqueologia da Arquitetura, mas um dos objetivos dessa pesquisa é entender como a disciplina se materializou na arquitetura do educandário. Para encontrá-la, me baseio nos estudos de Michel Foucault, nos seus livros *Vigiar e Punir* e *Microfísica do Poder*. Nestas leituras o autor diz que a partir dos séculos XVII e XVIII nasce um novo conceito de disciplina. A partir desses períodos:

“As disciplinas veicularão um discurso que será o da regra, não da regra jurídica derivada da soberania, mas o da regra ‘natural’, quer dizer, da norma; definirão um código que não será o da lei, mas o da normalização (...).” (Foucault, 2018:293).

Antes disso já havia uma disciplina nos quartéis, mas a partir dos séculos XVIII e XIX ela fica mais concentrada no modelamento dos corpos, na preparação desses corpos para seguir as regras da sociedade de maneira mais natural, para servir ao trabalho, para ser útil e para ter um corpo dócil. Para conseguir fazer isso, a disciplina vai atuar em diferentes instituições em diferentes áreas dentro dessas instituições. A partir disso, ocorre um controle das atividades, controle na organização e nos horários e com isso não é mais permitido “perder” o tempo que é dado por Deus e pago pelos homens. Este tempo precisa ser ocupado, e muito bem ocupado. A posição e movimentos do corpo passam a ser controlados e marcados pelo tempo e terão um direcionamento; os alunos passam a ser organizados em séries e os seus lugares dentro das salas de aula são escolhidos tendo como base idade e habilidades de cada um; os diferentes tempos que cada pessoa possui são adaptados a um tempo único para se obter mais rendimento dessas pessoas e etc. Estas são algumas das características que a disciplina exerce dentro das instituições.

Para conseguir cumprir o que foi descrito anteriormente, a disciplina precisará de um espaço organizado onde as pessoas estarão concentradas e receberão esses disciplinamentos. Cada característica acima exposta terá um reflexo na arquitetura das instituições que fizer parte, um exemplo disso é a organização e localização das salas de aula e da sala do diretor dentro de uma escola. Normalmente em uma escola, todas as salas de aulas estão localizadas em um mesmo espaço e a sala do diretor ficar em um local mais reservado. No capítulo quatro desta dissertação este conceito é melhor discutido e são apresentadas suas características na arquitetura. Então, o que essa pesquisa busca é como esta disciplina que molda os corpos e o comportamento das pessoas se materializou nas estruturas do educandário de Cotijuba.

Esta dissertação está dividida em quatro capítulos e considerações finais. No primeiro capítulo é apresentado o histórico da ilha de Cotijuba e do educandário Dr. Nogueira de Faria, contando desde o início da ocupação da ilha, mostrando quais foram as inspirações do Nogueira de Faria, em qual contexto ocorreu a construção e os motivos de seu fechamento. Neste capítulo o foco principal foi a história do educandário, mas isso ocorre pelo fato de a história da ilha e do educandário se confundirem, pois, muitas transformações ocorreram em Cotijuba após a chegada desta instituição. Mas, apesar deste foco, é possível ter a ideia de como ocorreu o desenvolvimento e ocupação desta ilha ao longo dos anos.

No segundo capítulo é possível encontrar a descrição detalhada do que é possível encontrar atualmente de toda a estrutura do educandário: características gerais, quantidade de prédios, de salas, janelas e etc.. Além disso, neste capítulo é apresentado como foi feita a planta baixa do espaço, já que a original não foi encontrada e também há um desenho da fachada do prédio principal.

No terceiro capítulo é apresentada as metodologias que foram utilizadas nesta pesquisa: análise espacial, análise alfa e análise gamma, respectivamente. Primeiramente é apresentado o que é e como são aplicadas essas metodologias, após a explicação, é apresentado como elas foram utilizadas para a compreensão do educandário e os resultados que cada metodologia proporcionou.

No quarto e último capítulo é feita a análise de todas as características desta instituição junto com os resultados obtidos de acordo com as características informadas por Michel Foucault sobre a disciplina e o panóptico. Além disso é feita uma análise da localização espacial da instituição dentro da ilha, das paredes retas e “tortinhas”. Para finalizar, as considerações finais, sintetizam o que foi discutido nessa dissertação.

1. A Ilha de Cotijuba

A história da Ilha de Cotijuba e do Educandário Dr. Nogueira de Faria se confundem, pois, por mais de 30 anos existiu naquela ilha, no mesmo local, a Colônia Reformatória de Cotijuba, o Educandário Dr. Nogueira de Faria e o Presídio de Cotijuba. De acordo com reportagens de jornais e pesquisas a ocupação e urbanização desta ilha ocorreu, principalmente, após a chegada da colônia reformatória. A criação da instituição foi apoiada pelo governo da época e muito bem divulgada pelos meios de comunicação. Este capítulo se inicia apresentando a ilha e a partir do momento que ocorre a criação da colônia reformatória, a atenção fica concentrada na história, organização e funcionamento desta instituição.

A Ilha de Cotijuba é uma das 42 ilhas que cercam a cidade de Belém (PA), sendo a terceira maior, uma das poucas com terra firme, possuindo uma área de 15 km², está distante 33 km de Belém e 90 km da foz da baía do Marajó. Seu acesso se dá somente por meio fluvial, sendo uma viagem com duração de 45 minutos (Rodrigues 2013). Sua localização e morfologia podem ser vistas na figura 2.

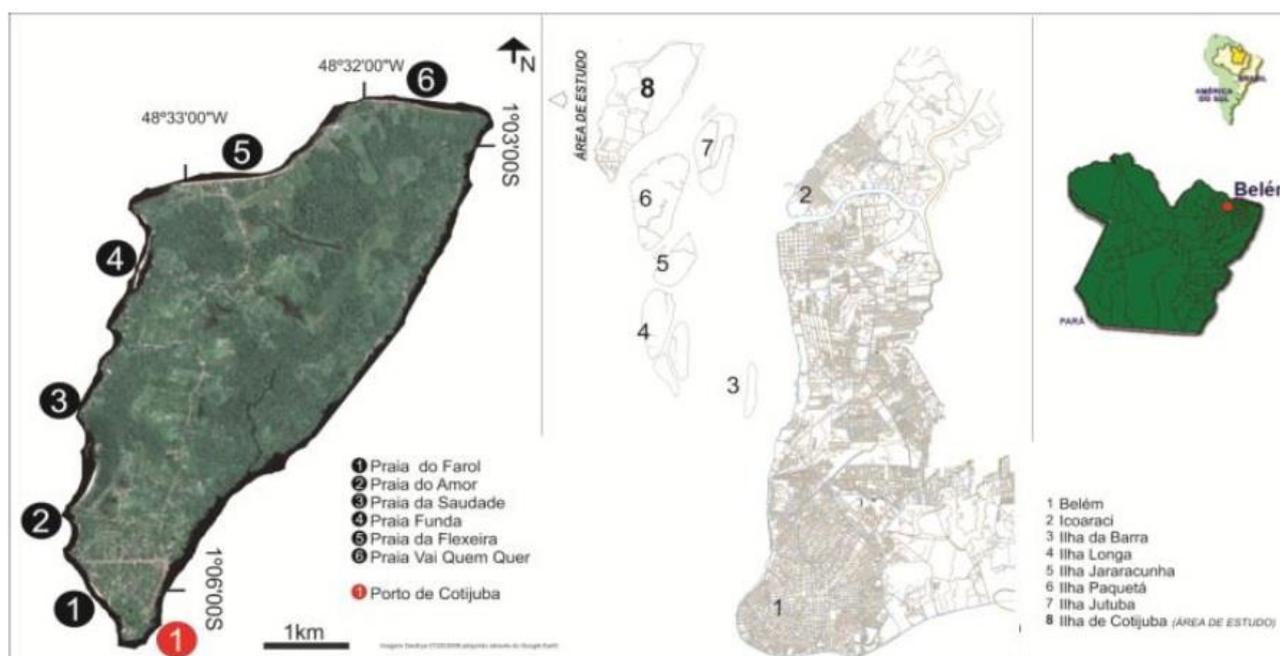


Figura 2: Mapa de Localização da Ilha de Cotijuba. Fonte: Rodrigues 2013.

A partir dos registros consultados, a habitação⁷ nesta ilha data de 1784 com a construção de um engenho movido a maré, nomeado de Fazendinha, para branqueamento de arroz (*Oryza sativa*), de propriedade do Capitão Luís Pereira da Cunha, localizado na área leste da ilha. Este

⁷ Não foram encontradas pesquisas ou qualquer outra informação sobre ocupações anteriores ao ano de 1784 na Ilha de Cotijuba, assim, nesta pesquisa é dito que a ocupação ocorre a partir deste ano.

era um dos nove engenhos que existiam no Pará no século XVIII que utilizavam da força do movimento das marés para o seu funcionamento. Até hoje as suas ruínas podem ser encontradas em Cotijuba (Guerra 2001, Silva 2003, Melo 2010), como pode ser visualizado na figura 3.



Figura 3: Ruínas do Engenho Fazendinha. Foto: Amanda Seabra

No século XIX a Ilha de Cotijuba serviu como um local estratégico para as tropas militares do governo para combater os rebeldes e proteger a cidade de Belém durante a Revolução Cabana em 1835, pois a sua localização geográfica permite ter o controle da entrada e saída de embarcações pelo canal para o interior ou em direção à capital paraense. Cotijuba foi utilizada como alojamento e como hospital militar, mas não se pode afirmar ao certo a localização destas ocupações dentro da ilha. Côrte Brilho (2015) diz que há indícios de que as ruínas do engenho Fazendinha tenham sido aproveitadas por esta Brigada como parte da sua estrutura, mas não foi encontrado mais informações sobre esta ocupação (Silva 2003, Melo 2010, Côrte Brilho 2015).

Já no século XX, a partir da década de 1930, inicia-se o período mais conhecido da história da Ilha de Cotijuba, pois, nesta época foi criada a Colônia Reformatória de Cotijuba no governo de Magalhães Barata (1930 – 1934) (Silva 2003, Dergan 2005). Após o declínio do período da borracha, no início do século XX, a cidade de Belém sofreu com o aumento da criminalidade, principalmente entre as crianças e os jovens. Reportagens no Jornal “A Folha do

Norte” do ano de 1930 já traziam relatos de menores envolvidos nos crimes e, em alguns casos, são encontrados relatos de menores que foram capturados mais de uma vez. Este jornal produziu uma série com 5 reportagens do jornalista Mariano Antunes intituladas de “Menores Infratores (I, II, III, IV, V)” onde ele discute a importância de se ter no país uma legislação que fosse capaz de julgar esse tipo de “criminoso” e um local adequado para colocar as crianças que estavam envolvidas com o crime, que precisavam ser educadas e profissionalizadas para não entrar novamente neste mundo.

Nestas reportagens Mariano Antunes trouxe exemplos de como eram tratados os menores infratores em diferentes países, desde a Europa (como a Inglaterra) até exemplos da América do Sul (como Argentina e Chile). Nas últimas reportagens o jornalista conta como era a legislação brasileira da época e chama a atenção para o fato de não ter no país nenhum local adequado para recuperação de crianças “infratoras”.

A Ilha de Cotijuba, provavelmente, foi escolhida como local para a construção desta colônia reformatória por estar afastada da cidade e pelo fato de não ter, na época, transporte constante para lá, assim, as crianças ficariam isoladas da sociedade para serem educadas de acordo com os padrões da época. Segundo Melo (2010) e Silva (2003) a Ilha foi adquirida pelo desembargador Raimundo Nogueira de Farias⁸, de uma viúva chamada Joana já com a intenção de construir a Colônia Reformatória de Cotijuba.

O desembargador teria se inspirado na penitenciária de Witzwill na Suíça quando formulou o projeto de criação da Colônia Reformatória de Cotijuba. A penitenciária de Witzwill foi criada em 1894 e encontra-se em funcionamento até os dias atuais (como pode ser visto na figura 4), com um tratamento diferenciado para os presidiários quando comparado com o modelo de prisão que estamos acostumados a encontrar (Nogueira de Faria 1945, Thoele 2009).

Em Witzwill o trabalho é obrigatório e os presos possuem livre acesso para se locomover dentro da instituição, retornando para as celas somente à noite para dormir. Ao chegar, o indivíduo fica preso por um período máximo de três meses na cela, tendo apenas algumas horas “livres” e depois é escalado para o trabalho obrigatório e para a terapia que tenha sido determinada pelo juiz no momento do decreto da pena. A partir do trabalho realizado pelos presos é que este local consegue se manter. A ideia desta penitenciária é a recuperação do indivíduo através da educação, do trabalho obrigatório e da terapia (Thoele 2009). O sonho de

⁸ “Raymundo Nogueira de Faria foi um intelectual, bacharel em Direito, educador, poeta, jornalista, pesquisador e magistrado que exerceu uma variedade de cargos públicos, obtendo reconhecimento como o primeiro Juiz de Menores do Estado do Pará.” (Barbosa e Araújo 2017: 4253)

Nogueira de Faria era criar uma Witzwill em Cotijuba, com educação, trabalho obrigatório, livre acesso dos detentos pelo espaço e auto sustentação (Nogueira de Faria 1945, Silva 2003).



Figura 4: Vista aérea atual da Penitenciária de Witzwill na Suíça⁹.

O relato do funcionamento desta penitenciária é atual, mas ao compararmos com o pequeno relato que o desembargador dá em seu livro “A Caminho da História” não encontramos grandes diferenças. O principal enfoque dado no relato sobre Witzwill neste livro é o fato desta prisão ser praticamente autossustentável desde o seu nascimento. É possível entender que este é um dos principais motivos que impulsionaram o Dr. Nogueira de Faria no investimento da construção da Colônia Reformatória em Cotijuba. Como pode ser visto na figura 4, Witzwill não possui muros ao seu redor, outros elementos são utilizados para cercar essa instituição. O educandário amazônico também não possui muros ao seu redor.

No ano de 1932 o governador Magalhães Barata autorizou o início das obras. Várias pessoas, instituições e prefeituras contribuíram financeiramente por meio de doações para a construção deste local, como pode ser visto na figura 5. No dia 24 de outubro de 1933 foi inaugurada a Colônia Reformatória de Cotijuba, destinada as crianças infratoras, abandonas ou que por qualquer motivo fossem parar nos postos policiais de Belém (Silva 2003, Dergan 2005).

⁹ “Vue aérienne de l'Établissement pénitentiaire de Witzwil” Fonte: http://www.pom.be.ch/pom/fr/index/freiheitsentzug-betreuung/vollzugseinrichtungen_erwachsene/anstalten_witzwil.html Acesso em 13 de janeiro de 2017 às 21:38.

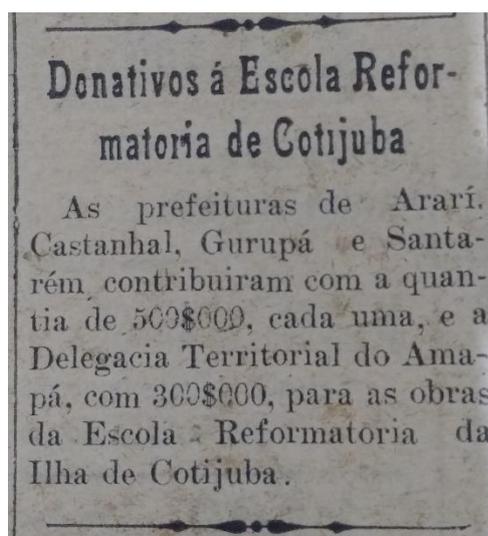


Figura 5: Nota a respeito das doações para a construção da colônia reformatória. Fonte: jornal Diário do Estado de junho de 1933.

Os primeiros internos que esta colônia recebeu foram transferidos do presídio São José Liberto para lá, aproximadamente 50 crianças. A capacidade inicial da colônia era para receber 400 pessoas, depois da primeira reforma a capacidade foi ampliada para 600 pessoas (Silva 2003, Melo 2010, Côrte Brilho 2015).

O público alvo desta instituição era os menores do sexo masculino, na faixa etária entre 8 e 18 anos, com problemas financeiros, familiares ou então que haviam cometido algum crime na sociedade belenense (Silva 2003). Segundo reportagens do jornal Diário do Estado da época da inauguração da colônia reformatória, deveria existir uma área que seria destinada exclusivamente para a educação e ensino de meninas. Seriam oferecidos curso de prendas domésticas. Além da escola primária teria, também, aprimoramento em línguas, história e geografia.

O projeto de Raimundo Nogueira de Faria era algo grande e ambicioso, que visava ocupar todo o espaço da ilha de Cotijuba. De acordo com as reportagens realizadas durante a construção e a inauguração da Colônia Reformatória pelo jornal Diário do Estado, a ilha seria dividida em três sessões: ponta norte, ponta sul e central, cada sessão teria uma função diferente. A Ponta Norte ficaria com a sessão agrícola, com plantação de árvores frutíferas como laranjeiras e mamoeiros, hortas e plantação provisórias como feijão e mandioca. Juntamente estaria a prática da pesca. As construções que esta sessão teria seriam: um pavilhão grande de alvenaria, um posto médico, uma escola primária, uma escola de prendas, além de praças, jardins e residências dos moradores da ilha.

A Ponta Sul ficaria com a sessão industrial que teria serraria, oficina de carpintaria, marcenaria, alfaiataria e carpintaria. Além disso teria um posto médico com enfermaria, pavilhão central de alvenaria, oficinas e serraria, e também, como na ponta norte, escola primária, escola de prendas e residências dos moradores locais.

A parte central da ilha seria a terceira sessão, que ficaria entre a ponta norte e sul, e contaria com avicultura, horticultura e jardinagem. Além disso teria um parque para ginástica, futebol, jardins, cinema e a escola doméstica de natal que seria dedicada às meninas da própria ilha e contaria com o ensino de prendas domésticas, datilografia, línguas, história e geografia.

A Ponta Norte foi a sessão inaugurada em outubro de 1933; era composta por um grande prédio principal denominado de pavilhão Soldado Pantoja (figura 6) que tinha um espaço:

“(...) dividido em dois corpos: um destinado ao dormitório, almoxarifado e aposentos dos inspetores, e outro ao refeitório dos futuros colonos-reformandos, havendo ainda dependências especiais onde serão instaladas a copa, cozinha, casa de banho e privadas. Na parte central do edifício ficarão a portaria e a secretaria, e, no pavimento superior à residência do diretor da colônia. A pavimentação do edifício é toda de mosaicos e a cobertura de telha, tipo marselez. ” (Diário do Estado – Página 1 - 24/ 10/ 1933).



Figura 6: Fotografia da colônia reformatória de Cotijuba antes da inauguração. Fonte: Diário do Estado – Página 1 – 18/ 08/ 1933.

Segundo Silva (2003), o discurso propagado na época era de que as crianças abandonadas poderiam ser vítimas da maldade humana caso não recebessem a educação correta. Então, o governador Magalhães Barata e o desembargador Nogueira de Faria foram vistos como os salvadores dos menores abandonados ao levá-los para a colônia e dar assistência

e educação, pois esta era a ideia transmitida. Em nenhum momento, segundo as fontes consultadas, leva-se em consideração as questões políticas e sociais da época que poderiam ter levado esses menores ao abandono e ao mundo do crime.

“O discurso assume um caráter filantrópico ao atribuir o problema do menor à inconstância ou maldade dos pais, a carência e conselhos maternos ou ainda a índole degenerada dos mesmos”. (Silva 2003: 55).

A partir dos títulos de algumas reportagens acessadas do jornal Diário do Estado de junho a dezembro de 1933, a construção desta colônia reformatória era aguardada por toda a população e era vista como a solução para os problemas da cidade de Belém. Os títulos foram os seguintes: *“CUTIJUBA! Um sonho de NOGUEIRA DE FARIA, quasi realidade. A colônia reformatória de menores surge da mataria tropical da ilha, como a maior realização da assistência social do governo de MAGALHÃES BARATA; O Plano de Cotijuba; Colônia reformatória de Cutijuba. A visita do sr. Interventor a essa futura obra de assistência social; Colônia Reformatória de Cutijuba. Com a inauguração, hoje, do pavilhão “Soldado Pantoja”, converte-se em realidade uma das idéias mais grandiosas do governo revolucionário; Colônia reformatória de Cutijuba. A inauguração do Pavilhão “Soldado Pantoja”, ponto de partida de uma grande obra de alta finalidade social.”*

Além dos títulos, podemos dizer que o início da reportagem *“O Plano de Cutijuba”* de agosto de 1933 reflete muito bem o ambiente e o pensamento que estavam presentes na época da construção e inauguração da Colônia Reformatória de Cotijuba:

“Ainda há quem não se tenha apercebido da obra que se faz em Cutijuba, linda sob o ponto de vista material, generosa e humanitária, sob o ponto de vista social.” (Diário do Estado – Página 1 - 18/08/1933).

Segundo Barbosa e Araújo (2017) a criação da Colônia reformatória, além de retirar da cidade de Belém os menores “vadios” e “delinquentes” funcionou como um “impulso” para o desenvolvimento, ocupação e urbanização da Ilha de Cotijuba. Além da educação para serem bons homens, os menores realizavam trabalhos para a Ilha como a abertura de vias, instalação de luz, água, esgoto e ainda ocorreu a construção da Igreja de São Francisco de Assis e da Praça Matriz, ou seja, houve uma reorganização do espaço daquela ilha com a chegada da Colônia.

Além disso, a chegada da colônia reformatória fez com que o Estado tivesse uma presença mais efetiva neste local. Isso aconteceu porque, além da construção da colônia, foram construídas mais escolas de ensino primário, postos de saúde e postos policiais voltados para atender a população local, pois com o aumento no número de internos a colônia não poderia atender também aos ilhéus.

A ideia e o desejo do desembargador Raymundo Nogueira de Faria com a construção da Colônia Reformatória na Ilha de Cotijuba era de que as crianças fossem levadas de Belém para lá para serem educadas seguindo os padrões da época. Os menores não perderiam totalmente o contato com uma comunidade, pois em momentos como na organização, construção ou manutenção, e também em alguns festejos, os internos estariam em contato com os moradores. Barbosa e Araújo (2017) acreditam que esta convivência dos internos no cotidiano da ilha fez com que muitos, após serem soltos, continuassem vivendo em Cotijuba, pois foi naquele ambiente que, possivelmente, muitos cresceram, tinham seus professores, amigos, tinham uma história de vida com aquele local e, provavelmente, não era interessante sair de lá e voltar para Belém.

A construção dessa Colônia partia, primeiramente, de um projeto e desejo pessoal de Nogueira de Faria, pois este acreditava ser um missionário, cuja missão era salvar e transformar as vidas das pessoas por meio de boas ações socioeducativas, no caso, a criação da Colônia Reformatória de Cotijuba (Barbosa e Araújo 2017). O desembargador, por ter sido o primeiro Juiz paraense voltado para as causas dos menores, possuía contato com o Major Magalhães Barata, assim, houve uma parceria entre os dois na consolidação deste projeto de salvação das crianças da maldade humana. Nogueira de Faria (1945) diz que o Major Magalhães Barata era uma pessoa muito preocupada com a situação das crianças, estava sempre ajudando os mais necessitados ou então, levando os órfãos para um orfanato em Belém para receber cuidados adequados; o seu favorito era o Orfanato Antônio Lemos.

Deste modo, Nogueira de Faria estaria “cumprindo com a sua missão” e o governador Magalhães Barata utilizava este projeto para fortalecimento da sua imagem política. Afinal, os “delinquentes” e “vadios” foram retirados da cidade de Belém e foram levados para a “*Ilha da Redenção*”¹⁰ para terem a sua vida salva e transformada e estavam saindo deste local como homens recuperados, salvos dos males sociais, com valores morais e cívicos aceitos pela sociedade e ainda eram homens trabalhadores.

“(...) a Colônia Reformatória de Cotijuba (...) se prestava a um importante papel político, pois com ela a situação dos jovens na cidade de Belém seria escamoteada, embora o problema que gerava os menores em ‘situação irregular’ não fosse atacado efetivamente”. (Barbosa e Araújo 2017: 4265)

Durante o funcionamento da colônia reformatória, a ilha de Cotijuba recebeu vários imigrantes japoneses (aproximadamente 18 famílias) que desenvolveram a agricultura na ilha.

¹⁰ Termo utilizado pelos jornais da década de 1930 quando se referiam a Ilha de Cotijuba. Esta informação foi obtida em Barbosa e Araújo 2017.

Foi criada a Cooperativa Mista de Cotijuba Ltda. que produzia ovos, legumes, frutas, entre outros produtos que eram comercializados no Mercado do Ver-o-Peso. Além de contratar mão-de-obra local para trabalhar nas plantações, estes imigrantes também ensinavam os menores que estavam recolhidos no educandário uma vez por semana, essa era uma das formas de correção da colônia reformatória (Silva 2003, Dergan 2005, Côrte Brilho 2015).

No ano de 1947 o desembargador Dr. Nogueira de Faria transfere aos cuidados do Estado a ilha de Cotijuba e a colônia reformatória e esta deixa de ser uma instituição educacional e se transforma em uma instituição correcional ainda para menores (Silva 2003). Segundo Melo (2010), foi a partir deste momento que se iniciou a decadência deste local, pois, este passa a não ser mais tratado com tanto zelo. Neste mesmo ano é criada do lado oposto da localização do educandário (na área conhecida como poção) a Casa de Detenção para Pequenos Delitos que iria receber adultos (Silva 2003). Então, passam a existir na ilha duas instituições correcionais, uma destinada a menores (Educandário Dr. Nogueira de Faria) e outra destinada a adultos (Casa de Detenção de Pequenos Delitos¹¹).

No ano de 1963 ocorrem algumas reformas no prédio da colônia reformatória com a melhoria das oficinas e criação de novos banheiros. Mesmo assim este local já não se encontrava nas mesmas condições como era visto no início. Nesse período a colônia atendia 189 crianças, sendo que a sua capacidade era para receber até 600 crianças (Melo 2010).

Em 1968, após anos de decadência e má administração, ocorre o fechamento definitivo do educandário na Ilha de Cotijuba e o local é transformado oficialmente em um presídio. Os menores que ainda pertenciam ao grupo de internos da Colônia Reformatória foram ou devolvidos para o convívio das suas famílias, ou encaminhados para a Escola Salesiana do Trabalho ou Escola Estadual Lauro Sodré. Uma pequena parcela dos menores foi inserida no mercado de trabalho (Silva 2003, Melo 2010).

Quando ocorre essa a mudança de educandário para presídio é o momento em que este lugar se transforma em um local temido por toda a população de Belém na época, portanto, esse é o período mais recordado da história da Ilha Cotijuba (Melo 2010, Côrte Brilho 2015). Ao conversar com algumas pessoas sobre o educandário todas se espantam ao saber que naquele local já funcionou um educandário, pois na memória delas só estão os relatos de maus tratos,

¹¹ Não foram encontradas mais informações sobre esta outra instituição. E não restou nenhum vestígio dessa construção.

fugas, afogamentos e mortes de pessoas que foram presas e levadas para o presídio da ilha de Cotijuba.

No ano de 1978, após todos estes casos de mau tratos, fugas e até mesmo mortes, o governo do Estado decide fechar oficialmente o presídio que existe na ilha, e transfere todos os presos para o novo Complexo Penitenciário de Americano – Penitenciária Fernando Guilhon, localizado na Vila Americano na cidade de Santa Izabel, atualmente, região metropolitana de Belém. Na figura 8 é possível visualizar o educandário já com toda estrutura que é visível dias atuais.

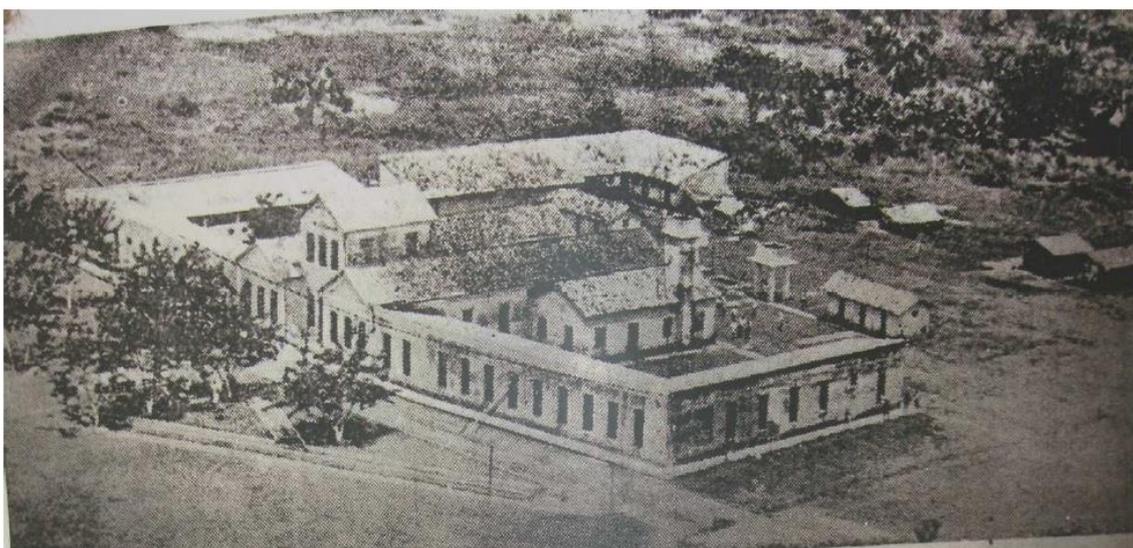


Figura 7: Colônia Reformatória de Cotijuba na década de 1960. Fonte: Melo 2010

Na década de 1980, após a criação da nova Constituição Federal de 1988, as ilhas passam a pertencer às prefeituras, com base nisso, a Ilha de Cotijuba passa a ser de responsabilidade da Prefeitura de Belém. A partir deste momento começa uma nova etapa na história desta ilha, pois com o desenvolvimento do turismo, uma nova imagem passa a ser divulgada sobre Cotijuba: a de um paraíso natural, com praias, um ótimo local de descanso e lazer para a população (Silva 2003, Melo 2010).

“Duas representações são recorrentes ao espaço insular; a de paraíso e a de inferno, esta última devido às prisões construídas pelo Estado nesses espaços. A representação paradisíaca está associada à indústria do turismo que recriou a imagem insular enquanto espaço de aventura, lazer e exotismo (...).” (Silva 2003: 53).

Nas décadas de 1980 e 1990 a população da ilha vivia *“principalmente do extrativismo vegetal e animal, predominando na ilha árvores frutíferas e hortaliças, para na alimentação se destacar a pesca, a caça, o feijão, o arroz e a farinha de mandioca brava”* (Côrte Brilho 2015: 27). Neste período ainda não existia um transporte constante e regular de passageiros

entre a ilha e a cidade de Belém. Somente no ano de 1994 a prefeitura cria uma linha fluvial cotijuba/icoaraci, em decorrência da mudança, a quantidade de visitantes e moradores passa a aumentar. No ano 2000 é inaugurado o Terminal Hidroviário Poeta Antônio Tavernard, em frente as ruínas da Colônia Reformatória de Cotijuba, local de maior concentração populacional (Silva 2003, Côrte Brilho 2015). Este porto pode ser visualizado na figura 8.



Figura 8: Vista da chegada de navio na Ilha de Cotijuba. Foto: Amanda Seabra

A Ilha de Cotijuba possui 19 comunidades, destas, 14 dão nomes a praias existentes: Praia do Farol, Praia do Amor, Praia da Saudades, Praia do Sossego, Praia Funda, Praia da Flecheira, Praia do Vai quem quer, Praia da Pedra Branca e Praia das Tintas (Figura 2, página 27). As outras comunidades restantes são: Seringal, Poção, Fazendinha, Pedreira e Piri (Silva 2003).

Hoje em dia existe um programa que foi criado pela Prefeitura Municipal de Belém por meio da Secretaria Municipal de Educação (SEMEC) intitulado de Ecomuseu da Amazônia, que atua no Distrito de Icoaraci, envolvendo também as Ilhas de Cotijuba, Mosqueiro e Caratateua. É um museu aberto que tem como objetivo a preservação dos patrimônios naturais e culturais destas regiões, com o desenvolvimento e emancipação das pessoas das comunidades envolvidas. Na Ilha de Cotijuba este projeto possui três unidades pedagógicas com escolas de ensino infantil e fundamental. Além disso, o ecomuseu possui um passeio turístico que passa pelas principais comunidades que atua, levando turistas a conhecer a ilha.

Atualmente a Ilha de Cotijuba é vista e divulgada como um paraíso de lazer e descanso a poucos minutos de Belém, um local com água doce e tranquila para famílias e amigos irem se divertir e aproveitar a natureza. Muitas festas, passeios em trilhas, atividades físicas e de relaxamento são desenvolvidas e pensadas para serem realizadas exclusivamente em Cotijuba. No dia 11 de novembro de 2018 foi comemorado o aniversário de 125 anos da ilha com uma

série de atividades e shows com direito a fogos e bolo. Todas essas atividades foram desenvolvidas em frente as ruínas do educandário, sendo que as janelas desta construção serviram de arquibancada para as pessoas. Para esta comemoração todo o mato que cresce dentro e o lixo que a população joga no prédio principal foi retirado.

2. Descrição do Objeto

O prédio do educandário Dr. Nogueira de Faria é uma construção do início do século XX, da década de 1930. Com o passar dos anos, sofreu reformas e no final da década de 1970 foi abandonado. Segundo reportagens de jornais da época, como foi possível verificar no capítulo dois, no ano de 1933 foi inaugurada apenas uma parte de toda a estrutura que existe hoje, sendo apenas a parte central de dois andares e duas salas, uma de cada lado.

Hoje em dia, ainda existe uma estrutura enorme principal com várias salas, portas, janelas e outras construções de menor porte aos fundos, totalizando quatro prédios que receberam a seguinte denominação para esta pesquisa: prédio principal (o maior de todos e a fachada da instituição), prédio L, prédio A e prédio B. Além de duas caixas d'água, um forno e um poço completando o espaço (figura 9¹²).

A partir deste momento, será feita a descrição de como se encontra esta construção atualmente. A primeira característica que foi percebida nesse prédio foi a sua simetria, no sentido de possuir a quantidade de salas (cinco para cada lado) e janelas iguais tanto do lado esquerdo quanto do lado direito¹³ (14 para cada lado) da parte central, que é a única com dois andares.

A fachada deste prédio possui 31 janelas, sendo 28 no primeiro piso e três no segundo andar (figura 10); e uma porta de tamanho padrão no centro no primeiro andar. Este acesso possui uma pequena elevação do nível da rua, pois é necessário subir dois degraus pequenos para entrar no prédio. A primeira sala nesta parte central (cômodo 1) possui quatro portas, uma em cada parede desta sala e duas janelas na parede frontal. Pela sua organização e localização, este cômodo deveria ser o hall de entrada do educandário.

¹² Para uma melhor visualização verificar anexo I, página 106.

¹³ A noção espacial de direita e esquerda, nesta pesquisa, está de acordo com a visão que a pessoa tem ao observar as construções de frente, a partir da sua porta principal.

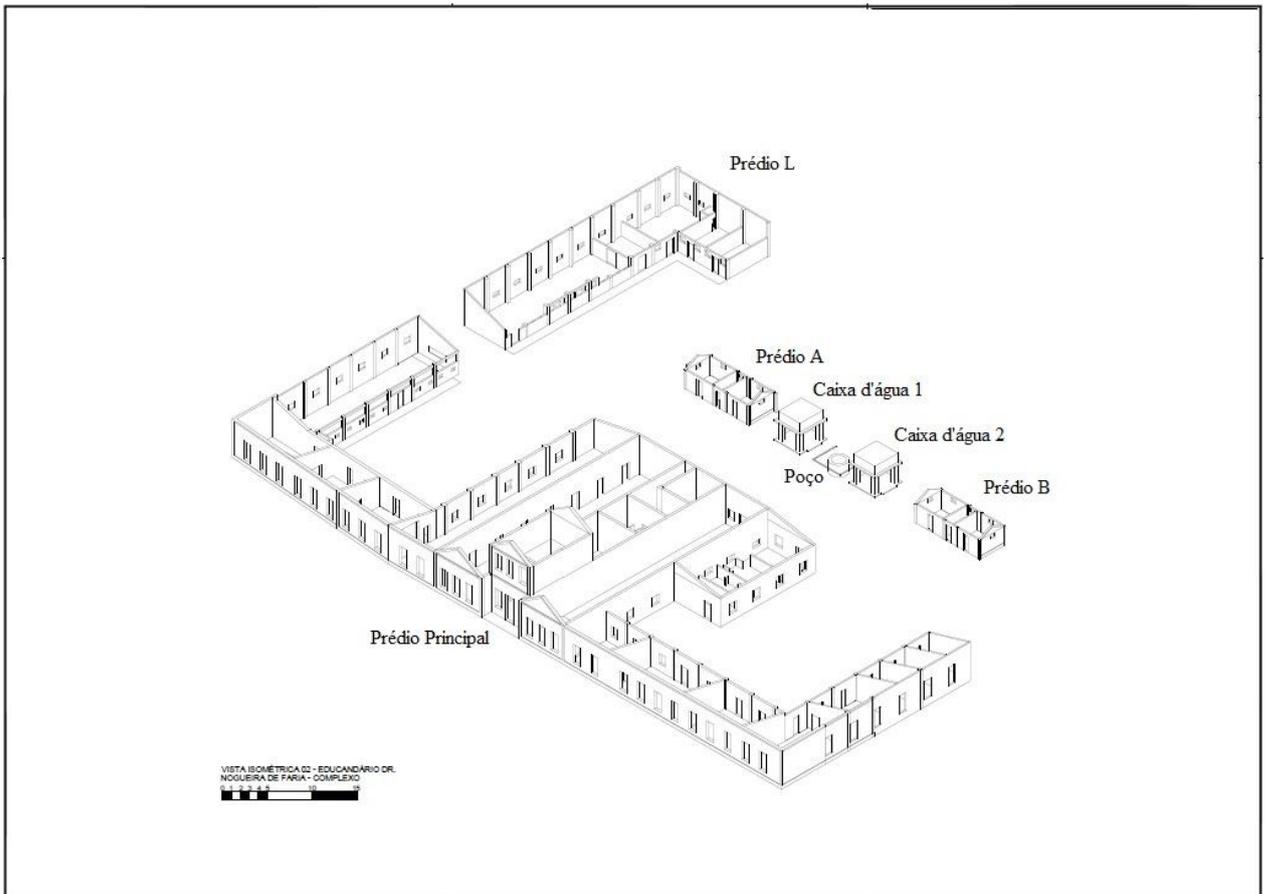


Figura 9: Vista isométrica do Educandário Dr. Nogueira de Faria. Desenho: Celso Vieira e Carol Seabra¹⁴.



Figura 10: Entrada principal do Educandário Dr. Nogueira de Faria. Foto: Amanda Seabra

¹⁴ O anexo VII na página 111 apresenta a vista isométrica da instituição.

Atrás da primeira sala está o cômodo 2 que possui apenas uma porta e uma marca na parede onde estava localizada a escada que dava acesso ao segundo andar (figura 11). A planta baixa que está sendo utilizada nesta pesquisa não possui a representação do segundo andar¹⁵, dado que não é possível o acesso, pois os vestígios desse segundo piso são as paredes, o negativo da escada e as fotografias do jornal da época. A sua destruição deve ter ocorrido após o fechamento e abandono da instituição.

No segundo piso estava localizada a residência do diretor da instituição. Pelo que pode ser observado, este segundo piso ficava em cima dos cômodos um e dois, tinha três janelas na parede frontal, duas janelas em cada parede lateral e duas no fundo, com esta disposição era possível enxergar todo o espaço do educandário. O cômodo 3 está localizado atrás do cômodo 2 e possui apenas uma porta de acesso e nenhuma janela, esta é a última sala que possui ligação interna nesta parte central do edifício principal.



Figura 11: Negativo da localização da escada no cômodo 2. Foto: Amanda Seabra

Na parte central do edifício ainda existe o cômodo 4 que é um banheiro de uso coletivo que dispõe de um mictório ocupando uma parede inteira e na outra parede existem cinco divisões onde ficavam os vasos sanitários (figura 12). A entrada deste banheiro se dá pelo cômodo 17 e não possui ligação interna com as outras salas desta parte central do prédio principal. Com o tempo, uma árvore de grande porte cresceu dentro deste espaço, dificultando o acesso. É possível perceber que a porta deste banheiro inicialmente possuía o mesmo tamanho

¹⁵ No capítulo 3, das metodologias, este segundo andar está denominado como cômodo 39.

das outras portas existentes neste prédio, mas em algum momento houve uma diminuição em sua largura.



Figura 12: Imagem do banheiro (cômodo 4). Foto: Amanda Seabra

Atrás deste banheiro existe o cômodo 6 que possui paredes baixas quando comparadas com o restante do edifício e não possui ligação interna com o prédio principal. Sua entrada se dá pela parte interna do terreno com uma porta na parede frontal e outra na parede lateral e nenhuma janela (figura 13).



Figura 13: imagem da parte interna do cômodo 6. Foto: Amanda Seabra

Entre o cômodo 6 e o prédio principal existe um espaço vazio (cômodo 5), sem construções visíveis. Este espaço faz parte da contagem de cômodos do prédio principal pelo fato de se assemelhar a um cômodo, apesar de não ter uma função aparente. Este cômodo 5¹⁶ parece ter surgido após a criação do cômodo, provavelmente, antes da construção do cômodo 6, este local era apenas um espaço vazio, pois existem duas janelas do cômodo 17 que estão voltadas para este espaço. Entre os cômodos 5 e 6 se formou um corredor (cômodo 40), este é o último cômodo na parte central do prédio principal.

O prédio principal possui cinco salas para o lado direito e cinco para o lado esquerdo, a partir da parte central. A partir desse momento, é feita a descrição do lado direito e em seguida é feita a descrição do lado esquerdo. A figura 14 é a planta baixa somente do prédio principal e pode auxiliar na visualização da localização de cada cômodo dentro do prédio. Antes de iniciar a descrição de cada lado do prédio principal e dos outros prédios da instituição, existirá uma figura com a planta baixa do prédio que está sendo descrito para auxiliar na localização e assim ter uma melhor compreensão.

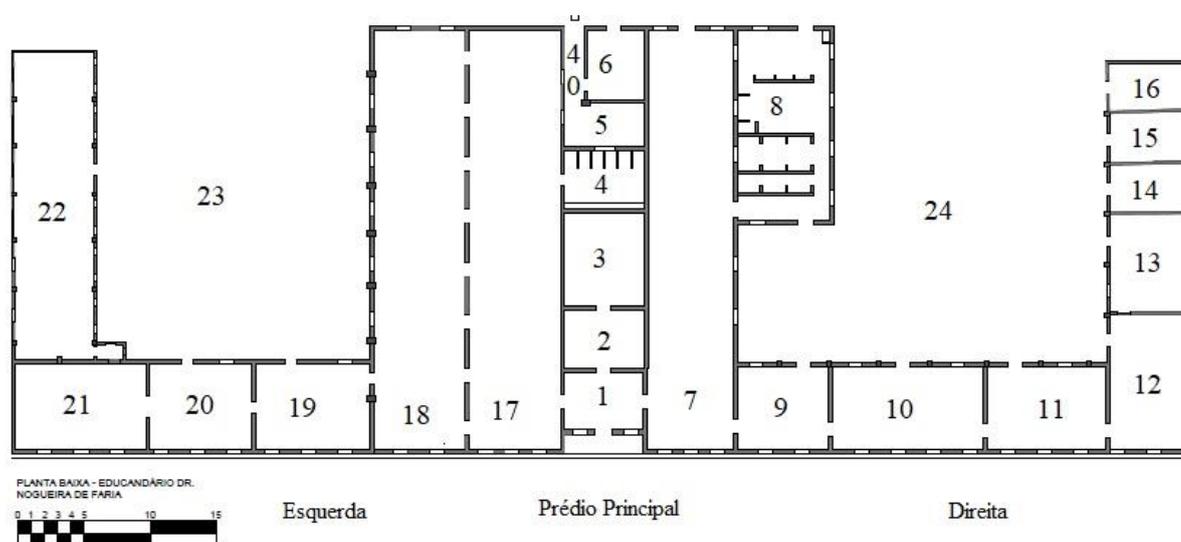


Figura 14: Planta baixa do prédio principal. Desenho: Celso Vieira e Carol Seabra.

A primeira sala a direita do prédio é um grande salão (cômodo 7) com três janelas na frente, dois acessos laterais e um acesso ao fundo com duas janelas. Possui paredes bem altas e em sua parede direita existe a marca das seguintes frases: “Tudo pelo Brasil...” e “Só vale a pena viver sendo traba...” não é possível ler o restante de nenhuma das frases (figura 15). Este cômodo era o refeitório, segundo a reportagem do jornal Diário do Estado no dia de sua inauguração. Em sua parede esquerda existem três janelas pequenas e quadradas que dão

¹⁶ Este cômodo pode ser visualizado na planta baixa do prédio principal, figura 14, página 42.

visibilidade para a cozinha e nestas janelas, possivelmente, eram entregues as refeições, como pode ser visto na figura 16.



Figura 15: Frases na parede do cômodo 7 no prédio principal. Foto: Thalia Pereira



Figura 16: Parte interna do cômodo 7. Foto: Amanda Seabra

Ao final da parede esquerda deste mesmo cômodo existem marcas de uma porta e de duas janelas pequenas fechadas parecidas com a porta e janelas que fazem ligação com a cozinha. Estas marcas estão localizadas na mesma direção do cômodo 6, mas ao olhar a parede direita do cômodo 6 não é possível verificar nenhuma marca. Então, provavelmente não existia

este cômodo 6 nos primeiros anos de atuação e o cômodo 7 era dividido em refeitório e cozinha, na frente ficava o refeitório dos internos e ao fundo a cozinha, como mostra as marcas existente em sua parede esquerda. Depois houve uma reforma no espaço onde ocorreu a colocação da cozinha no local onde ela se encontra atualmente e o cômodo 7 foi ampliado e transformado totalmente em refeitório para receber a grande quantidade de jovens que esta instituição recebeu.

Ao lado deste grande salão existem dois cômodos, um está localizado mais ao final (cômodo 8) e o outro está localizado na parte frontal (cômodo 9). No cômodo 8 funcionou uma cozinha (figura 17). A sua parede esquerda possui três pequenas aberturas onde provavelmente eram entregues as refeições e existe uma chaminé fechada no canto posterior direito. Este cômodo possui três janelas na parte da frente e uma no fundo, três portas sendo uma do lado esquerdo, outra porta na parede frontal e a última na parede do fundo.

A parede esquerda, que divide a cozinha do refeitório tem seu pé direito na mesma altura das paredes externas deste prédio, mas a sua parede direita, que dá para a área externa de dentro da instituição é baixa e não há vestígios de alteração. Do lado externo deste cômodo existe uma mancha da palavra “cozinha”, confirmando que este cômodo era realmente a cozinha da instituição.



Figura 17: Parte interna da cozinha. Foto: Amanda Seabra

Ao lado do grande salão (cômodo 7), na parte frontal existem quatro cômodos (9, 10, 11 e 12) que estão interligados. A principal diferenciação entre esses cômodos será o seu tamanho e a quantidade de janelas. O cômodo 9 tem três portas e três janelas; o cômodo 10 é o mais largo entre essas quatro salas, possuindo três portas e seis janelas; no cômodo 11 existem três portas e quatro janelas; o cômodo 12 é o mais comprido entre essas quatro salas e tem duas portas, três janelas e uma porta totalmente fechada, que se conectava com o cômodo 13¹⁷.

Na lateral direita do prédio principal existem quatro cômodos (13, 14, 15 e 16) que não possuem ligações entre si e nem com o restante do prédio (figura 18). Destes quatro cômodos, o de número 13 é o único que em algum momento teve uma ligação interna com o restante do prédio, pois existe uma porta totalmente fechada que fazia a conexão entre o cômodo 13 e 12. Estes cômodos se caracterizam por serem pequenos, com uma porta e uma janela de tamanho padrão do prédio principal. Destes quatro cômodos, o de número 13 se diferencia por ter uma porta e três janelas.



Figura 18: Imagem da fachada dos cômodos 16, 15, 14, 13 e 12¹⁸. Foto: Amanda Seabra

Outra diferenciação existente entre essas quatro salas é que apenas o cômodo 15 contém uma alteração no tamanho da janela. Antes a janela desta sala possuía o mesmo tamanho que as outras, mas em algum momento esse tamanho foi alterado deixando-a menor, mais quadrada e mais alta. Na parede frontal é possível enxergar manchas de algumas palavras que

¹⁷ Para uma melhor visualização destes quatro cômodos pode-se olhar a planta baixa do prédio principal, figura 14 na página 42 ou então o anexo I na página 106.

¹⁸ O anexo V na página 109 apresenta o desenho da fachada destes quatro cômodos.

identificavam a função que os cômodos 14, 15 e 16 tiveram: “barbearia”, “açougue” e “casa de for...” (não é possível ler o final).

Estes três últimos cômodos tiveram diferentes funções durante o funcionamento da instituição e provavelmente após o fechamento, pois é possível encontrar modificações no tamanho de sua parede e também tem marcas de outras palavras que designavam a função destes cômodos, mas só é possível ler as palavras que foram descritas no parágrafo anterior. Na parte interna do cômodo 14 existe uma frase religiosa, pois se inicia com “Deus”, mas não é possível ler o restante.

Todos esses cômodos, que estão localizados do lado direito do prédio principal, possuem ligação com um pátio interno (cômodo 24 – figura 19), que existe por consequência da arquitetura do edifício. Existem 11 janelas e nove portas que permitem o acesso e a visão de quem circula por essa área não construída.



Figura 19: Pátio interno do lado direito (cômodo 24)

Até este momento, foi realizada a descrição do lado direito do prédio principal, a partir de agora, será feita a descrição do lado esquerdo a partir da parte central (figura 20). Este lado do educandário possui, também, cinco cômodos, sendo dois salões grandes (cômodos 17 e 18). O cômodo 17 (figura 21) tem três janelas frontais, oito portas do lado esquerdo, uma porta no fundo e uma porta do lado direito. Este foi um dos cômodos que foi inaugurado primeiramente e serviu como “*dormitório, almoxarifado e aposentos dos inspetores*”, conforme o que foi descrito na reportagem feita durante a inauguração da colônia reformatória pelo jornal Diário

do Estado. Uma outra porta existente do lado direito dá acesso a um banheiro de uso coletivo, o cômodo 4, já descrito no início deste capítulo.

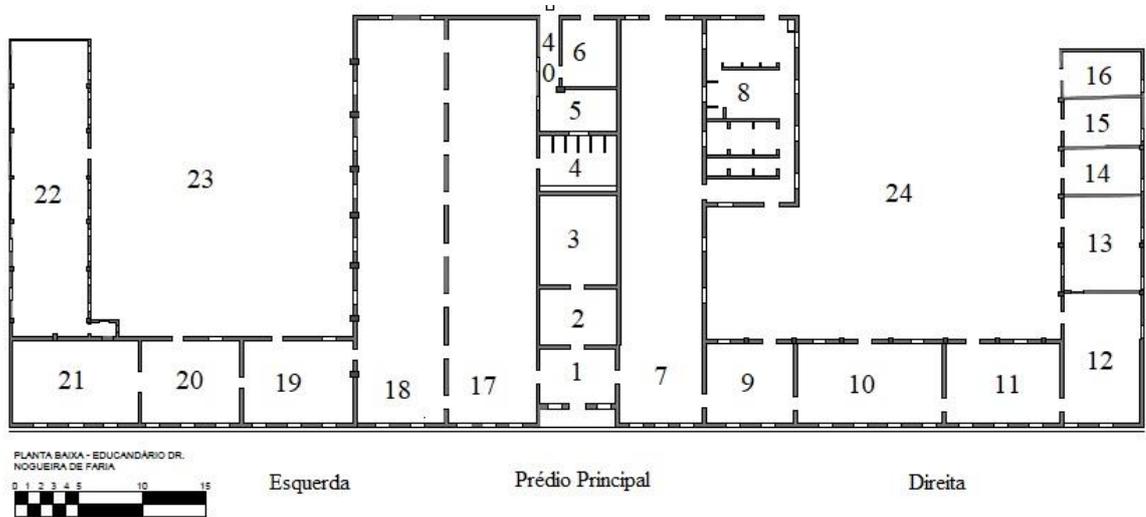


Figura 20: Planta baixa do prédio principal. Desenho: Celso Vieira e Carol Seabra.



Figura 21: Parte interna do cômodo 17. Foto: Amanda Seabra

O outro salão (cômodo 18 - figura 22) possui oito portas apenas do lado direito e uma do lado esquerdo, que faz a ligação com o cômodo 19. Este salão tem nove janelas: sendo duas na parede frontal, duas na parede do fundo e cinco na parede lateral esquerda. Na primeira entrada para este salão existe a marca da palavra “auditorium”, isso pode explicar a existência de nove portas, pois um local que recebe muitas pessoas necessita de mais de uma opção de acesso. Provavelmente as nove portas não deveriam ficar o tempo todo abertas.



Figura 22: Imagem da parte interna do “auditorium” (cômodo 18). Foto: Amanda Seabra

Ao lado do “auditorium” existem dois cômodos (19 e 20) que são iguais, com três janelas frontais e uma ao fundo e três portas, sendo uma em cada parede lateral e uma ao fundo. O cômodo 19 possui marcas na parede de um encanamento e também de furos que indicam a localização de uma torneira. A partir dessas marcas, pode-se inferir que no cômodo 19 funcionou uma “cozinha” que provavelmente servia para atender o auditório. A última sala, o cômodo 21, tem apenas uma porta larga, baixa e três janelas na parede frontal. Na parede externa, que dá acesso a um pátio interno, também é possível enxergar a mancha da palavra “Alojamento”, este cômodo deve ter sido construído no momento em que houve um aumento no número de internos.

Do lado esquerdo existe uma construção, o cômodo 22, que se junta ao prédio principal, mas não possui atualmente ligação interna com este (figura 23). É uma construção grande, sem divisões internas, apenas uma porta no meio, com sete janelas na parede do fundo altas, pequenas, retangulares, fechadas com tijolos e com esquadrias de metal. A parede frontal possui seis janelas largas e altas, sendo uma em cima da porta. Nesta mesma parede existem ainda dez janelas pequenas iguais às do fundo, só que estas são fechadas com cobogó¹⁹ e estão um pouco mais embaixo das janelas grandes. A lateral direita do cômodo 22 também tem uma janela larga,

¹⁹ Também conhecido como elementos vazados. Confeccionados de concreto ou cerâmica servem como local de entrada de iluminação e ar. Fonte: <http://www.ecivilnet.com/dicionario/o-que-e-elemento-vazado.html>

do mesmo formato e aparência das janelas frontais com cobogó, mas essa está localizada mais ao meio da parede (figura 24).



Figura 23: Fachada do cômodo 22²⁰. Foto: Amanda Seabra



Figura 24: Parte interna do cômodo 21. Foto: Amanda Seabra

Dentro deste cômodo existe um outro cômodo pequeno e retangular que tem duas janelas pequenas, altas e uma porta de tamanho padrão totalmente fechadas, mostrando que em algum momento o cômodo 22 possuía ligação interna com o prédio principal, pelo cômodo 21.

²⁰ O anexo V na página 109 apresenta o desenho da fachada do cômodo 22.

A partir da mancha da palavra “alojamento” na parede do cômodo 21, a forma dos cômodos 21 e 22 e a passagem fechada, pode-se concluir que estes dois últimos cômodos serviram de alojamento, provavelmente, na época do educandário. Este cômodo deve ter sido construído depois que toda a fachada do prédio principal foi concluída e a passagem existente deve ter sido fechada quando o espaço é transformado em presídio.

Assim como ocorreu do lado direito, a arquitetura do prédio principal no lado esquerdo também faz com que exista um pátio interno (cômodo 23 – figura 25). Neste lado são 17 janelas e três portas que possibilitam a visão e o acesso à essa área não construída. Os dois pátios internos (23 e 24) se conectam com uma rua que existe atrás do prédio principal.



Figura 25: Pátio interno do lado esquerdo (cômodo 23)

Entre o prédio principal e os prédios que estão na parte de trás do terreno houve o planejamento e início da construção de uma rua (cômodo 25), provavelmente após o abandono do espaço. Para esse fim, houve a colocação de uma grande quantidade de terra e areia. Mas, essa obra não foi concluída e a criação da rua não ocorreu de maneira definitiva, restando apenas a terra compactada que colocaram no local. Até o momento não é possível saber em que época isto ocorreu, mas este projeto foi abandonado (figura 26), pois a rua principal da ilha de Cotijuba, que passa na frente do educandário, é que foi revitalizada pela gestão atual da prefeitura de Belém.



Figura 26: “Moto charrete” utilizando a rua que corta a instituição. Foto: Amanda Seabra

Além do prédio principal, existem mais três prédios (A, B e L – figura 27) na parte de trás do terreno, duas caixas d’águas (1 e 2), um poço e um forno. Entre essas três construções, duas (prédio A – figura 28 e o prédio B – figura 29) possuem tamanho e organização espacial semelhante, estão divididos em três ambientes, dois grandes (cômodos 32, 34, 35 e 37) e um pequeno ao meio (cômodos 33 e 36). Os cômodos 32, 34, 35 e 37 possuem uma porta e duas janelas.

O cômodo 34 do prédio A possui a organização espacial e vestígios de que seria um pequeno banheiro de uso coletivo, com seis “box” que tinham “privada” e chuveiro no mesmo espaço. O cômodo 36, que está localizado no prédio B, possui características de que seria um banheiro de uso particular com uma porta interna que o liga com o cômodo 37.

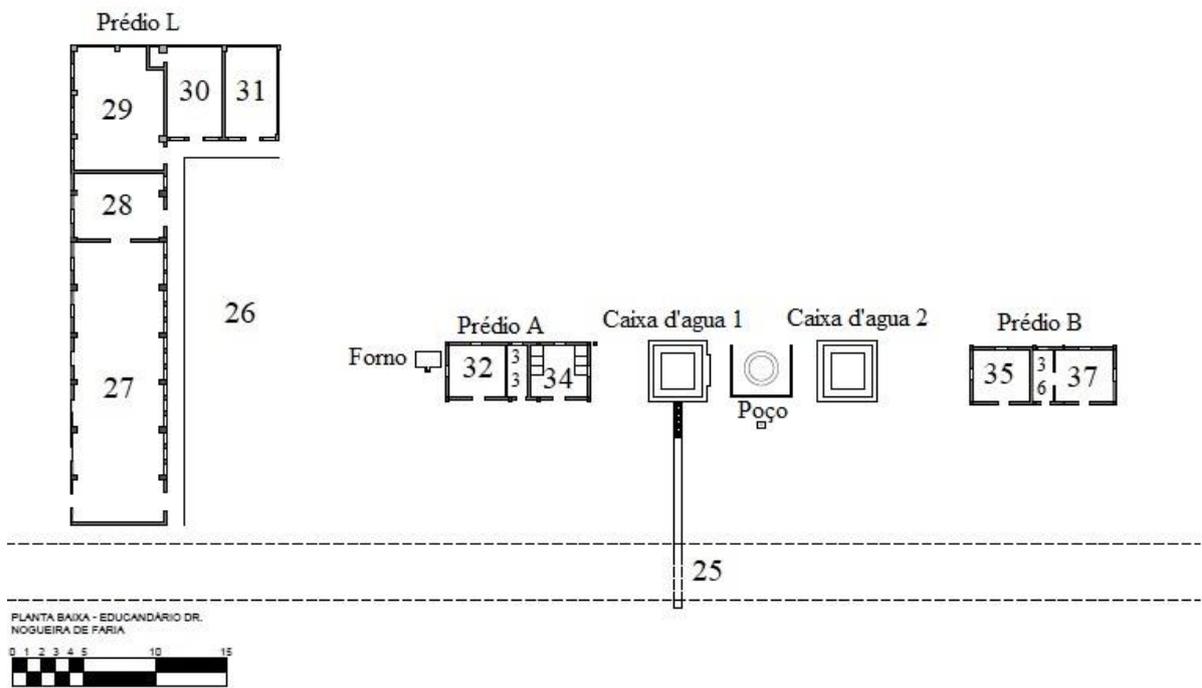


Figura 27: Planta da parte de trás do terreno. Desenho: Celso Vieira e Carol Seabra.



Figura 28: Fachada do prédio A com o forno ao lado. Foto: Amanda Seabra



Figura 29: Fachadas do prédio B²¹. Foto: Laura Fontal

A terceira construção da parte de trás do terreno possui o formato da letra L e está dividido em cinco cômodos: 27, 28, 29, 30 e 31 (figura 30); somente os cômodos 27 e 28 possuem uma ligação interna. A descrição do prédio L se inicia pelo cômodo 27 que é o maior de todos, tem o formato retangular, sem divisões internas e apresenta uma certa semelhança com o cômodo 22 do prédio principal.

Esse cômodo²² (figura 31) tem três portas, sendo uma voltada para o interior do terreno, outra para o lado o ambiente externo à instituição e uma para o cômodo 28 (esta porta é larga e baixa); possui cinco janelas na parede do fundo, sete janelas na parede da frente (figura 32). A parede frontal se encontra parcialmente destruída, portanto, não é possível afirmar qual era a quantidade exata de janelas que existiram, mas atualmente ainda existem sete.

²¹ O anexo VI a página 110 apresenta o desenho da fachada destes dois prédios.

²² O anexo VI na página 110 apresenta o desenho da fachada deste cômodo.



Figura 30: Planta do prédio L.



Figura 31: Fachada do cômodo 27. Foto: Laura Fontal



Figura 32: Parte interna do cômodo 27. Foto: Amanda Seabra

O cômodo 28 dispõe de duas portas uma que dão acesso a parte interna do terreno e outra que liga a sala ao lado; possui duas janelas pequenas e altas. O cômodo 29 possui apenas uma porta e cinco janelas pequenas que estão localizadas a meia altura da parede lateral direita e ao fundo, é a segunda maior sala do prédio L (figura 33). Os cômodos 30 e 31 (figura 33) são semelhantes no tamanho, na organização espacial e na quantidade de portas e janelas, sendo uma porta e duas janelas com cobogó. A principal diferença entre eles será que no cômodo 26 existe uma “sala” pequena, estreita e com uma passagem baixa. No cômodo 30 existe uma inscrição na parede, logo em cima da porta, onde está escrito: “feito em ‘58”. A partir dessa inscrição na parede é possível acreditar que este prédio L ou então este cômodo pode ter sido construído no ano de 1958.



Figura 33: Imagem com fachada dos cômodos 29, 30 e 31. Foto: Amanda Seabra

Em frente a essa edificação, existe uma área aberta (cômodo 26– figura 34) igual a um pátio, que dá acesso a todos os cômodos do prédio L e que, também se conecta com a rua interna que existe dentro da instituição.



Figura 34: Pátio (cômodo 26) em frente ao prédio L

Além deste prédio, atrás do prédio principal existem ainda duas caixas d'água e um poço (figura 35), eles estão localizados entre os prédios A e B. Ao lado do prédio A existe um forno. Em frente as duas caixas d'água existia uma passarela que levava até o prédio principal,

atualmente resta apenas uma parte dessas passarelas, a parte final que se aproximava do prédio principal está embaixo da “rua”.



Figura 35: Caixas d'águas 1 e 2; poço. Foto: Amanda Seabra

Quando as medidas da fachada do prédio principal começaram a ser obtidas, foi possível verificar que existe um “tortinho”²³ na sua estrutura. A parede da frente não segue em linha reta, como deveria ocorrer em uma construção, existe uma pequena angulação de 5° para dentro da estrutura do lado esquerdo e direito que inicia entre os cômodos 17 e 18 (esquerda) e entre os cômodos 8 e 9 (direita), como se o edifício fosse tomar a forma de um hexágono. Por conta deste “tortinho” é possível perceber que o prédio principal apresenta um alinhamento em três blocos: um bloco é composto pela parte central e os cômodos 7 e 17; outro é composto pelos cômodos 18, 19, 20 e 21; e o outro bloco é composto pelos cômodos 9, 10, 11 e 12

Essas são as principais características que o objeto de pesquisa apresenta e, como foi visto, ele é composto por quatro prédios, tendo um como principal. Além de verificar as características principais do prédio, foi observado que as alterações são facilmente visíveis, como portas e janelas modificadas e alterações na altura das paredes. A primeira alteração que foi percebida no edifício principal foi o aumento do pé direito. Primeiramente, as paredes deste prédio são muito altas, principalmente as paredes externas²⁴, no prédio principal é notável que

²³ A distância do ponto zero da fachada até o “tortinho” do lado esquerdo é de 17, 78 metros, e a distância do “tortinho” até o final da construção é de 26, 50 metros. A distância do marco zero até o “tortinho” do lado direito é de 14, 13 metros e a distância deste “tortinho” até o final da construção do lado direito é de 27, 23 metros. Esse “tortinho” será analisado no capítulo quatro.

²⁴ São aquelas que não fazem divisão entre os cômodos e entre o ambiente externo à instituição.

em quase todas as paredes internas houve aumento do pé direito. Nos outros prédios apenas as paredes externas são altas, mas as internas, que dividem as salas, não são tão altas. Às vezes, é difícil perceber se houve ou não alteração na altura por conta da destruição. Além dessas modificações, existem outras alterações nas portas e janelas, algumas foram fechadas. Ao total foram duas portas completamente fechadas, oito janelas totalmente fechadas e uma janela parcialmente fechada no prédio principal. No prédio L tem cinco janelas totalmente fechadas.

Somente o prédio principal apresenta um detalhe estilístico que se repete sobre todas as portas que dão acesso ao ambiente externo (figura 36). Em algumas salas, em diferentes edifícios, é possível identificar a utilização de três cores: verde, vermelho e amarelo. Em algumas, essas cores estão sobrepostas a outras e em outras salas predomina o amarelo ou verde. Mas a cor mais encontrada é o vermelho, inclusive na fachada do educandário.



Figura 36: Detalhe estilístico do prédio principal. Foto: Amanda Seabra

Em uma conversa informal com senhor Oseias²⁵, este contou que há, mais ou menos, 30 anos era possível encontrar ainda no prédio principal do educandário a escada, o segundo piso da parte central e o teto. A destruição do prédio, segundo ele, ocorreu principalmente por parte da população que ia no edifício retirar o que lhe fosse útil. Mas, apesar desta destruição por parte da população e das ações do tempo e da natureza, os prédios encontram-se com todas as suas paredes erguidas. Em algumas salas do prédio principal é possível visualizar ainda as esquadrias de madeira com bandeira (figura 37). Algumas paredes se encontram mais ameaçadas de cair do que outras por conta do crescimento das árvores, mas, ao mesmo tempo que essas plantas afetam a estrutura dos edifícios, são elas que ainda o mantém de pé.

²⁵ Condutor de moto-charrete, um dos meios de transporte atuais da ilha.



Figura 37: Esquadria de madeira com bandeira. Foto: Amanda Seabra

2.1. Confecção da planta baixa

Na introdução desta dissertação é dito que houve muita dificuldade em encontrar informações sobre a história e documentos oficiais do Educandário Dr. Nogueira de Faria. A partir dessa dificuldade, houve a necessidade de desenhar a planta baixa do local (figura 38) a partir dos vestígios que ainda existem para fazer a análise de todo o espaço. Para ter uma compreensão melhor da estrutura do prédio, foi feito um desenho da fachada do prédio principal, já que esta possui 88,77 metros de comprimento.

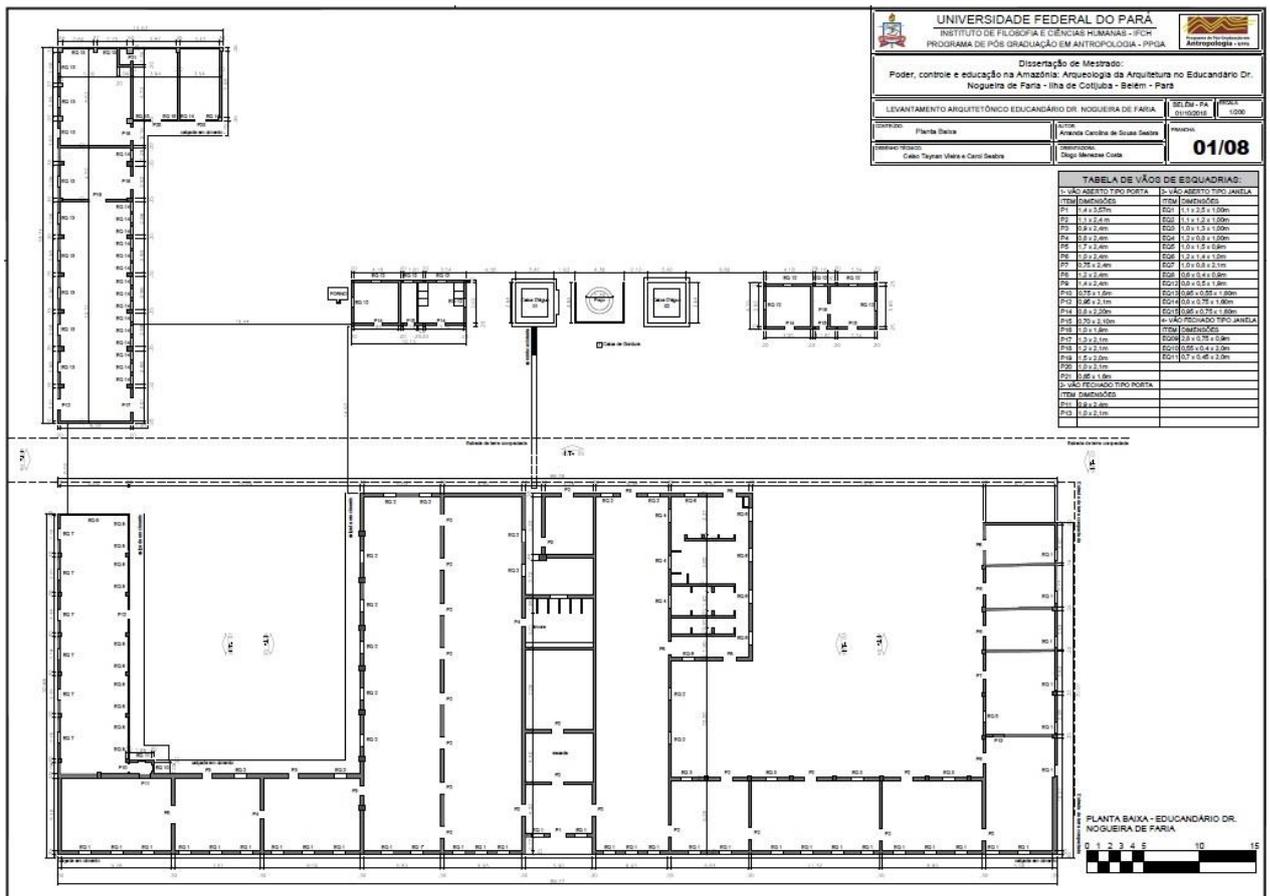


Figura 38: Planta baixa do Educandário Dr. Nogueira de Faria com as medidas.²⁶

A confecção da planta baixa ocorreu em duas etapas. Na primeira etapa (figura 39) foi necessário obter um ponto zero na parte interna do terreno²⁷, no momento em que se iniciou a marcação deste ponto, outra peculiaridade deste prédio principal foi encontrada, ele não seguia o plano cartesiano, ou seja, a construção não se encontra na direção norte/sul e nem leste/oeste. Para a marcação deste ponto zero foi necessário dar a volta pelo lado de fora (esquerdo) do prédio principal para conseguir marcar um ponto zero na parte interna do terreno e começar o desenho. As primeiras estruturas desenhadas foram as duas caixas d'água e o poço, pois são estruturas pequenas e estas são mais difíceis de ser identificadas em foto aéreas ou em imagens de satélites. O primeiro ponto foi a aresta de uma "estrutura" que existe ao redor do poço e, a partir dela, as medidas de todos os outros pontos foram obtidas.

²⁶ Para uma melhor visualização verificar anexo III, página 108.

²⁷ Na parte da frente do educandário tinha uma equipe obtendo as medidas da fachada do prédio principal.



Figura 39: Primeira etapa de confecção da planta baixa. Medição da estrutura ao redor do poço. Foto: Mailaine Sampaio

A segunda etapa contou com o auxílio do arquiteto Celso Vieira e da engenheira Carol Seabra, foi confeccionada a planta baixa de cada prédio e do espaço total do educandário. Para a confecção dessas plantas primeiramente foram obtidas as medidas dos pilares e das paredes, portas e janelas com o auxílio de uma trena a laser e trena de fita (figura 40). A altura das paredes foi obtida, também, com a trena a laser que fazia esse cálculo automaticamente pelo método da trigonometria, bastava apenas posicionar a trena no chão e mirar para a parte mais alta da parede. Após obter as medidas de cada prédio, foram obtidas as medidas entre os prédios para poder localizá-los no espaço. Enquanto as medidas estavam sendo tomadas, foi possível perceber que não é apenas o prédio principal que possui uma simetria, mas todos os prédios são simétricos em suas medidas. Em alguns momentos, algumas medidas já não eram tomadas por se notar que não seriam diferentes de outras já obtidas, como por exemplo a largura e altura das janelas dificilmente tinham grandes variações.



Figura 40: Obtendo as medidas dos prédios A e B. Esquerda: Caio Veiga e Carol Seabra medindo a porta do prédio A. Direita: Amanda Seabra e Celso Vieira medindo a parede do cômodo 13 do prédio principal. Foto: Laura Fontal

A confecção do desenho da fachada do prédio principal ocorreu em dois momentos. Primeiramente com o arquiteto e arqueólogo Dr. Fernando Marques (figura 41) e em um segundo momento com o arquiteto Celso Vieira. Na primeira etapa, foi desenhado apenas o lado esquerdo e para fazer a medição da fachada do prédio principal foram utilizados prumo e trena a laser. Com essas ferramentas foram obtidas as medidas da entrada do prédio, a distância entre os dois “tortinhos”, a altura, largura e o espaçamento das janelas. Para conseguir as medidas de altura foi utilizado o método da trigonometria, sendo que neste caso a trena a laser fez o papel da sombra do prédio, dando um valor de um ângulo conhecido possibilitando, assim, obter as medidas de altura da fachada e das janelas.

A partir do prumo localizado no ponto base, houve a colocação de 10 pontos, um a cada 10 metros para se obter o espaçamento das janelas. Estes pontos obtidos a cada 10 metros são chamados de “pontos de controle”, eles são necessários pelo fato do prédio não possuir uma estrutura regular. Em outra saída de campo o arquiteto e a engenheira obtiveram o restante das medidas da fachada e fizeram o desenho final da fachada do prédio principal, que pode ser visualizada na figura 42. E a figura 43 representa uma fotografia da fachada.



Figura 41: Dr. Fernando Marques fazendo a medição da fachada. Foto: Mailane Sampaio

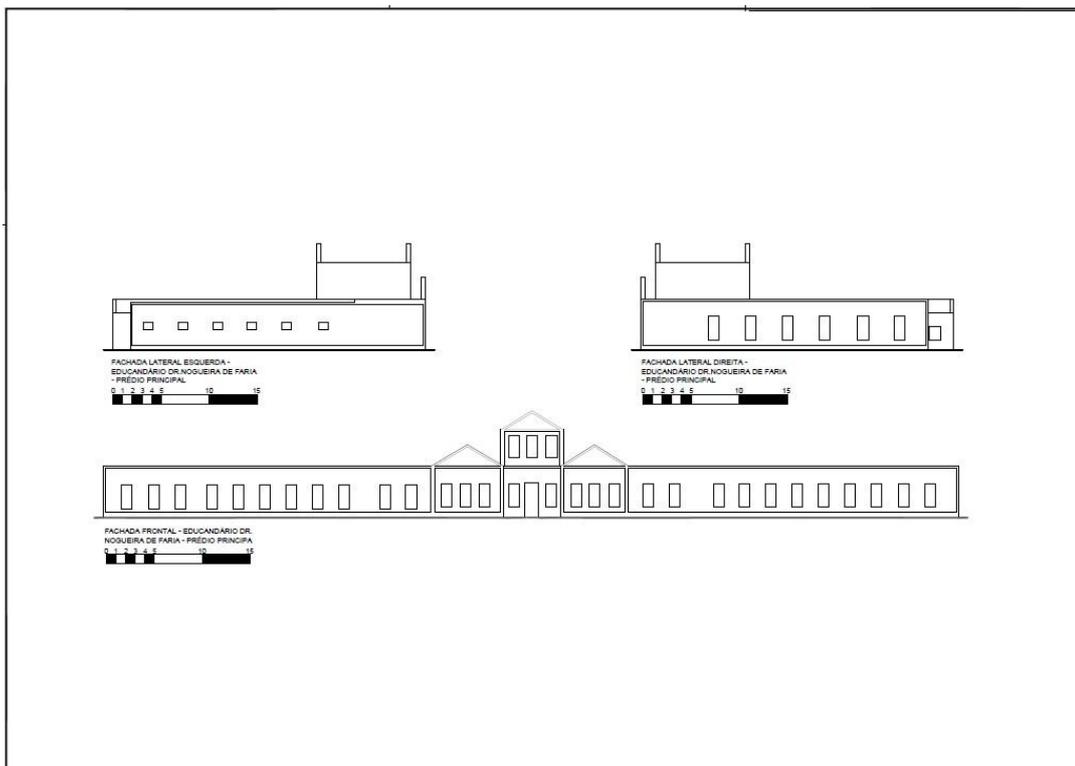


Figura 42: Desenho da fachada do prédio principal. Vista frontal e lateral (esquerda e direita). Desenho: Celso Vieira e Carol Seabra²⁸

²⁸ Para uma melhor visualização do desenho da fachada verificar o anexo IV, página 110. Ou o arquivo em PDF intitulado “prancha 04 fachadas”.



Figura 43: Fachada do Educandário Dr. Nogueira de Faria. Foto: Amanda Seabra

Além das medições houve a realização de uma prospecção superficial sem intervenção no solo, em todo ambiente externo da edificação, para verificar onde ocorre a maior concentração de vestígios materiais. A prospecção foi realizada por meio de *transects*, o terreno foi dividido em três partes: A (lado esquerdo do terreno) B (meio do terreno) e C (lado direito do terreno). Foram colocados palitos de churrasco com a ponta pintada de branco para que pudesse ter uma boa visualização da dispersão do material (figura 44).



Figura 44: Palitos espalhados pelo terreno indicando a localização dos vestígios encontrados durante a prospecção. Foto: Mailane Sampaio

Foram encontradas louças, dois cadeados, azulejos, tijolos e um grande quantidade de vidros com grande variação em sua coloração: opaco, verde, marrom claro e escuro e transparente (figura 45). A região ao fundo do terreno, que possui a aparência de um rio seco, foi o local onde a maior quantidade de materiais foi encontrada, incluindo ossos de animais. Provavelmente, essa área do terreno era um local de descarte de lixo ou, então, com o tempo, vento e chuvas a maioria dos materiais foram deslocados para esta região, que aparenta ser um pouco mais baixa.



Figura 45: Parte de uma garrafa encontrada durante a prospecção superficial. Foto: Mailane Sampaio

Como podemos observar neste capítulo, o Educandário Dr. Nogueira de Faria é formado por quatro prédios que foram denominados de: prédio principal, prédio L, prédio A e prédio B. Além destas construções, este espaço é composto ainda por duas caixas d'água e um poço que estão localizados ao meio do terreno e um forno ao lado do prédio A. Os prédios vão se diferenciar pelo tamanho, pela quantidade de portas e janelas e pela organização espacial. Mas os cômodos do prédio principal são os únicos que possuem mais de duas opções de entrada/saída e janelas grandes. Os outros prédios já se caracterizam por terem uma ou no máximo duas portas e poucas salas serão interligadas. No prédio principal somente seis salas não possuem ligação com outras (atualmente), nos prédios A, B e L apenas quatro cômodos terão ligação com outro.

3. Metodologia

Para analisar a arquitetura do Educandário Dr. Nogueira de Faria e atingir os objetivos dessa pesquisa, foi escolhida uma subárea da arqueologia, a Arqueologia da Arquitetura. Esta é a área de investigação dentro da arqueologia e da arquitetura que estudará as obras arquitetônicas com metodologias provenientes da ciência arqueológica e arquitetônica para entender a história de um determinado edifício (ou ambiente construído), compreender a relação desta obra com as pessoas, analisar e interpretar as modificações que ocorreram ao longo dos anos na paisagem e na organização das pessoas dentro de um espaço, e assim aprender um pouco mais sobre a sociedade que ela está inserida.

A princípio, esta área de pesquisa foi vista como um campo que englobava apenas as metodologias e técnicas necessárias para estudar a construção e características arquitetônicas dos prédios de maneira mais aprofundada, assim sendo a Arqueologia da Arquitetura possui metodologias e técnicas muito bem desenvolvidas, avançadas e definidas. As principais ferramentas metodológicas são: análise estratigráfica, análise espacial e análise gamma (Caballero 1995, Borrazás, Rotea E Vila 2002, Ramalho 2003, Tirello 2006, Fontes, Catalão E Alves 2010, Santos 2013 e 2015). Dependendo dos objetivos da pesquisa, terá uma metodologia que se encaixa melhor.

Entre as metodologias disponíveis nesta área, foram escolhidas a análise gamma e a análise espacial, pois com essas metodologias é possível ter uma visão completa, uma ótima compreensão de cada prédio, e, também, é possível visualizar de maneira bem detalhista as características de cada construção. Para complementar, se optou por utilizar também a análise alfa, que não está incluída na metodologia da arqueologia da arquitetura, mas que foi muito útil para a compreensão da organização espacial do Educandário Dr. Nogueira de Faria. Essa escolha ocorre a partir do momento que analisar apenas os prédios desta instituição não é suficiente para compreendê-la. Precisa-se olhar para a organização espacial da instituição, ver a localização e a ligação entre os espaços existentes. Com essas três metodologias é possível ter um entendimento completo do educandário, pois, primeiramente, compreende-se como esta construção está inserida na paisagem da ilha, em seguida é apresentado quais são os espaços existentes e as relações entre eles, por último, é feita a análise de cada construção de maneira individual.

3.1. Análise espacial

Esta análise consiste na “*descrição formal dos distintos níveis espaciais que influenciam na configuração do espaço arquitetônico, buscando identificar a forma genérica da qual iniciou*”²⁹ (tradução da autora) (Borrazás *et al* 2002: 33). Seu objetivo consiste em identificar os fatores organizacionais da construção para compreender a relação entre os cômodos internos do edifício e também a relação com o ambiente ao seu redor.

Esta análise se divide em três aspectos: modelos de relação espacial (espaço interior a outro, espaços conexos, espaços contíguos e espaços vinculados por outro em comum), modelos de organização espacial (organização centralizada, linear, axial, radial, agrupadas e em xadrez), e princípios de organização adicionais de ordenação (eixo, simetria e hierarquia). Estes modelos são baseados em técnicas e vocabulário de análise que já existem na Arquitetura. A partir deles, é possível perceber qual a relação dos espaços internos dentro do ambiente construído e também com o ambiente ao redor; assim, torna-se viável a decodificação da linguagem não verbal que as construções arquitetônicas possuem (Borrazás *et al* 2002, Martínez 2008).

Seguindo os princípios da análise espacial acima expostos, tem-se que a organização espacial interna de cada prédio do educandário é linear, ou seja, os cômodos estão dispostos um ao lado do outro, com alguns contendo ligações internas entre eles. Estes cômodos podem ser do mesmo tamanho ou, então, dependendo da sua função ou nível de importância podem ser maiores ou menores do que os outros. Borrazás *et al* dizem que:

*“Este tipo de organizações implicam ação: marcam uma direção e produzem a sensação de movimento, de extensão e de crescimento.”*³⁰ (tradução da autora) (2002: 35).

Estas características são mais facilmente percebidas no prédio principal que é o maior de todo o educandário. Quando se olha de qualquer cômodo para alguma das extremidades do prédio, primeiro, se tem a sensação de que o prédio “não tem fim”, ou seja, tem-se a sensação de extensão descrita por Borrazás *et al*. A partir do momento em que se começa a caminhar e a cruzar cada cômodo tem-se a sensação de crescimento, parece que o prédio fica maior a cada porta atravessada até que se aviste uma parede e nenhuma outra porta a ser cruzada, então, chegou-se ao final do prédio. Nos outros prédios essa linearidade é aplicável pelo fato dos cômodos serem dispostos um ao lado do outro e alguns terem ligações entre si, mas a sensação

²⁹ “*descripción formal de los distintos niveles espaciales que influyen en la configuración concreta del espacio arquitectónico, tratando con ello de identificar la forma genérica de la que partió.*”

³⁰ “Este tipo de organizaciones implican acción: marcan una dirección y producen la sensación de movimiento, de extensión y de crecimiento.”

de extensão e profundidade não é encontrada, então, esta análise é melhor aplicada apenas no prédio principal.

Ao observar as características dos sistemas de ordenação descritos por Borrazás *et al* é possível identificar o sistema de hierarquia na arquitetura do educandário. De acordo com Borrazás *et al* esse sistema se caracteriza por ter uma arquitetura que irá refletir a importância daquela construção, seja pelo seu:

“ (...) tamanho (destacando por ser muito grande ou por sua exiguidade); sua forma única ou diferenciada em relação ao entorno; uma localização estratégica, como no final de uma organização axial, no centro de uma organização central ou na parte superior, inferior ou em primeiro plano de uma composição³¹.” (tradução da autora) (2002: 35)

No Educandário Dr. Nogueira de Faria há uma construção de grande porte que está em primeiro plano (o prédio principal), além do grande tamanho deste prédio é possível enxergar que todo o espaço ocupado por esta instituição é grande. O educandário possui janelas grandes, as paredes são muito altas e o espaçamento entre um prédio e outro é comprido. Comparando a arquitetura do educandário com as arquiteturas existente ao redor dele e até mesmo com outras construções existentes na Ilha de Cotijuba - que é composta por residências, escolas, postos policiais e de saúde - a arquitetura do educandário continua sendo a maior e a mais alta, diferenciando-se bastante do que existiu e existe atualmente dentro da ilha.

Em uma fotografia da década de 1960 (figura 7, página 36) é possível observar a ausência de árvores de grande porte e de qualquer outra construção ao redor da instituição, assim, tem-se uma visão completa e única para o prédio principal do educandário, ele “reina” naquela paisagem. Nos dias atuais, mesmo existindo outras construções e o crescimento de árvores no entorno e dentro das construções ainda existe um predomínio desta construção na paisagem da Ilha de Cotijuba, como pode ser observado na figura 46.

³¹ “ (...) son el tamaño (destacando por ser muy grande o por su exigüidad); su forma única o diferenciada respecto al entorno; una localización estratégica, como en el final de una organización axial, en el centro de una organización central o en la parte superior, inferior o en primer término de una composición”.



Figura 46: Imagem da entrada da Ilha de Cotijuba. Foto: Amanda Seabra

Além destas características descritas até o momento, existe uma outra característica importante no prédio principal do educandário que demonstra também a hierarquia desta instituição. A parte central do prédio principal possui um segundo andar, com janelas grandes em todas as suas paredes. Provavelmente, devia-se ter uma visão de todo o terreno do educandário e presumivelmente também se poderia ver quem estava chegando ou saindo tanto da instituição, quanto da própria ilha. Esta é a única parte do prédio principal e, também, em todos os prédios da instituição que possui um andar superior. Então, a hierarquia desta instituição pode ser notada pelo seu tamanho, pela diferenciação da sua arquitetura com o entorno em que está inserido e pela posição estratégica de um único andar superior. Com esta primeira análise já é possível perceber a presença marcante dessa construção na paisagem da Ilha de Cotijuba.

3.2. Análise Alfa

A análise alfa é proveniente da “Teoria da Sintax Espacial”, teoria criada por Hillier e Hanson (1984) para estudar a ordenação e traçados de um assentamento, independente do seu tamanho. Primeiramente, esses autores dizem que dentro de um assentamento existem os elementos fechados (as casas, prédios públicos e privados, lojas e etc.) e os elementos abertos (ruas, praças e etc.) e entre eles ocorre uma interação. Ademais, entre esses elementos que dão forma aos assentamentos existem as pessoas que também fazem parte de todo esse espaço. Hillier e Hanson dizem que existem duas categorias de pessoas que circulam em um

assentamento: os habitantes e os visitantes. A organização espacial pode proporcionar encontros dos habitantes com outros habitantes; dos habitantes com visitantes; e dos visitantes com outros visitantes. Pode, também, dar mais privacidade aos habitantes quando os visitantes chegam, fazendo com que alguns locais tenham um acesso mais difícil do que outros.

Para compreender a organização espacial de um assentamento, Hillier e Hanson (1984) informam que é necessário a criação de um mapa axial ou um mapa convexo. O mapa axial representa os espaços construídos e nele são desenhadas linhas, que são chamadas de linhas axiais que representam quais são os trajetos existentes em um assentamento. Para saber quais são os trajetos existentes, é desenhado o menor número de linhas capaz de cobrir todo o espaço de circulação que existe dentro de um assentamento.

A partir do mapa axial, também pode ser feito um gráfico espacial. Este gráfico representará as ligações dos elementos abertos com os elementos fechados. As ligações ocorrerão sempre que um elemento fechado tiver relação direta com um elemento aberto, ou seja, sempre que um prédio tiver algum tipo de acesso a um determinado espaço aberto (Roedel e Soares 2015; Soares e Moreira 2015).

A confecção dos mapas descritos anteriormente é a primeira etapa a ser feita da análise alfa. Depois de feitos os mapas, de acordo com os objetivos da pesquisa, o pesquisador escolhe uma das diferentes fórmulas matemáticas que fazem parte da análise. Estas fórmulas irão auxiliar na interpretação do espaço estudado. A fórmula que foi escolhida para esta pesquisa é a da assimetria relativa (RA³²). Esta fórmula irá mostrar se um determinado assentamento é simétrico ou assimétrico.

Para calcular a RA, primeiramente, precisa-se calcular a profundidade do assentamento³³ (MD). Para se chegar a este resultado, é necessário numerar cada linha existente no mapa axial e em seguida contar quantos passos topológicos³⁴ são necessários para ir de uma linha a outra. Este procedimento é feito para todas as linhas que foram desenhadas no mapa e é importante frisar que a contagem dos passos sempre é realizada para o menor trajeto disponível. Então, em seguida, é feita a somatória dos passos topológicos de cada linha e este valor é

³² Sigla em inglês para relative asymmetry

³³ As relações de profundidade estão diretamente ligadas as relações de assimetria. Para se chegar a um determinado ponto dentro do assentamento é necessário atravessar outros espaços (construídos ou não construídos). O assentamento terá um valor de profundidade alta quanto mais espaços são necessários para se chegar a um outro (Hillier e Hanson 1984).

³⁴ Esses passos seriam os trajetos que são necessários para se chegar de uma linha até outra que esteja sendo analisada (Roedel e Soares 2015).

dividido pela quantidade total de linhas existentes (Roedel e Soares 2015; Soares e Moreira 2015). Somente após o cálculo de profundidade do assentamento é possível aplicar a fórmula de assimetria relativa:

$$RA = \frac{2(MD - 1)}{k - 2}$$

Onde MD é a profundidade do assentamento e k é o número total de espaços (construídos e não-construídos) no assentamento. Os valores provenientes desta fórmula serão entre zero e um. Quanto mais próximo de zero, a linha é mais integrada e mais próximo de um, a linha é menos integrada (Hillier e Hanson 1984).

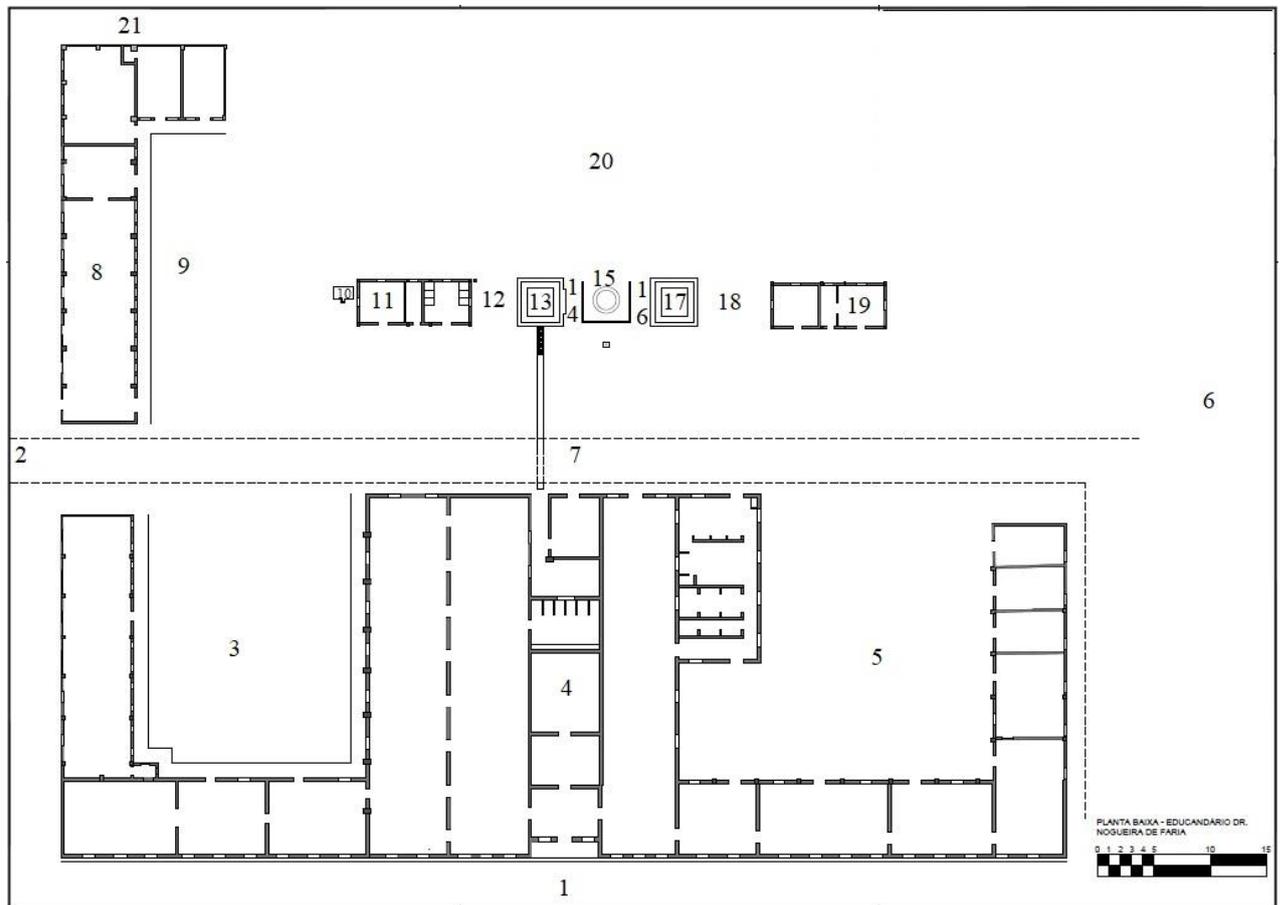
Após a confecção do mapa axial ou convexo (dependendo dos objetivos da pesquisa, se escolhe entre um ou outro), do gráfico espacial e do resultado da fórmula de assimetria relativa poderá se afirmar que um espaço é assimétrico (é necessário passar por um ou mais espaços construídos para se chegar até um terceiro espaço) ou simétrico (sem a necessidade de se passar por um espaço intermediário para se chegar a outro). Os espaços poderão ser caracterizados, também, como distributivos (possuem mais de uma opção de acesso, logo tendo um controle menor de circulação no espaço) ou não-distributivos (possui uma opção de acesso, logo tem um controle maior de circulação no espaço).

3.2.1. Aplicação da análise alfa para o Educandário Dr. Nogueira de Faria

Antes de fazer o mapa axial do educandário, foi feita a identificação dos espaços existentes nesta instituição, cada espaço foi numerado e em seguida foram feitos o mapa axial e o gráfico espacial. Hillier e Hanson dizem que para este tipo de análise precisa de um mapa com grande precisão, os melhores são os que tem escala de 1:1250. Mas, o mapa axial do educandário foi feito sobre a sua planta baixa, com escala de 1:200, pois esta planta consegue mostrar tudo que tem dentro desta instituição: os acessos, os prédios, caixas d'água, poço e áreas não construídas. E ao redor da instituição não existem outras construções que necessitariam estar representadas e que, também, não irão influenciar na análise deste espaço.

Então, dentro do educandário foram identificados 21 espaços construídos e não construídos: 1 – acesso a partir do porto; 2 – acesso lateral esquerda; 3 – pátio interno esquerda do prédio principal; 4 – prédio principal; 5 – pátio interno direita do prédio principal; 6 – acesso lateral direita; 7 – “rua” interna; 8- prédio L; 9 – área externa em frente ao prédio L; 10- forno; 11 – prédio A; 12 – espaço entre o prédio A e a caixa d'água 1; 13 – caixa d'água 1; 14 – espaço entre a caixa d'água 1 e o poço; 15 – poço; 16 – espaço entre o poço e a caixa d'água 2; 17

caixa d'água 2; 18 – espaço entre a caixa d'água 2 e o prédio B; 19 – prédio B; 20 – espaço atrás dos prédios A e B, caixas d'água e poço; 21 – espaço atrás do prédio L. Esta ordenação pode ser visualizada na figura 47.



Legenda

- | | | |
|------------------------------|---|---|
| 1 - acesso a partir do porto | 8 - prédio L | 15 - poço |
| 2 - acesso lateral esquerda | 9 - área aberta em frente ao prédio L | 16 - espaço entre o poço e caixa d'água 2 |
| 3 - pátio interno esquerdo | 10 - forno | 17 - caixa d'água 2 |
| 4 - prédio principal | 11 - prédio A | 18 - espaço entre a caixa d'água 2 e prédio B |
| 5 - pátio interno direita | 12 - espaço entre prédio A e caixa d'água 1 | 19 - prédio B |
| 6 - acesso lateral direita | 13 - caixa d'água 1 | 20 - espaço atrás dos prédios A e B, caixas d'água e poço |
| 7 - "rua" interna | 14 - espaço entre caixa d'água 1 e poço | 21 - espaço atrás do prédio L |

Figura 47: Divisão espacial do educandário.

A partir do gráfico espacial (figura 48) pode-se caracterizar o espaço do educandário como distributivo, pois a maioria dos seus espaços possuem mais de uma alternativa de acesso. Mas com uma relação de assimetria entre os espaços construídos e não construídos, ou seja, para se ter acesso a algum ponto específico é necessário passar por um espaço intermediário. Por exemplo, para entrar/sair desta instituição se tem três opções: pelo espaço 1, 2 ou 6 (característica distributiva). Independente da escolha que se faça é obrigatória a passagem pelo prédio principal, tanto por dentro, caso a escolha de acesso seja pelo espaço 1 ou, então, contornando o prédio principal caso se escolha o espaço 2 ou 6 (característica de assimetria).

Para ter acesso a qualquer espaço, quando se está dentro da instituição, é obrigatória a passagem pelo espaço 7, este é o local que faz a ligação de todos os espaços do educandário (característica de assimetria).

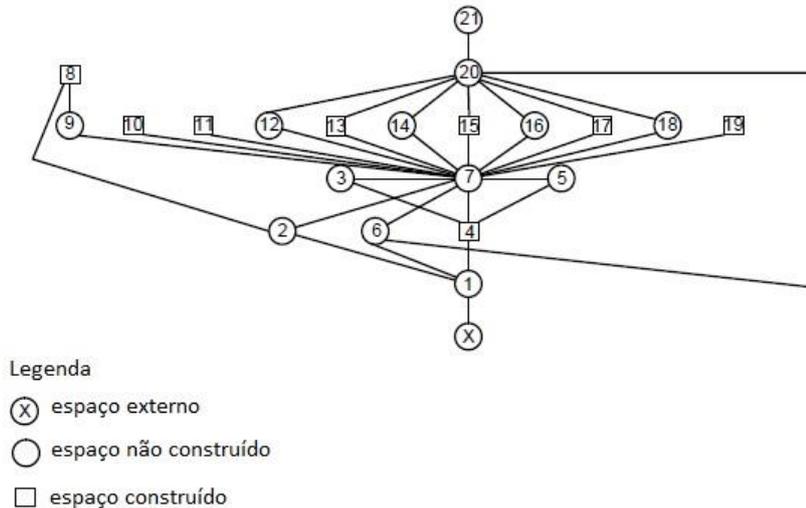


Figura 48: Gráfico espacial do Educandário Dr. Nogueira de Faria

O gráfico espacial mostra a existência de três eixos de acessos à esta instituição, e um pode ser considerado como o principal (espaços 1, 4, 7) e dois como alternativos (espaços 2, 7; espaços 6, 7). Considera-se o eixo 1, 4, 7 como o principal, pois ao chegar na ilha só é possível identificar este acesso para o ambiente interno do educandário e este é o trajeto mais rápido que se tem para o interior da instituição. Só se tem conhecimento da existência dos acessos alternativos após a entrada pelo acesso 1. Provavelmente, esses acessos que foram classificados como alternativos fossem utilizados apenas para uso “interno”, por exemplo, quando algum tipo de atividade fosse ser realizada para a ilha, então se utilizava o acesso 2 ou 6 para sair/entrar. E o acesso que foi classificado como principal, fosse utilizado quando se quisesse entrar na instituição quando alguém chegasse de fora da Ilha de Cotijuba.

No mapa axial (figura 49) 20 linhas³⁵ (representadas pela cor azul claro) foram suficientes para cobrir toda a área da instituição. Algumas linhas terão o valor de assimetria relativa iguais, apesar de estarem em lugares diferentes, isso ocorre pelo fato de que, apesar de estarem em lugares diferentes, essas linhas possuem a quantidade de passos tipológicos parecidos, mudando o valor apenas em uma ou duas linhas, mas, ao final, o valor resultante da

³⁵ Em cada ponta dessas linhas está a sua numeração.

soma desses passos será igual, logo, ao aplicar a fórmula de assimetria relativa o resultado será o mesmo.

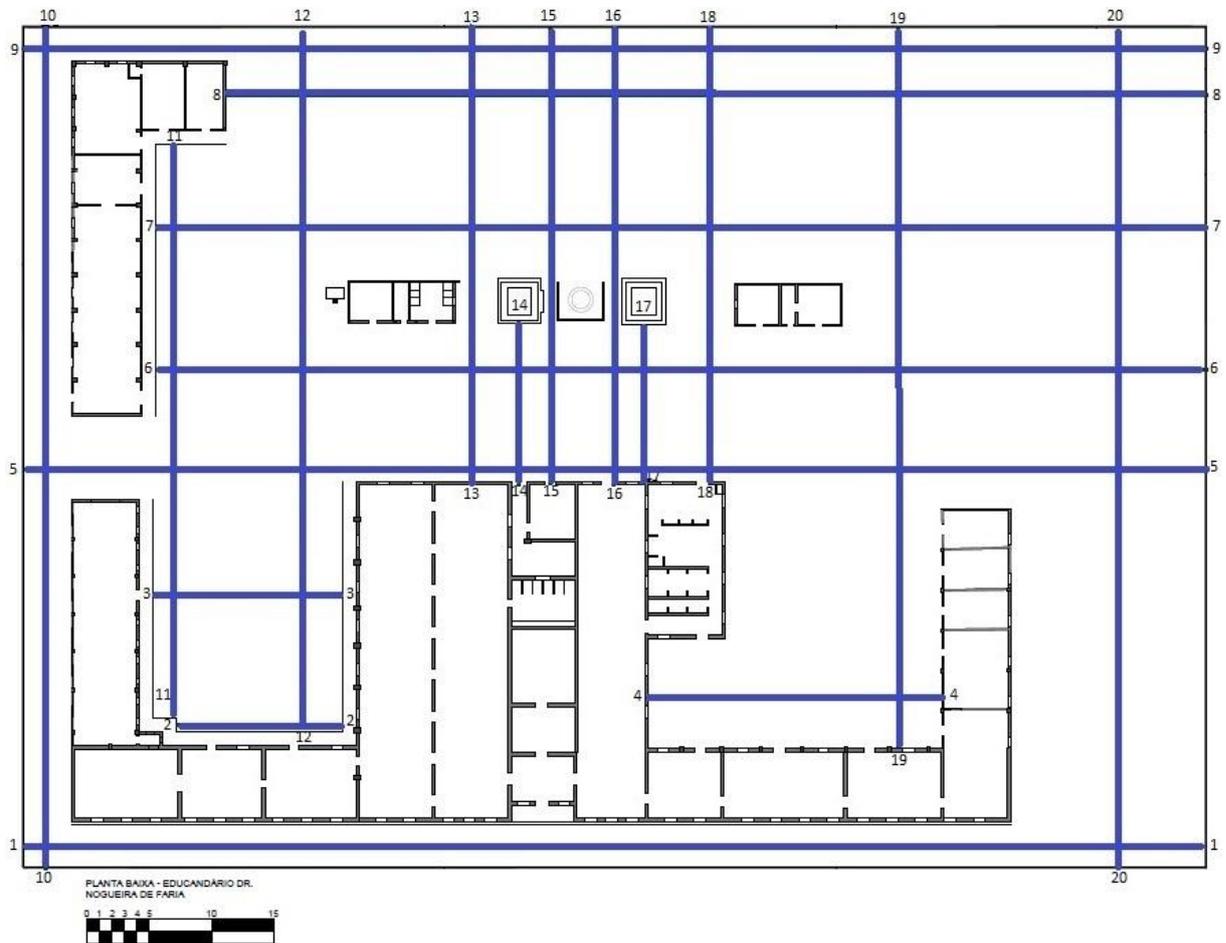


Figura 49: Mapa axial do Educandário Dr. Nogueira de Faria

Ao olhar a planta baixa³⁶ desta instituição pode-se pensar que o local mais isolado do educandário seria o espaço 21, só que ao aplicar a fórmula de assimetria relativa (RA) o resultado é diferente. A linha axial de número 9 é a que passa por esse espaço e o seu RA é de 0,068³⁷, ou seja, este espaço é capaz de proporcionar vários encontros. As linhas que possuem RA mais próximo a um (1) são as de número 1, 2, 3, 4, 10, 11, 14 e 17, sendo que a linha número 4 será a mais isolada (RA = 0,173). O mapa axial e o resultado da fórmula de assimetria relativa afirmaram que o espaço 7 (linha axial 5) é o local que proporciona mais encontros dentro da instituição, seu RA é igual a 0,036. A figura 48 apresenta todos os valores de assimetria relativa em ordem crescente, ou seja, do mais ao menos integrado.

³⁶ No anexo II, na página 108, é possível visualizar a planta baixa do educandário com todos os seus espaços enumerados.

³⁷ Quanto mais próximo a zero for o valor de assimetria relativa, mais integrado será esse espaço.

Linha axial	Assimetria relativa
5	0,036
6	0,047
7, 9, 12	0,068
8, 19, 20	0,078
13, 15, 16, 18	0,089
11	0,100
10	0,110
14, 17	0,121
3	0,152
2	0,157
1	0,163
4	0,173

Figura 50: Linhas axiais e seus valores de assimetria relativa³⁸

Ao analisar os resultados de assimetria relativa é possível perceber que o lado esquerdo e as caixas d'águas são os espaços que menos proporcionam contato dentro da instituição, pois as linhas que possuem um RA mais próximo a um (1) são as linhas de número 2, 3, 10, 11 (localizadas do lado esquerdo); 14 e 17 (são os caminhos que levam até as duas caixas d'águas).

Adaptando para esta pesquisa, pode-se dizer que as caixas d'águas poderiam ser um local de vigia, pois elas estão localizadas no meio do terreno e proporcionam menos encontros entre as pessoas. E o lado esquerdo é a área da instituição que possui um maior controle de circulação das pessoas. As linhas 1 e 4 são as menos integradas, mas elas se encontram em lugares bem específicos, a linha 1 está localizada na frente da instituição e a linha 4 corta a área 5, pode-se dizer que os espaços onde essas duas linhas passam, teriam um controle maior de circulação.

A análise alfa mostrou que o Educandário Dr. Nogueira de Faria é uma instituição que possui uma circulação interna distributiva, isto é, a partir do momento que se entra é possível circular pelo seu espaço sem muitas restrições. Mas ao mesmo tempo que é distributiva, esta instituição é assimétrica, ou seja, é possível circular por toda a área interna mas para ir de um ponto a outro é obrigatória a passagem por um terceiro espaço. Então, algumas áreas desta instituição estão localizadas em maior profundidade do que outras, ou seja, estão mais “isoladas” do que outras. O cálculo de assimetria relativa a partir do mapa axial nos mostrou

³⁸ Para conferir os cálculos da assimetria relativa de cada linha, verificar anexo VII na página 112.

que espaços que em uma primeira interpretação seriam considerados bastante integrados são, na realidade, espaços onde ocorrem pouca integração.

3.3. Análise Gamma

A análise Gamma consiste em compreender como se dá o acesso e movimentação no interior da edificação, avaliando a dependência entre os cômodos. Assim os compartimentos do edifício são os nodos (que são representados em forma de círculo no gráfico), e os *edges* (que são representadas pelas linhas que ligam os círculos no gráfico) representam a relação entre os compartimentos e o ambiente exterior.

Assim, é possível afirmar se a estrutura do prédio possui uma organização espacial distributiva (possui mais de uma opção de entrada e saída) ou não-distributiva (possui apenas uma opção de entrada e saída). As estruturas ditas não-distributivas se caracterizam por um baixo grau de conexão entre os cômodos e são típicas de ambientes onde o controle se dá de forma mais concentrada, onde alguns espaços são mais valorizados que outros.

Nas estruturas ditas distributivas o controle já é menor, há um alto grau de conexão entre os cômodos. O resultado desta análise será a confecção de um gráfico onde será possível visualizar com maior facilidade a organização espacial da construção e a relação existente entre os cômodos (Zarankin 2002, Martínez 2008, Moreira 2015). Um exemplo deste gráfico pode ser visualizado na figura 49.

“Por meio destas análises se pode descobrir as relações sociais que mantém os indivíduos que habitam uma estrutura e esses com os de fora dela³⁹”
(tradução da autora). (Martínez 2008: 118)

³⁹ *“Por medio de estos análisis se puede descubrir las relaciones sociales que mantienen los individuos que habitan una estructura y entre éstos y los foráneos a ella”*

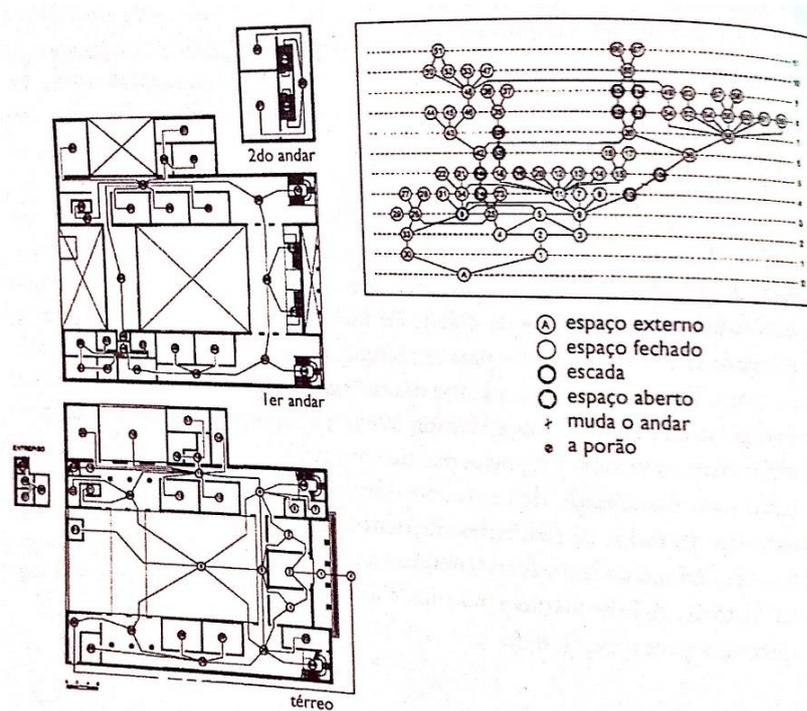


Figura 51: Exemplo de gráfico resultante da análise gamma. Fonte: Zarankin 2002: 94

Em sua pesquisa sobre a arquitetura das escolas públicas de Buenos Aires, Zarankin (2002) adaptou a metodologia utilizada por Richard Blatter em uma pesquisa comparativa entre residências. Com isso elaborou uma metodologia, que, a partir da produção do gráfico resultante da análise gamma, pode-se aplicar os índices de escala, integração e complexidade, assim, as informações obtidas neste gráfico são simplificadas e ao mesmo tempo maximizadas (Zarankin 2002, Moreira 2015).

O índice de escala consiste na quantidade de compartimentos existentes no prédio; o índice de integração está relacionado a circulação dentro da construção. Para se obter o índice de integração se divide a quantidade de conexões entre os compartimentos pela quantidade de compartimentos. A partir do resultado obtido nesta divisão o pesquisador terá uma melhor visão de como se dá a circulação dentro da edificação. O menor número que sairá como resultado desta divisão será um (1), porque cada compartimento possui ao menos uma passagem; o índice de complexidade está relacionado com a variação do uso dos espaços dentro do edifício e com a quantidade de salas que são necessárias atravessar para chegar até o exterior, desse modo é possível ver qual é o grau de isolamento dos cômodos. (Zarankin 2002, Moreira 2015).

Portanto, a partir da análise gamma é possível compreender a relação das pessoas com outras pessoas dentro do edifício, das pessoas com o edifício e entender a função de um edifício dentro a sociedade.

3.3.1. Aplicação da análise gamma no Educandário Dr. Nogueira de Faria

O espaço desta instituição é composto por quatro estruturas de diferentes tamanhos: o prédio principal que é o maior de todos com 23 cômodos; o prédio L com cinco cômodos e os prédios A e B com três cômodos cada um. Por se tratar de um conjunto arquitetônico de estruturas integradas a análise gamma é aplicada de forma geral para todo o grupo, analisando as relações entre estes

Para a análise gamma os espaços que foram classificados como abertos são importantes, pois, eles interagem diretamente com cada estrutura e são de fundamental importância para a circulação interna do educandário. Mesmo esses espaços não sendo construídos, mas são eles que organizam a circulação no educandário, tornando-se passagem obrigatória. O ambiente externo, representado por um X no gráfico, será o ambiente que está fora da instituição, ou seja, ao seu redor. Na figura 52 está representada a relação entre os espaços abertos e os cômodos de cada prédio e a figura 53 apresenta o gráfico gamma resultante.

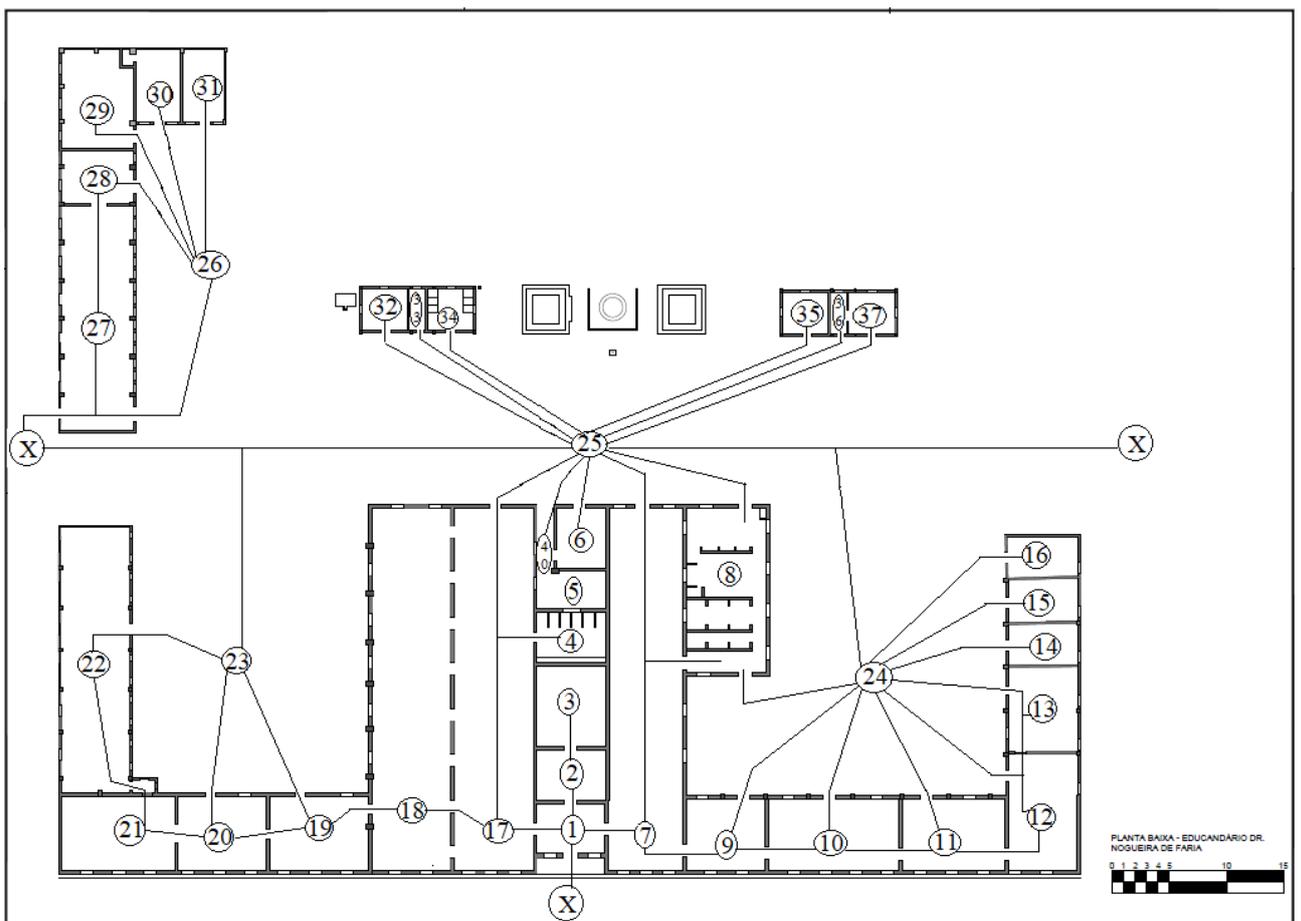


Figura 52: Conexões existentes entre os cômodos e os prédios

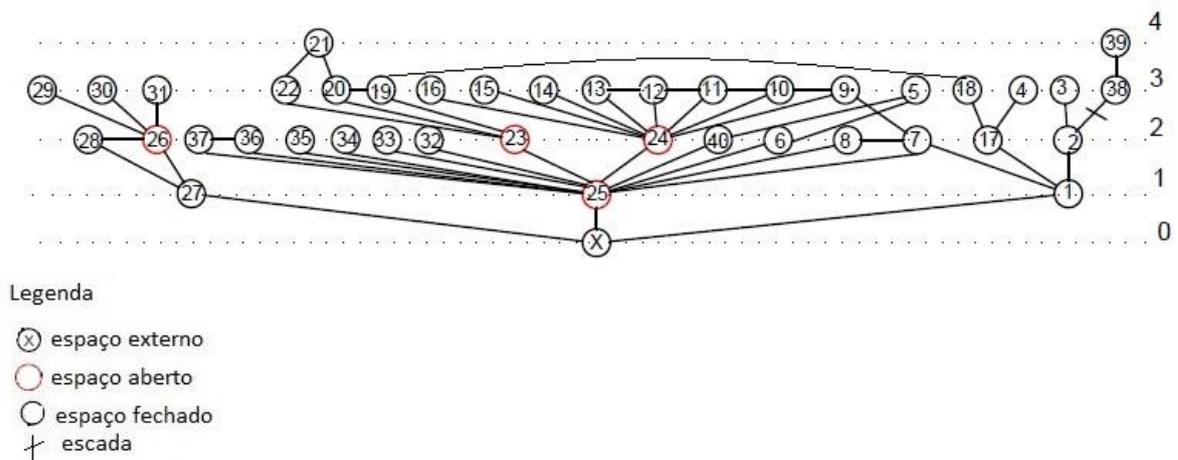


Figura 53: Gráfico gamma do Educandário Dr. Nogueira de Faria

O índice de escala do educandário é 40, pois existem 40 cômodos dentro da instituição. Para chegar a esse valor, além de considerar cada cômodo que ainda é possível encontrar, foram incluídos o segundo piso que existiu no prédio principal, além dele, a escada que dava acesso a esse piso, também, é considerada um nó, ou seja, um local de encontro. Hoje em dia não é possível ter o acesso ao segundo piso e a escada, mas para esta análise esses dois espaços internos são considerados, porque durante o funcionamento da instituição, eles existiam. Outro espaço que também entrou na contagem de cômodos para a análise gamma, foi o corredor que existe entre os cômodos 5 e 6. Após considerar todos esses espaços existentes dentro do educandário, o seu índice de escala ficou em 40.

O resultado do índice de integração é 2,65, ou seja, cada cômodo do educandário possui 2,65 conexões, logo, possuem mais de uma opção de entrada/saída. O valor do índice de complexidade⁴⁰ é de 2,50, um valor bem próximo ao obtido no índice de integração. A partir desses resultados, essa instituição pode ser classificada como distributiva, pois seus cômodos possuem mais de uma opção de acesso. Mas, mesmo sendo considerada distributiva, o educandário possui um valor alto de distância do ambiente externo, é necessário que se atravesse, pelo menos, dois cômodos para sair da instituição. Esses valores apresentam que o educandário permite que ocorra uma circulação dentro do seu espaço, mas ao mesmo tempo, ele mantém uma distância do ambiente externo a ele.

A arquitetura do prédio principal é marcada por dois momentos: o primeiro momento se caracteriza por ter mais interações internas entre os cômodos; o segundo momento se

⁴⁰ Para a realização desse cálculo sempre é considerado o menor caminho existente. Todos os cálculos realizados na análise gamma podem ser conferidos no anexo VIII, página 115.

caracteriza por ter menos interações internas, ou seja, portas e janelas foram fechadas e/ou modificadas. Mas, apesar de ocorrer esses fechamentos, essas alterações não são significativas na estrutura do prédio e em sua circulação.

A principal diferença é que os cômodos 12, 13, 21 e 22 perdem uma ligação cada um, destes, o cômodo 12 é o único que continua com mais de uma opção de entrada/saída. O fechamento dessas ligações internas deixou os cômodos 13 e 22 “isolados”, obrigando que o acesso a eles ocorresse a partir dos espaços 24 e 23, respectivamente. A partir das marcas das palavras que podem ser visualizadas, o cômodo 21 e 22 era o alojamento da instituição, logo, pode se concluir que o fechamento da passagem entre eles significou um aumento no controle do acesso a este espaço da instituição.

O fechamento de entradas/saídas gerou algumas modificações que precisam ser consideradas, mas elas não foram o suficiente para gerar grandes transformações em toda estrutura do prédio principal, pois elas ocorreram nas extremidades do prédio. Mesmo com essas mudanças o lado direito continua sendo mais integrado do que o lado esquerdo, sendo 21 conexões do lado direito e 18 do lado esquerdo.

A partir do gráfico gamma é possível ver que existem cinco pontos que dão acesso a diferentes locais dentro da instituição, são eles: 1, 23, 24, 25 e 26. Deste, apenas o 1 encontra-se dentro de um prédio. A passagem por esse cômodo é obrigatória quando se quer atravessar de um lado para outro por dentro do prédio principal e quando se quer sair deste mesmo prédio para fora da instituição, quando se quer ir para o porto, por exemplo. O cômodo 1 pode ser caracterizado como um cômodo de controle de circulação interna, independente do destino final dentro do prédio principal a passagem pelo cômodo 1 é obrigatória. Mesmo com as alterações, este espaço continua sendo o principal local de passagem de um lado a outro e, também, o principal para a entrada/saída da instituição.

O espaço 25 está localizado bem ao meio da instituição, ele é o local que conecta todo o educandário. A passagem por esse cômodo é obrigatória quando se quer entrar ou sair da instituição, pois ele possui duas ligações com o ambiente externo. Além de ser passagem obrigatória, também, para acessar todos os espaços construídos dentro do educandário, pois ele conecta-se diretamente com o prédio principal (a partir dos cômodos 6, 7 e 17) e com os prédios A e B. Indiretamente, o espaço 25 conecta-se, novamente, com o prédio principal (a partir dos espaços 23 e 24) e com o prédio L (a partir do espaço 26). Esse espaço pode ser classificado

como um ponto de controle de circulação e o ponto que une todos os espaços (construídos e não-construídos) dentro do educandário.

Os espaços 23, 24 e 26 fazem conexões com locais específicos dentro da instituição: o 23 conecta-se com o lado esquerdo do prédio principal, o 24 com o lado direito e o 26 com o prédio L. Os espaços 23 e 24 não são considerados fundamentais para acessar o prédio principal, pois pode-se acessar esse prédio a partir do cômodo 1 ou quando se quer ir de um cômodo a outro sem precisar atravessar internamente o prédio principal. Mas, quando se entra na instituição e pretende-se ir para a parte posterior do educandário, a passagem por esses espaços se torna obrigatória. Esses dois espaços podem ser caracterizados como dois pátios internos de controle de circulação do prédio principal, pois, além de ter as portas que dão acesso, existem as janelas que dá visibilidade a estes locais.

Para acessar o prédio L, de qualquer ponto, é obrigatória a passagem pelo espaço 26, pois nesse prédio, apenas o cômodo 27 possui uma conexão com o ambiente externo e uma conexão com uma sala, as outras salas existentes nessa edificação não possuem ligações internas. Assim como os espaços 23 e 24, podemos classificar o espaço 26 como de controle de circulação e acesso ao prédio L. Logo, o Educandário Dr. Nogueira de Faria possui três espaços não construídos que são importantes para ter um controle de acesso e circulação em determinados locais da instituição.

Após fazer a análise gamma, a conclusão obtida é que o Educandário Dr. Nogueira de Faria dá a “liberdade” de circulação dentro dele e dentro do prédio principal, mas, cada passo dado em seu interior ocorre um distanciamento do ambiente externo à instituição. Então, os internos que a colônia reformatória, o educandário e o presídio receberam poderiam não ficar presos em celas ou em salas, eles tinham “liberdade” de circulação, mas era uma liberdade controlada dentro do espaço da instituição, localizada em uma ilha, que estava distante mais de uma hora de barco de Belém.

O prédio L é o que está mais afastado da parte central da instituição, a sua localização, o fato de a maioria dos seus cômodos terem apenas uma opção de acesso e a existência de ligação interna apenas em dois dos cinco cômodos existentes, nos leva a concluir que este prédio possuía alguma função relacionada exclusivamente para os internos, pois este prédio encontra-se do lado esquerdo, lado da instituição que possui um controle maior de circulação.

Fazer uma afirmação de qual função o prédio A tinha não é possível, pois somente foi identificada a função do cômodo 34, que era de um banheiro coletivo. Um banheiro de uma

estrutura melhor do que se encontra dentro do prédio principal (cômodo 4). A partir da instalação deste banheiro e a existência de um forno ao lado desta construção pode-se deduzir que no prédio A funcionava alguma das oficinas que eram oferecidas pelo educandário. Então, ali sendo, provavelmente, um local onde as aulas ocorriam, a falta de ligação interna se torna proposital, para se ter o controle de quem entra e sai de cada cômodo.

A localização espacial do prédio B e as prováveis funções de seus cômodos, permitem concluir que ele tinha uma função mais reservada, voltada para as pessoas que administravam a instituição, pois se pressupõe que o cômodo 36 seria um banheiro de uso privado ligado a um quarto ou sala de uso particular (cômodo 37).

A análise gamma e alfa conseguiram apresentar que a organização espacial do educandário Dr. Nogueira de Faria não foi feita de forma aleatória. A localização de cada prédio, os espaços entre os prédios, as ligações internas e externas e a ausência de grades e muros ao redor fazem parte de um planejamento para se ter um controle das pessoas que frequentavam a instituição. Pode-se verificar que tanto o lado direito do terreno, quanto do lado prédio principal, são as áreas da instituição que possuíam mais “liberdade” de circulação. Sendo assim, pode-se concluir que nestas áreas poderiam estar localizada a parte mais administrativa e, a partir das manchas nas paredes dos cômodos 13, 14, 15, e 16 do prédio principal, provavelmente, também haviam nessas partes os serviços que eram voltados à comunidade.

A arquitetura do prédio B e a sua localização dentro da instituição, um pouco mais afastado das outras construções, este afastamento está nítido na sua planta baixa, como em imagens da instituição⁴¹. A partir dessas características, pode-se concluir que o prédio B possuía uma função mais reservada. Seria um espaço que possuía fácil acesso, mas esse acesso, provavelmente, não era para todos.

O lado esquerdo tanto do prédio principal como também do terreno não possibilita muita circulação, neste lado da instituição estava localizado o alojamento, logo, um local que precisava ter um controle maior no acesso. Além disso, pode-se acreditar que o cômodo 27 do prédio L também tenha servido de alojamento, pois o seu tamanho e organização é muito parecida com o cômodo 22 do prédio principal. Outra característica é que os cômodos que estão deste lado no prédio principal são os maiores, os que comportam mais pessoas em um mesmo

⁴¹ Este prédio encontra-se a 6,89 m de distância da caixa d'água 2 enquanto o prédio A está a 4,39 m de distância da caixa d'água 1, ou seja, o prédio B está 2 m mais afastado.

local (cômodos 7, 17, 18, 22 e 23), conseqüentemente, os que mais necessitam de controle de circulação e acesso.

Outros cômodos deste lado da instituição são um pouco menores quando comparados com os cômodos do lado direito e a maioria irá possuir apenas uma opção de entrada/saída. Na interpretação da análise gamma do prédio A foi dito que, provavelmente, este prédio abrigou sala de aula ou de oficinas por isso, esse prédio não possui nenhuma ligação interna e está localizado em uma parte do terreno que possuía um maior controle de circulação.

Estas análises também mostraram que depois que se entra no educandário e possível circular por todo os seus espaços, ou seja, está instituição possui uma organização espacial distributiva, mas ao mesmo tempo em que se tem a possibilidade de circular por todo o espaço do educandário, existe, também, uma distância grande do ambiente de fora da instituição. Então a organização do espaço transmite uma ideia de “liberdade”, já que as pessoas não estavam presas em celas.

A análise espacial mostra, a partir do tamanho e imponência do prédio principal, que aquela instituição era o que se tinha de mais importante dentro da ilha, pois desde o seu período de funcionamento até hoje não é possível encontrar nenhuma outra construção que tenha toda a grandiosidade que esta instituição tem. A sua organização em forma linear e a altura de suas paredes faz com que aparente ter um tamanho muito maior do que realmente possui, além de transparecer uma ideia de organização.

Assim, desde o período enquanto ainda funcionava até os dias atuais este prédio continua exercendo uma posição de hierarquia e importância dentro da ilha. Em um primeiro momento era importante, pois esta era a instituição que mandava, organizava, atendia as necessidades dos ilhéus e era onde se recuperavam os criminosos. Hoje em dia, a sua hierarquia e importância está relacionada com a história e memória da Ilha de Cotijuba e também com a história de Belém, pois o principal porto de chegada desta ilha é justamente em frente as ruínas desta instituição, e quase em cima das ruínas do antigo porto que era utilizado quando esta instituição ainda funcionava.

4. Arquitetura disciplinar e panóptica

Os resultados obtidos a partir das análises espacial, alfa e gamma, discutidos no capítulo três, mostrou que o prédio do educandário foi construído de uma maneira que fosse possível ter o controle das pessoas que circulam dentro e, também, pode-se dizer que ao redor da instituição.

Pode-se dizer que essas características se assemelham com a arquitetura disciplinar e com o panóptico de Michel Foucault. Mas como se caracterizam essas arquiteturas?

Na terceira parte do seu livro *Vigiar e Punir*, Foucault passa a discutir a disciplina, e esse autor diz que ela já existe há muito tempo dentro dos quartéis, mas a disciplina que se desenvolve nos séculos XVII e XVIII estava mais focada na dominação, e o corpo é que será dominado:

“O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar a sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente.” (Foucault 2014:135)

Existem dois tipos de arquitetura da disciplina para as instituições: uma que seria mais fechada em si, que possui grades, muros e cadeados, que rompe as comunicações internas e retira a liberdade, é chamada por Foucault de *“disciplina-bloco”*. Algumas características deste tipo de disciplina podem ser visualizadas na organização do educandário Dr. Nogueira de Faria.

A *“disciplina-bloco”* necessita de um espaço onde é possível ter o controle dos indivíduos e *“exige a cerca, a especificação de um local heterogêneo a todos os outros e fechado em si mesmo”* (Foucault 2014:139). Nesta primeira característica que Michel Foucault dá, de como a disciplina funciona, já é possível encontrar a primeira semelhança com o educandário. Esta instituição foi construída em uma ilha, longe da cidade de Belém, e com isso ela é *fechada em si mesma* pois as pessoas que pertenciam ao educandário dificilmente tinham contato com pessoas que não pertenciam a instituição. Em alguns momentos, os internos tinham contato com os moradores da ilha de Cotijuba quando iam fazer algum serviço para a ilha e, mais raramente, tinham contato com a população belenense, quando iam à capital paraense para o desfile da independência do país. Pode-se dizer que a *cerca* desta instituição será toda a mata e água que existe ao redor da ilha. Como ultrapassar essas barreiras naturais sem qualquer tipo de ferramenta ou auxílio? Logo, não há muita necessidade de construção de cercas ou muros quando a instituição está localizada em uma ilha, pouco habitada e distante – na época – mais de uma hora da cidade.

Outras características que a disciplina impõe na arquitetura de uma instituição, é a da *“localização imediata ou quadriculamento e localização funcional”*. Foucault caracteriza a primeira como uma forma tosca, pois, segundo ele, o espaço será dividido de acordo com a quantidade de indivíduos que precisam ser separados e controlados. Esta separação ocorre para que não sejam criados encontros que provoquem uma reação contrária à instituição; para se

interromper algumas comunicações e criar outras; para que se saiba onde está localizado cada indivíduo e saber seu desempenho.

A localização funcional já possui uma característica diferente do *quadriculamento*, além de ter a função de vigiar e controlar as pessoas e dividí-las no espaço, na localização funcional espaços antes deixados vazios são utilizados para criar comunicações que favoreçam a instituição.

Estes dois tipos de distribuição dos indivíduos são utilizados por duas instituições diferentes: o hospital e a fábrica, pois os dois precisam ter o controle das pessoas de maneiras diferentes. De um lado tem-se o controle não apenas das pessoas, mas também das doenças, então para esta instituição o *quadriculamento* e o isolamento das pessoas é bastante útil. Do outro lado, tem-se o controle das pessoas para que o rendimento e a produção sejam maiores. Nas fábricas “*é preciso ligar a distribuição dos corpos, a arrumação espacial do aparelho de produção e as diversas formas de atividades na distribuição dos ‘postos’*” (2014: 142). Com isso, nas fábricas as pessoas estão juntas em um mesmo espaço e não divididas, como ocorre nos hospitais, para se ter um controle maior nesses espaços, terão vigias entre os próprios funcionários, um terá que observar os outros e caso apareça algo de diferente ele estará encarregado de informar os seus superiores.

Dessas características, é possível encontrar um pouco das duas dentro do educandário. Essa instituição possui um espaço grande, bem distribuído e dividido. O prédio principal é composto por vários cômodos que são grandes e pequenos. Então, a característica da localização funcional aparece nessa instituição quando todos os internos ficam localizados em um único espaço que é o da instituição, mas, provavelmente, eles são divididos em pequenos grupos e são espalhados por outros espaços por um período e depois se encontram novamente em um único espaço, como exemplo, no horário das refeições e quando retornam aos dormitórios. Estes dois espaços (dormitório e refeitório) são os maiores espaços dentro do educandário.

Na organização espacial da instituição pesquisada, tem-se o dormitório de um lado e o refeitório do outro lado. Para se chegar a algum desses espaços é necessário atravessar metade de todo o espaço da instituição, com isso, os internos ficam sempre em observação. Então, por um momento eles ficam reunidos em um único espaço sob os olhares dos controladores e em outro momento são separados e controlados de maneira mais particular, quando são distribuídos pelos outros espaços existentes.

A disciplina possui uma outra característica que também pode ser notada na arquitetura. Foucault diz que ela vai organizar em filas, séries, classes e celas. O exemplo utilizado pelo autor é o da organização dos alunos dentro da sala de aula. De acordo com o comportamento, idade, desempenho e habilidades, o aluno seria colocado em um determinado lugar dentro da sala de aula para o professor poder ter o controle de todos. De acordo com Michel Foucault, esse tipo de organização das pessoas, dentro das instituições, faz com que a arquitetura também reflita essa ordenação, criando espaços novos, otimizando a utilização de outros e etc:

“As disciplinas, organizando as ‘celas’, os ‘lugares’ e as ‘fileiras’ criam espaços complexos: ao mesmo tempo arquiteturais, funcionais e hierárquicos. São espaços que realizam a fixação e permitem a circulação (...). São espaços mistos: reais, pois que regem a disposição de edifícios, de salas, de móveis, mas ideias, pois projetam sobre essa organização caracterizações, estimativas, hierarquias.” (2014:145)

Essa característica pode ser encontrada, principalmente, na organização do prédio principal do educandário Dr. Nogueira de Faria. Na análise espacial, apresentada no capítulo anterior, foi dito que o espaço desta instituição está organizado de maneira linear, uma sala ao lado da outra, e o tamanho deste prédio representa a hierarquia da instituição dentro da ilha, ou seja, é um *espaço misto*.

Cada cômodo, cada lado dentro dessa instituição deve ter sido organizado e pensado para diferentes funções e isto ficou evidente após a análise alfa e gamma. A partir dessas análises e, também, pelo que se pode concluir a partir dos escritos que ainda podem ser encontrados nas paredes foi possível ver que um lado possui um controle maior de circulação do que o outro. Por exemplo, o alojamento está localizado em uma parte do educandário que possui menos interações entre os cômodos e os prédios, como as análises alfa e gamma mostraram. Ou seja, um espaço grande onde ficava concentrado todos os internos está localizado em uma área que possibilita pouca circulação, logo, se tem mais controle.

Além do alojamento, outros espaços grandes também estão localizados na área que possibilita menos circulação, como o refeitório e auditório. A parte da instituição que possibilita mais circulação é onde, provavelmente, os internos eram divididos de acordo com as suas habilidades, em alguma das oficinas que eram oferecidas pela instituição ou então de acordo com as funções que os internos poderiam ter ou, então, era o local onde se localizam os serviços que eram oferecidos também aos moradores da ilha e/ou ficava localizada a maior parte da administração da instituição.

Além disso, esta instituição possui *espaços que realizam a fixação e permitem a circulação*. A organização desta instituição faz com que a circulação interna se passe por todos os espaços construídos e não construídos, ou seja, é uma instituição que dá a possibilidade de circular por toda a sua área interna. Ela se utiliza dos espaços não construídos, como pode ser visto na análise gamma, para também obter o controle na circulação e acesso a locais determinados.

Foram apresentadas, até o momento, algumas características da disciplina analisadas por Michel Foucault que se materializam na arquitetura das instituições e que se encaixaram na arquitetura do Educandário Dr. Nogueira de Faria. Por enquanto, foi analisada a arquitetura dos prédios e a organização espacial interna da instituição, mas o controle que o educandário exercia ultrapassava as paredes dos seus prédios e as áreas ao redor desta instituição também eram controladas por ela, como é possível fazer essa afirmação?

A partir do único andar superior que existe, que está localizado bem ao meio do prédio principal, em cima da entrada principal da instituição, provavelmente, era possível ter a visão de toda a parte interna da instituição e principalmente de quem entrava e saía do educandário. Este segundo piso possui janelas em todas as suas paredes, sendo três na frente e duas em cada parede lateral e duas na parede do fundo.

Quando se está circulando dentro do educandário é possível enxergar de qualquer parte o segundo piso e as suas janelas, como a figura 54 apresenta. A partir dessa característica é possível enquadrar esta instituição nas características do panóptico analisado por Foucault. O panóptico possui uma arquitetura bem definida e simples, sem necessidades de muros grandes, grades e cadeados, no panóptico impera o ver sem ser visto:

“O princípio é conhecido: na periferia uma construção em anel; no centro uma torre; esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado.” (Foucault, 2014:194).



Figura 54: Visão do segundo piso: a) visão a partir do lado direito; b) visão a partir do lado esquerdo; c) visão frontal. Fotos: Amanda Seabra e Thalia Pereira

No Educandário Dr. Nogueira de Faria não é possível encontrar exatamente todas essas características do panóptico, mas é possível encontrar o princípio dele dentro dessa instituição. A partir deste momento, não é mais aconselhável olhar apenas os prédios e a organização interna desta instituição, é necessário olhar o seu entorno. As características descritas anteriormente do panoptismo diz sobre a existência de um anel na periferia com uma torre ao meio, essa característica exata não é possível encontrar no educandário, mas é possível encontrar um anel imaginário que engloba todos os prédios e as áreas laterais e frontal externas; a torre central será o segundo piso que possui janelas largas para todas as direções, como mostra a figura 55.



Figura 55: Vista aérea do educandário com um círculo representando a visão do segundo andar desta instituição.
Imagem obtida no Google Earth em 15/12/2018 às 20:30.

Na figura 55 é possível ver um círculo de cor azul que engloba a possível visão que se tinha do segundo piso do educandário⁴². Então, o controle desta instituição não se dava apenas “da porta para dentro”, mas também “da porta para fora”, pois, a altura e localização deste andar superior proporciona uma visão ampla de boa parte da ilha. Nesta mesma imagem é possível ver uma linha de cor azul reta que sai deste cômodo e segue até o rio. Esta linha foi feita de acordo com as paredes internas da instituição, seguindo a mesma direção que essas paredes. E seguindo está mesma direção, esta linha imaginária termina exatamente no trapiche de chegada, ou seja, tem-se a visão e o controle de quem está chegando e de quem está saindo da ilha.

Michel Foucault disse que no anel periférico que cerca as instituições panópticas é dividido em várias celas e em cada uma é colocado um interno. Essa característica, como já foi dito, não é possível encontrar no educandário, pois, seguindo as características que são encontradas na arquitetura da *disciplina-bloco* é mais fácil controlar um grande número de pessoas em um único espaço fechado, do que os dividir em várias celas individuais e, segundo os relatos da época, esta instituição chegou a receber 600 crianças. Assim, é mais econômico construir locais grandes que acomodem um grande número de crianças e depois ir dividindo em pequenos grupos em outros cômodos individuais e ter o controle, do que construir várias celas individuais.

⁴² O tamanho deste círculo foi calculado de acordo com a distância máxima do educandário, ele se estende até a parte posterior final desta instituição e o seu centro é o segundo piso.

Uma característica marcante do panoptismo é o da vigilância constante: *“O panóptico é uma máquina de dissociar o par ver - ser visto: no anel periférico, se é totalmente visto, sem nunca ver; na torre central, vê-se tudo, sem nunca ser visto”* (Foucault, 2014: 195). Já foi explicado que o segundo piso do educandário com suas janelas largas seria a torre central. Mas esta característica das janelas largas foi adaptada para todo o prédio principal desta instituição. Com exceção do cômodo 22, todos os outros cômodos deste prédio possuem janelas grandes que proporcionam a visão tanto da parte de frente do prédio como para a parte de trás e laterais. Logo, a partir deste prédio é possível ver toda a circulação interna e externa desta instituição pois ao sair de dentro dele é possível ser visto da janela de qualquer cômodo, independentemente da direção que se escolha seguir.

Ao visualizar a imagem do prédio principal, a partir de imagens de satélite, é possível perceber que a parte central, a primeira a ser construída, está direcionada para o trapiche da ilha, como pode ser visto na figura 56. Nesta figura existem 6 linhas de cores diferentes (azul, amarelo e vermelho). As linhas azuis representam a visão da área onde está localizado o segundo andar; as amarelas representam a visão da primeira parte que foi construída; e as linhas laranjas representam a visão a partir do “tortinho”⁴³.

A visão da entrada e da praça existente em frente a instituição pode ser totalmente observada de dentro do prédio principal, cada “bloco” deste prédio proporciona a visão de uma parte da praça e seus arredores. Então, dentro ou fora desta instituição é possível ser visto sem saber de onde virá a vigilância, já que somente na fachada deste prédio existem 33 janelas, isso sem considerar as janelas da parte posterior. Assim, tanto para dentro da instituição com para fora existia esse controle “invisível”.

⁴³ Esta característica será explicada e analisada nas próximas páginas.



Figura 56: Visão do prédio principal para a praça e trapiche da ilha de Cotijuba. Imagem obtida no Google Earth em 15/12/2018 às 20:30.

Assim, a organização e arquitetura desta instituição possuem características provenientes da “disciplina-bloco” e do panóptico. Ao mesmo tempo que o educandário é “*fechado em si mesmo*” ao estar em uma ilha distante de Belém, ele é “aberto” no sentido de não possuir os muros grandes de concreto ao seu redor, ao proporcionar uma ampla circulação interna, ao impor uma hierarquia a partir do tamanho do seu prédio e do seu próprio tamanho e por ter também um controle não apenas dentro de suas estruturas, mas também por ter o controle do espaço que existe no seu entorno.

4.1. O que as suas paredes dizem?

No primeiro capítulo desta dissertação é apresentado o histórico da instituição que está sendo pesquisada e nele foi possível saber que em um mesmo local existiram três diferentes instituições totais: colônia reformatória, educandário e presídio. Parte-se do princípio de que três instituições diferentes, teoricamente, teriam arquiteturas diferentes. Mas, o que é presenciado no Educandário Dr. Nogueira de Faria é que apesar de terem sido três instituições diferentes, em um mesmo espaço, as modificações em sua arquitetura, quando houve a mudança do tipo de instituição, não foram tão significativas.

A partir das reportagens de jornais do período da inauguração do educandário, foi possível saber que a parte central do educandário, que corresponde aos cômodos 1, 2, 3, o

segundo andar e um cômodo de cada lado (cômodos 7 e 17), é que foi primeiramente inaugurada. De acordo com as imagens da época, esta parte central foi construída já com as características que ainda existem hoje em dia. Após a sua inauguração ocorre a ampliação do prédio principal e é a partir desta ampliação que surge uma característica interessante deste prédio.

Ao olhar de frente para a fachada do prédio principal, a princípio, não dá para perceber que a fachada não é reta, pois as construções mais recentes acabam encobrendo o restante do prédio. Mas ao olhar com mais atenção é possível perceber que o espaçamento entre as janelas do cômodo 9 para o 10 (lado direito) e do cômodo 18 para o 19 (lado esquerdo) é maior. E é nesta parte existem dois valores para o espaçamento: 1,83 m e 1,48 m, respectivamente; no restante da fachada o espaçamento fica em 1,65 m, com pequenas variações de centímetros. Nesta diferença de espaçamento que começa o detalhe do prédio, ele fica “tortinho”.

Ao invés de seguir na mesma direção do que já foi construído, ocorre uma inclinação de 5° (30 cm, a partir da margem da rua) para dentro e isto é visível apenas quando se observa pelo lado externo, sendo imperceptível do lado de dentro do prédio e da instituição. Dependendo da posição em que se olha pelo lado de fora se tem a impressão de que a fachada fosse fazer uma curva.

Ao visualizar a imagem do prédio principal a partir de imagens de satélites obtidas pelo google Earth, é possível ver que as paredes da parte central do educandário são retas e a partir do “tortinho” o restante da construção já não é reta como a parte central, como pode ser visualizado na figura 57. As linhas em azul seguem a direção das paredes do prédio principal.



Figura 57: As linhas em azul mostram o “tortinho” presente na fachada e as paredes retas e tortas que existem no educandário⁴⁴. Imagem obtida pelo Google Earth em 08/01/2019 às 22:35.

Do ponto de vista da arquitetura, este “tortinho” dificultaria a construção pois é preciso realizar cálculos de ângulo além dos cálculos que já são necessários para se construir um prédio, ou seja, este “tortinho” significa ter trabalho além do necessário. Então nasce a primeira dúvida: por qual motivo se tem esse “tortinho”? Primeiramente, ele deve ser intencional, pois o lado esquerdo e direito do prédio possuem o mesmo ângulo. Além dessa semelhança, o “tortinho” inicia em uma parede que divide dois cômodos, por isso não é possível percebê-lo de dentro do prédio e, novamente, isto ocorre dos dois lados. Seria um “erro” proposital? Ou ocorreu um erro de calibragem dos equipamentos ou de cálculos durante a construção do restante do edifício e, então, este mesmo “erro” foi reproduzido do outro lado, com as mesmas medidas de distâncias, com o mesmo ângulo de inclinação, para se ter uma fachada “alinhada”?

Conversando com diferentes profissionais da arqueologia e arquitetura, todos foram unânimes ao dizer que esse “tortinho” ocorre de maneira proposital, pois sim, seria possível construir o restante do prédio em um ângulo de 90° ou, então, alinhado com o que já tinha sido construído. De acordo com o arquiteto Celso Vieira, esse “tortinho” deve ter sido feito para seguir a “malha urbana” do espaço. Em cidades litorâneas normalmente as construções de ruas e avenidas seguem a margem, por conta disso, elas não ficam retas, e as construções dos prédios,

⁴⁴ Não foi possível fazer a linha da parede externa esquerda, pois nessa imagem de satélite existe uma grande quantidade de árvores e não é possível encontrar nenhuma parte dessa parede para guiar o desenho da linha em azul.

normalmente, seguem a malha urbana da cidade, logo, também não ficam necessariamente retos.

Para esse arquiteto, o desenho da rua que existe em frente ao educandário, provavelmente, já deveria existir quando o restante do prédio foi construído, então, esse “tortinho” deve ter sido feito para seguir a curvatura da rua. Além disso, no período de construção do prédio era comum que as construções ficassem rentes as vias, sem que fosse realizado um afastamento, assim sendo, era obrigatório respeitar o desenho da via. E essa curvatura, provavelmente, deve seguir a margem da ilha, que não é reta, por isso, então, a existência do “tortinho” nas paredes do prédio principal. Seria possível construir esse prédio seguindo um ângulo de 90°, mas caso isso fosse feito, ocorreria uma modificação na rua e haveria uma quebra no desenho desta via.

Como, também, pode ser visto, essa construção está orientada para a chegada na ilha e não segue os pontos cardeais. No canto inferior esquerdo da figura 57 (página 93) é possível ver a indicação do Norte oferecida pelo Google Earth e, como pode ser visto, o prédio como um todo não está orientado para o Norte geográfico. Não é possível afirmar para qual sentido está orientada a construção, pois ela não se encaixa nos pontos cardeais, nem nos colaterais e nem no subcolaterais. Isto é uma informação muito importante, pois a partir dela pode-se considerar que tenha uma tentativa de ajustar o prédio de acordo com a incidência de sol na Ilha de Cotijuba.

Quando se planeja uma construção, colocá-la direcionada para o Norte do globo, ajuda a saber quais momentos do dia e qual lado da construção receberá a luz do sol. Como foi dito no parágrafo anterior, o prédio principal do educandário não está direcionado para o Norte, e ele também não segue o mesmo sentido que a Ilha de Cotijuba se encontra, que é Nordeste – Sudoeste (NE – SW) (Rodrigues, 2013).

Na região Norte o percurso do sol é Leste – Oeste com uma inclinação para o Norte, e se a edificação seguir o mesmo sentido que o da ilha, pegará sol apenas em duas fachadas. Então, o sol nasce na direção Leste e se põe no Oeste, assim, para o educandário o sol vai nascer do lado direito e vai se pôr do lado esquerdo. Ou seja, a parte desta instituição que foi classificada como sendo da administração é a primeira a receber a luz do sol, logo, seria onde as pessoas acordariam primeiro e iniciariam os seus trabalhos. E o lado esquerdo do educandário, que foi classificado como o que contém mais controle de circulação, é o que recebe os últimos raios de sol. Diferentemente do amanhecer, o pôr do sol possui uma incidência mais

forte, assim, os alojamentos receberiam um sol mais forte durante dia, fazendo com que este espaço fique mais quente no momento em que fosse dormir. Além disso, nesta posição o prédio principal, e a instituição como um todo, recebem a luz do sol em diferentes pontos ao longo do dia.

Além dessas características é possível obter mais informações sobre as alterações do edifício a partir dos vestígios encontrados nas paredes internas do prédio principal. A última parede do lado esquerdo mostra uma sequência de três alterações⁴⁵ na altura do prédio, como pode ser observado na figura 58.



Figura 58: Última parede do lado esquerdo do prédio principal. Foto: Amanda Seabra

Na figura 58 é possível observar que a “camada inferior” está reta, em seguida ocorre uma inclinação, depois há um aumento na altura da parede e uma tentativa de deixá-la um pouco mais reta novamente e por último se tem mais uma alteração no pé direito e a parede volta a ser reta novamente. Esta característica causa um pouco mais de confusão para compreender a história construtiva desse prédio, pois a primeira parte da construção dessa instituição se tem parede extremamente retas, tanto laterais quanto frontais.

Quando ocorre a ampliação do edifício a parede frontal fica “tortinha” quando comparada com a parte central e na parede externa do lado esquerdo pode ser visto que

⁴⁵ Esta estratigrafia muraria só existe nesta parede. Do lado direito não ocorre o mesmo e nem em nenhum outro ponto do prédio principal.

ocorreram várias alterações até se chegar a uma parede reta novamente. Na parede frontal, ao lado desta parede externa esquerda, não é possível identificar uma alteração tão marcante em sua altura, é possível visualizar que houve um aumento, mas esta ampliação ficou sutilmente marcada.

Nas paredes internas, que dividem os cômodos, é possível encontrar apenas uma tentativa bem-sucedida de deixar a parede reta e alta, quase na mesma altura das paredes externas, como pode ser visto na figura 59. Ao percorrer este prédio por dentro é possível visualizar alterações na altura das paredes internas, mas é possível ver que nem todas essas paredes possuem a mesma altura, algumas são mais altas e outras mais baixas. As paredes externas, as paredes internas dos cômodos 7, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 21 e 22 possuem as mesmas alturas e são as mais altas. As paredes internas dos outros cômodos são visivelmente mais baixas do que estas ditas anteriormente.



Figura 59: Aumento do pé direito na parede direita do cômodo 4. Foto: Amanda Seabra

No prédio L é possível verificar que a mesma situação das paredes do prédio principal se repetem. As paredes externas deste prédio são altas e as paredes internas, que dividem os cômodos, são mais baixas, além disso, é visível também as alterações na altura. As paredes dos prédios A e B não são altas quanto a desses prédios e não ocorreu alterações em suas alturas.

Analisando essas características dá para concluir que as paredes externas dos prédios principal e L podem ter servido como o “muro” que cercaria a instituição e poderiam transmitir

a mensagem de hierarquia e superioridade da instituição. Como os prédios A e B estão localizados “dentro” da instituição, dentro desses “muros”, não teria necessidade de fazer as paredes destes prédios tão altas quanto as paredes dos prédios principal e L que dão acesso ao ambiente externo da instituição.

A partir do que foi exposto pode-se dizer que, no prédio principal primeiramente foi construída a parte central totalmente voltada para o trapiche de chegada na ilha, em seguida foi sendo construído o restante do prédio, tanto para o lado direito quanto para o lado esquerdo. E por último foram construídos os cômodos 12, 13, 14, 15, 16 e 22 pois a altura das paredes externas desses cômodos é igual e como foi visto, a parede externa esquerda do cômodo 21 possui várias modificações até chegar na mesma altura das paredes externas desses outros cômodos, logo, pode se concluir que as extremidades do prédio principal foram construídas por últimas e provavelmente o aumento no pé direito das paredes externas do prédio L também ocorreu no mesmo período.

O que pode se concluir a partir da análise das paredes do educandário é que na primeira etapa de construção da instituição se tem a preocupação em ter algo alinhado. A partir do momento que as necessidades vão surgindo e ocorre a mudança do tipo de instituição, ocorre uma mudança na arquitetura e parece que não há uma preocupação de seguir o alinhamento inicial. Na última reforma do prédio parece que há um interesse em retornar para a forma alinhada inicial. Isso aparenta que há uma pressa na construção de novos espaços no prédio principal para suprir as necessidades e, então, não ocorre um cuidado em seguir o padrão inicial e por isso se tem paredes retas e “tortinhas”.

Considerações Finais

Quando se chega na Ilha de Cotijuba a primeira coisa que se avista são as ruínas de uma antiga construção. O que seria aquilo? Conversando informalmente com alguns frequentadores da Ilha de Cotijuba – e com alguns alunos do mestrado e doutorado do PPGA - a grande maioria não tinha conhecimento de que naquele espaço funcionou um presídio e ficam surpresos quando recebem esta informação e sempre falam: “Nossa! Nunca imaginei que tivesse sido um presídio. Sempre soube que existiu um presídio em Cotijuba, mas não sabia que era esse prédio.” Ao informar que além de um presídio também funcionou um educandário, a surpresa é maior ainda. Como um presídio e um educandário ocuparam o mesmo espaço? Não são instituições que possuem funções diferentes? Este rápido contato com os frequentadores ajudou muito a ver que a arquitetura do educandário, em um primeiro momento, não reflete nenhuma das suas funções. Mas ao observar e fazer uma análise de toda a sua arquitetura e organização espacial é possível encontrar nos pequenos detalhes as características de uma instituição total e ver de que maneira o controle ocorria dentro dela.

Esta dissertação almeja mostrar que o Educandário Dr. Nogueira de Faria foi uma instituição construída com o intuito de recuperar os jovens e adultos do mundo do crime e prepará-los para a vida em sociedade seguindo os padrões que eram exigidos na época. Em um primeiro momento se tem a impressão de que este espaço não possui as características do que normalmente se encontra em instituições que cumprem essa função, ainda mais quando a memória deste local na população atual de Belém é apenas do presídio. E quando se pensa em prisão as imagens são de um local fechado, com muros altos, grades e celas individuais. A falta dessas características nesta instituição confunde um pouco, principalmente as pessoas que não conhecem a história daquelas ruínas e até mesmo quem conhece. Essa falta do local fechado, faz com que se pense que aquela construção abrigou alguma instituição menos rígida, mais tranquila e não um presídio.

A metodologia utilizada nesta pesquisa mostrou que a existência de muitas janelas pode ter servido para observar toda a circulação interna e externa desta instituição. A posição estratégica do segundo piso, a ausência de um segundo piso nos outros prédios e a colocação da sala do diretor da instituição neste andar superior servia para ter um controle de dentro e arredores, pois esta instituição não estava totalmente *fechada em si mesma*, ela também controlava o espaço no entorno imediato e a Ilha de Cotijuba.

Ao fazer a análise das paredes desta instituição é possível perceber que no primeiro momento da construção houve um zelo, uma atenção especial e uma preocupação na escolha do espaço onde seria construído. A possível escolha do local de construção da instituição dentro da ilha de Cotijuba deve ter ocorrido a partir da localização do trapiche de chegada nesta ilha. Provavelmente, foi construído primeiramente o porto de chegada na Ilha de Cotijuba e a partir de sua localização foi erguida a parte central do prédio principal. Esta conclusão ocorre pelo fato de que todas as paredes desta parte central (a primeira a ser inaugurada) serem retas e estarem direcionadas e alinhadas com esta entrada.

Após fazer a comparação da arquitetura desta instituição com as características que a disciplina e o panóptico estudados por Michel Foucault impõe em instituições como hospitais, prisões, quartéis e escolas, é possível concluir que as ruínas que existem atualmente dentro da Ilha de Cotijuba são de uma instituição disciplinar, que serviu para moldar os corpos das pessoas e adaptá-los aos interesses da sociedade, prepará-los para o trabalho e tirar a “vagabundagem” que poderia existir nessas pessoas. Mas os relatos dizem que nem todos os seus internos foram “salvos desse mal”, Silva (2003) diz que apenas 1% dos internos foram “recuperados”.

Além disso, o educandário pode ser classificado como uma instituição total, de acordo com as características que Erving Goffman descreve. Segundo este autor, toda instituição tende ao fechamento e existem algumas que são mais fechadas que as outras, as que são classificadas como mais fechadas ou, então, isoladas é dado o nome de instituição total que seriam: as prisões, os hospitais psiquiátricos, os campos de concentração, exércitos e as escolas internas. Mas, o que seria uma instituição total para se afirmar que as instituições que existiram na ilha de Cotijuba seriam instituições totais? Goffman (2015) diz que uma instituição total é:

“(...) um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada” (pp. 11).

O Educandário Dr. Nogueira de Faria estava distante de Belém, em uma ilha que até a chegada do Estado não era muito habitada, que não existia, na época, transporte constante e era um local de residência e trabalhos por um determinado período de tempo para os jovens e adultos que eram enviados para lá. Esta instituição possui os principais requisitos, de acordo com as características afirmadas por Goffman, para ser classificada como instituição total, apesar de não ser esta a propaganda difundida na época pelo governo de Magalhães Barata.

Com as reportagens dos jornais é possível perceber que esta instituição era aguardada e vista com muito bons olhos pela população belenense na década de 1930, pois ela era vista como uma boa ação do governo da época, seria a solução para o fim da criminalidade na cidade e a salvação das crianças órfãs ou com problemas de família, pois na colônia e no educandário elas receberiam educação e seriam profissionalizadas. Ao saírem de lá, seriam homens educados, trabalhadores e aptos a viverem na sociedade belenense do início do século XX.

Esta instituição exerceu e exerce até hoje um “poder” dentro da Ilha Cotijuba. Em um primeiro momento ela controlou e realizou construções, reparos e assistências para os moradores e para a ilha, com isso essa instituição melhorou a infraestrutura e mantinha a ordem dentro da ilha. Em uma conversa informal com um senhor Oseías, que dirige as moto-charretes atualmente, foi dito que havia uma regra bem clara dentro da ilha: os pais não poderiam deixar seus filhos soltos nas ruas de Cotijuba a partir de um certo horário, caso fosse vista qualquer criança fora de sua casa nesse horário, ela seria levada para a instituição.

Além de levar todas as melhorias para a Ilha de Cotijuba, esta instituição retirou das ruas de Belém os criminosos e vagabundos que perturbavam a ordem da sociedade belenense no início do século XX. O educandário, no início, “resgatou” os jovens que andavam “perdidos” pela capital paraense sem estudos, sem atenção dos seu pais e que corriam o risco de parar no mundo do crime, dando um lar, educação e profissão, essa era a sua missão.

Em um outro momento, quando esta instituição muda de educandário para presídio, o poder que ela exerce dentro do Cotijuba, e também em Belém, é pelo medo e pelas histórias de fugas malsucedidas, pelas rebeliões nos barcos que causavam mortes e pelos maus tratos que seus prisioneiros recebiam. Com histórias assim, ninguém gostaria de correr o risco de ser pego e ser levado para lá.

Depois do encerramento das atividades de todas as instituições que existiram, o “poder” que as ruínas vão exercer será pela história e memória dos moradores da Ilha e também de Belém. Essa construção representa uma parte da história desses dois locais. Algumas pessoas que foram internos desta instituição não quiseram retornar para Belém, pois o vínculo com a Ilha de Cotijuba era maior do que com Belém.

Outro ponto importante é o fato de que a história dessa ilha e a história desta instituição se confundem, por 45 anos a ilha de Cotijuba e a Colônia Reformatória de Cotijuba, o Educandário Dr. Nogueira de Faria e o Presídio de Cotijuba “eram um só lugar”. Enquanto existiram essas três instituições, nenhuma outra instituição foi para a ilha. A Ilha de Cotijuba

recebeu apenas os imigrantes japoneses que ensinavam as práticas agrícolas para os internos e também havia alguns internos que trabalhavam nas plantações. Além deles, não se tem o relato de nenhum outro tipo de chegada de pessoas, instituições ou órgão do governo.

A colocação do porto de Cotijuba em frente as ruínas é para que essa história e a memórias das pessoas que passaram por aquelas instituições não sejam esquecidas. Com isso, aquela fachada imponente na chegada se tornou o cartão postal de Cotijuba. Na época do aniversário da ilha, as comemorações são todas realizadas em frente ao prédio principal. O poder que essas ruínas exercem hoje é pelo seu tamanho, pela sua presença marcante na paisagem, por ser “quem dá as boas-vindas” aos visitantes e pela memória de todas as pessoas que passaram por ali.

Para se ter o controle das pessoas e tentar discipliná-las, as grades e os muros podem ser dispensados, existe uma outra maneira de se fazer isso sem colocar essas características que assustam. Ter um local “aberto”, com muitas janelas e permitir que haja uma circulação interna não significa necessariamente que ali dentro o controle seja menor, ele vai ser apenas diferente.

Jornais Pesquisados

A Folha do Norte de Belém (1930)

Diário do Estado de Belém (1933)

Referências bibliográficas

Agudo, M. A. U. 2010. Archaeology. Archaeologia. Arqueología. Hacia el análisis de la Arquitectura. In. *Arqueología aplicada al estudio e interpretación de edificios históricos. Últimas tendencias metodológicas*. Ministerio de Cultura. Gobierno de España.

Amaral, A. J. P. 1992. *Registro histórico da ilha de Cotijuba: uma análise da Colônia Reformatória de Cotijuba*. Trabalho de conclusão de curso. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Pará. Belém.

Barbosa, A. C. E., Araújo, S. M. S. 2017. O Projeto de edificação social de Raymundo Nogueira de Faria e a transformação de Cotijuba (Belém-PA) na Ilha da Redenção, na primeira metade do século 20. In *Anais II Seminário Internacional América Latina: Política e Conflitos Contemporâneos*. pp. 4253-4267. Belém: NAEA. 6000p.

Borrazás, P. M., R. B. Rotea; X. M. Vila. 2002. *Arqueotectural: Bases teórico-metodológica para una Arqueología de la Arquitectura*. Santiago de Compostela: Laboratorio de Patrimonio, Paleoambiente e Paisaxe.

Cabellero Zoreda, L. 1995. Método para el análisis estratigráfico de construcciones históricas o “Lectura de Paramentos”. *Informes de la Construcción*. 46: (35).

Côrrea, M. V. M. 2005. *Da Capela Carmelita a Catedral Metropolitana de Manaus (AM): Uma Arqueologia da Arquitetura*. Tese. Museu de Arqueologia e Etnologia. Universidade de São Paulo. São Paulo.

Côrte Brilho, S. S. Q. 2015. *Dinâmica Econômica e Social na Amazônia Rural: o Protagonismo do Movimento das Mulheres das Ilhas de Belém – MMIB (PA)*. Tese. Faculdade de Engenharia Agrícola. Universidade Estadual de Campinas. Campinas.

Dergan, J. M. B. 2005. Formação Histórica das Ilhas em Belém: A Relação Cultura e Natureza. In *ANPHUR*. XVIII Simpósio Nacional de História. Londrina

Ecomuseu da Amazônia Blogspot. Disponível em: <http://ecomuseuamazonia.blogspot.com.br/>
Acesso em 13 dez. 2017.

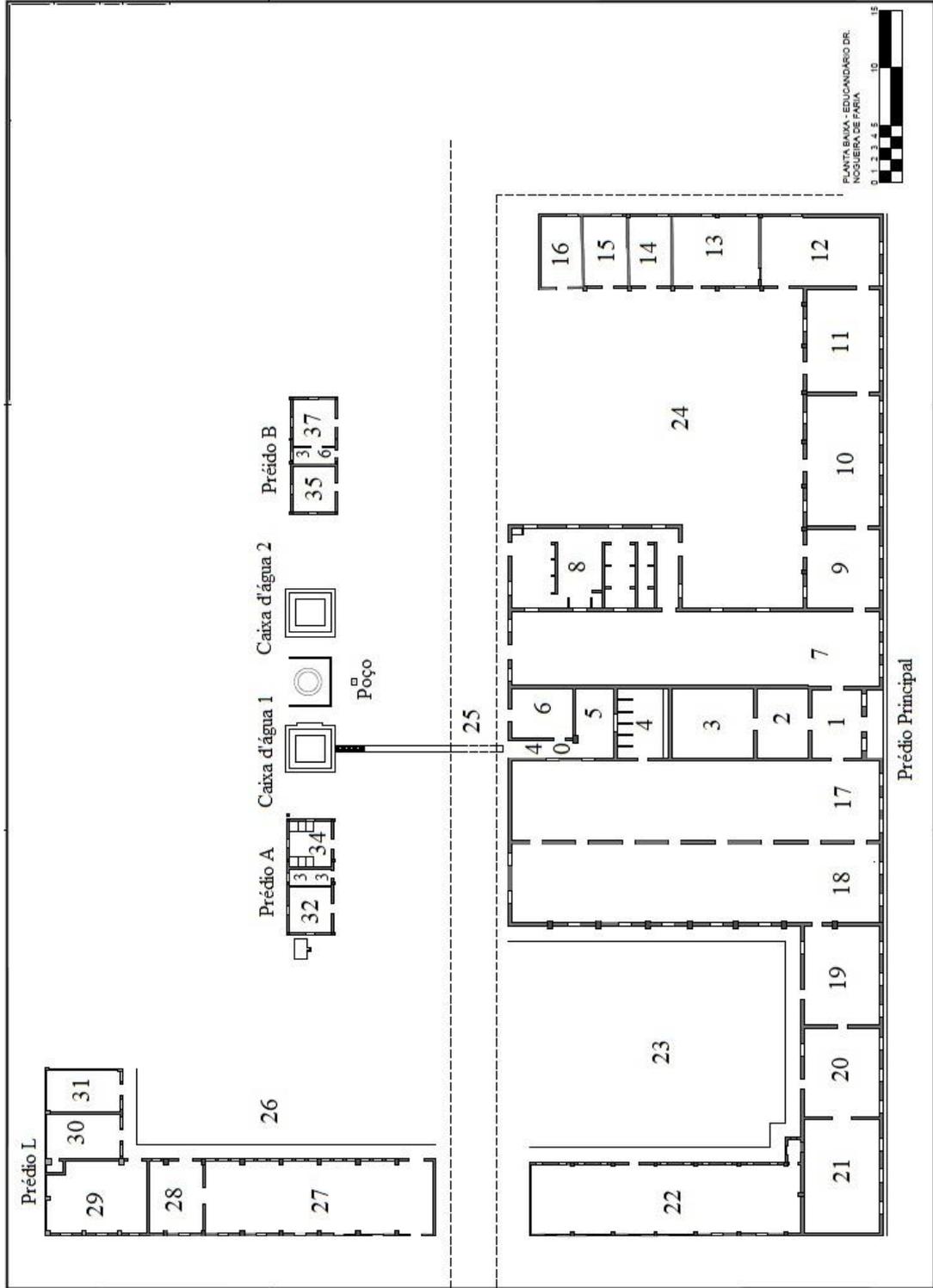
- Faria, N. 1945. *A Caminho da História. Subsídio para a História Política e Administrativa do Pará*. Belém: Oficinas Gráficas do Instituto Lauro Sodré. 190p. Disponível em: <http://www.fcp.pa.gov.br/2016-11-24-18-22-47/a-caminho-da-historia>
- Fontes, L., Catalão, S., Alves, M. 2010. Arqueologia da Arquitectura em Contexto Urbano: reflexões a partir de três exemplo da cidade de Braga, Portugal. *Arqueología de la Arquitectura*. V. 7. Madrid/Vitoria, España.
- Foucault, M. 2014. *Vigiar e Punir: nascimento das prisões*. 42.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- _____. 2018. *Microfísica do Poder*. 7.ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra.
- Garai-Olaun, A. A., Zoreda, L. C., Castillo, J. A. Q. 2002. Arqueología de la Arquitectura: definición disciplinar y nuevas perspectivas. *Arqueología de la Arquitectura*. Editorial. 1. CSIC.
- Goffman, E. 2015. *Manicômios, prisões e conventos*. 9.ed. São Paulo: Perspectiva.
- González-Moro, P. L. 2010. La conservación del tempo em la restauración: el proyecto estratigráfico. In *Arqueología aplicada al estudio e interpretación de edificios históricos. Últimas tendencias metodológicas*. Ministerio de Cultura. Gobierno de España.
- Guerra, G. A. D. 2001. O poder das marés na região amazônica no final do século XVIII e início do XIX: o engenho de Cotijuba, Belém, Pará, Brasil. *Movendo Idéias*. 10: (1), p. 69-75.
- Hillier, B.; Hanson, J. 1993. *The social logic of space*. Cambridge University Press.
- Hilbert, K. 2016. *Ossos do ofício: um manual de arqueologia*. Curitiba: Prismas. 380p.
- Johnson, M. 2000. *Teoría Arqueológica. Una introducción*. Ariel Historia.
- Larousse. 2014. Minidicionário da Língua Portuguesa.
- Lima, T. A. 2011. Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais. *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi. Ciências Humanas*. 1: (6). 11-23.
- Lopes, R. C. S. 2014. “O Melhor Sítio da terra”: colégio e igreja dos Jesuítas e a paisagem da Belém do Grão-Pará. Belém: Editora Açaí.
- Martínes, A. M. 2008. *Análisis Patológico, Constructivos y Aplicación del Método Estratigráfico Murario en la Fachada Norte de La Iglesia de Santo Domingo em Murcia*. Proyecto Fin de Carrera. E. U. Ingeniería Técnica Civil. Arquitectura Técnica Universidad Politécnica de Cartagena.

- Matos, L. M.; Souza, R. P. L.; Afonso, S.; Gomez, L. S. R. 2010. Semiótica peirciana aplicada à leitura da representação arquitetônica. *Revista de Arquitetura e Urbanismo*. 4.
- Melo, O. C. 2010. *O Lugar e a Comunidade na Ilha de Cotijuba – PA*. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Pará. Belém.
- Moreira, J. M. B. 2015. *Arquitetura que Enlouquece. Poder e Arqueologia*. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.
- Moreira, J. B.; Soares, F. C. 2015. Muralhas que comunicam: fortificações catarinenses como portais de acesso ao Brasil meridional, In *Arqueologia das fortificações: perspectivas*. Editado por Fernanda Codevilla Soares, pp. 101 – 148. Florianópolis: Lagoa.
- Quirós Castillo, J. A. 2002. *Arqueología de la Arquitectura. Objetivos y ropuestas para la conservación del Patrimonio Arquitectónico*. Disponível em: <http://www.arqueologiamedieval.com/articulos/74/>
- Ramalho, M. M. B. M. 2004. Os primeiros passos da Arqueologia da Arquitectura no âmbito do Instituto Português do Património Arquitectónico. *Arqueología de la Arquitectura*. 3. CSIC.
- _____. 2003. Arqueologia da Arquitectura. O método arqueológico aplicado ao estudo e intervenção em património arquitectónico. *Revista Estudos/Património*. 3. 19-29.
- Rodrigues, S. W. P., Ramos, E. M. L. S. 2013. Detecção de Mudança do Litoral da Ilha de Cotijuba, Pará, Brasil, In *Anais do XVI Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto*. pp. 6953 – 6960. Foz do Iguaçu.
- Roedel, L. A.; Soares, F. C. 2015. Cidade dos vivos e cidade dos mortos: arqueologia urbana no cemitério do Senhor do Bonfim, Belo Horizonte. *Urbania. Revista de arqueología e historia de las ciudades*. (4): 23-44.
- Rossi, A. 2001. *A Arquitectura da Cidade*. 2.ed. Translated by E. Brandão. Martins São Paulo: Martins Fontes.
- Santos, R. 2013. Arqueologia da Arquitectura: conceitos e metodologia. *PARC Pesquisa em Arquitetura e Construção*. 4. UNICAMP. Campinas
- _____. 2015. Arqueologia da Arquitectura: Olhar Paredes e Ver Vivências. *Revista de Arqueologia Pública. Campinas*. 1: (9). 60-72.

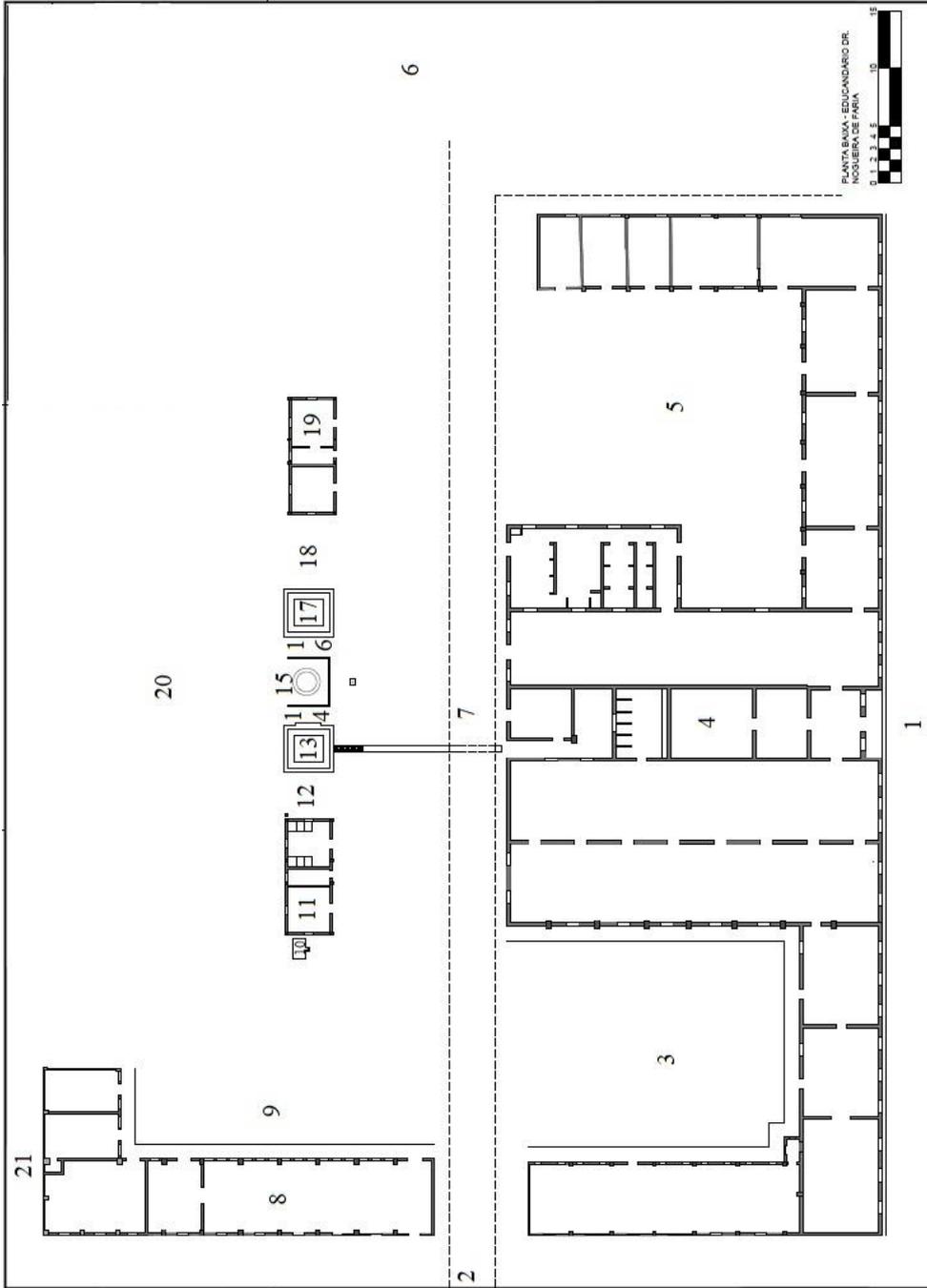
- Silva, L. C. 2003. *Lazer, turismo e agricultura entre populações tradicionais na Ilha de Cotijuba*. Dissertação. Departamento de Sociologia. Universidade Federal do Pará. Belém.
- Soares, K. G. 2008. *As Formas de Morar na Belém da Belle Époque (1870–1910)*. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Pará. Belém.
- Steadman, S. R. 1996. Recent Research in the Archaeology of Architecture: Beyond the Foundations. *Journal of Archaeological Research*, 1: (4). 51-93.
- Tavares, D.; Lucena, A.; Leite, S. N. 2014. Arquitetura é comunicação. *XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste*. João Pessoa.
- Thiesen, B. V. 2006. Significados nas representações escultóricas da fachada da Cervejaria Bopp & Irmãos, Porto Alegre. In *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*. 1: (14).
- Thoele, A. 2009. Witzwil: uma penitenciária de 5 estrelas. Disponível em: <https://www.swissinfo.ch/por/witzwil--uma-penitenci%C3%A1ria-5-estrelas/7419490> Acesso em 29 dez. 2017.
- Tirello, R. A. 2006. A arqueologia da arquitetura: um modo de entender e conservar edifícios históricos. *Revista CPC*. 3. 145-165.
- Trigger, B. 2004. *História do Pensamento Arqueológico*. São Paulo: Odysseus Editora.
- Zarankin, A. 1999. Arqueología de la Arquitectura: another brick in the wall. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo*. 3. 119-129.
- _____. 2002. *Paredes que Domesticam: arqueologia da arquitetura escolar capitalista: o caso de Buenos Aires*, Universidade de Campinas.
- _____. 2003. Arqueologia de la Arquitectura, Modelando al Individuo Disciplinado en la Sociedad Capitalista. *Revista de Arqueologia Americana*. N° 22.
- _____. 2008. Los Guardiones del capital: arqueologia de la arquitectura de los bancos de Buenos Aires. In *Sed non Satita II: acercamientos sociales em La arqueologia latino-americana*. Editado por F. A. Acuto e A. Zarankin, pp. 325-339. Córdoba: Encuentro Grupo Editor.
- Zevi, B. 2002. *Saber ver a Arquitetura*. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes.

Anexos

Anexo I. Identificação dos prédios e o número dos cômodos

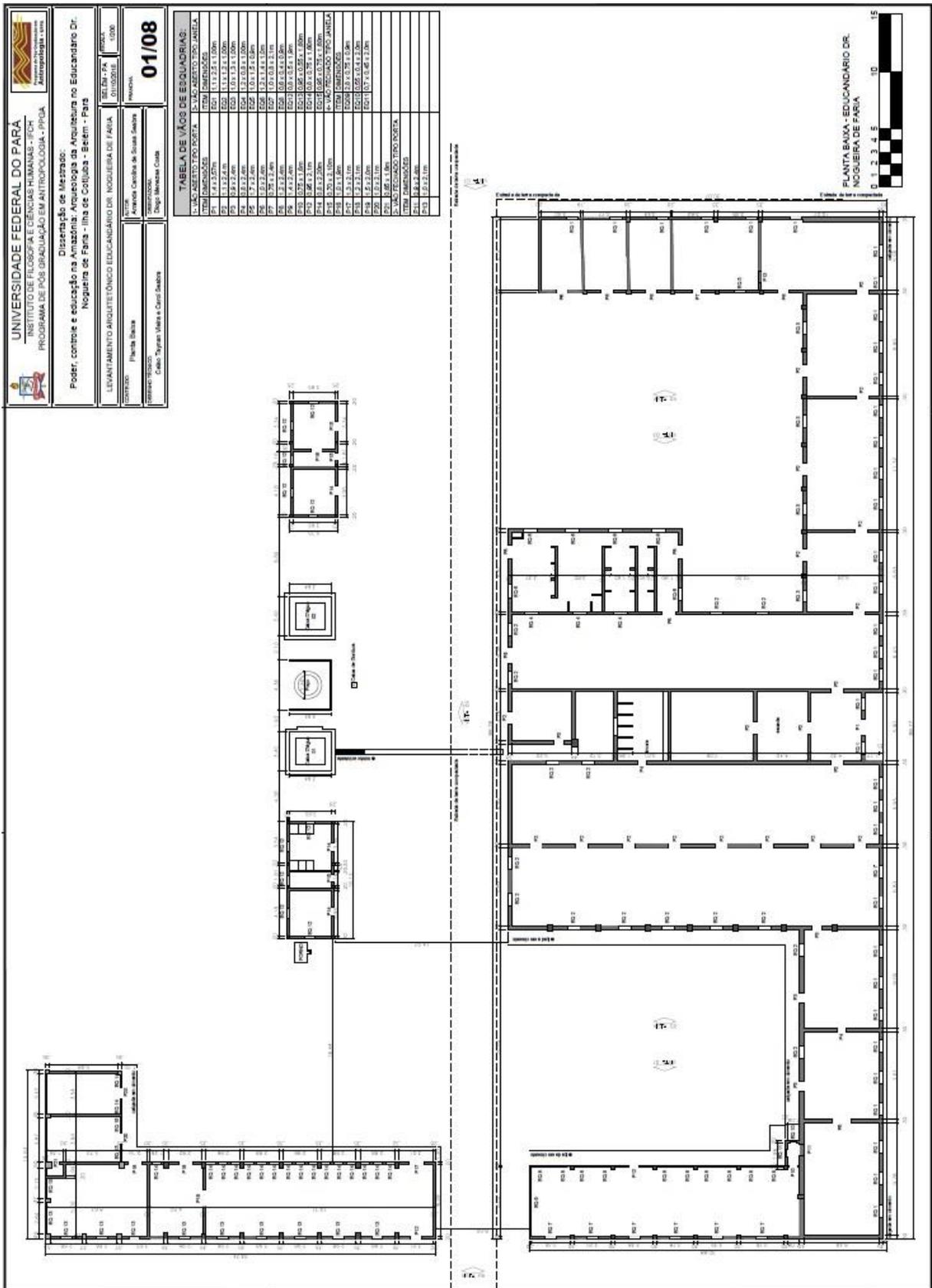


Anexo II. Mapa espacial

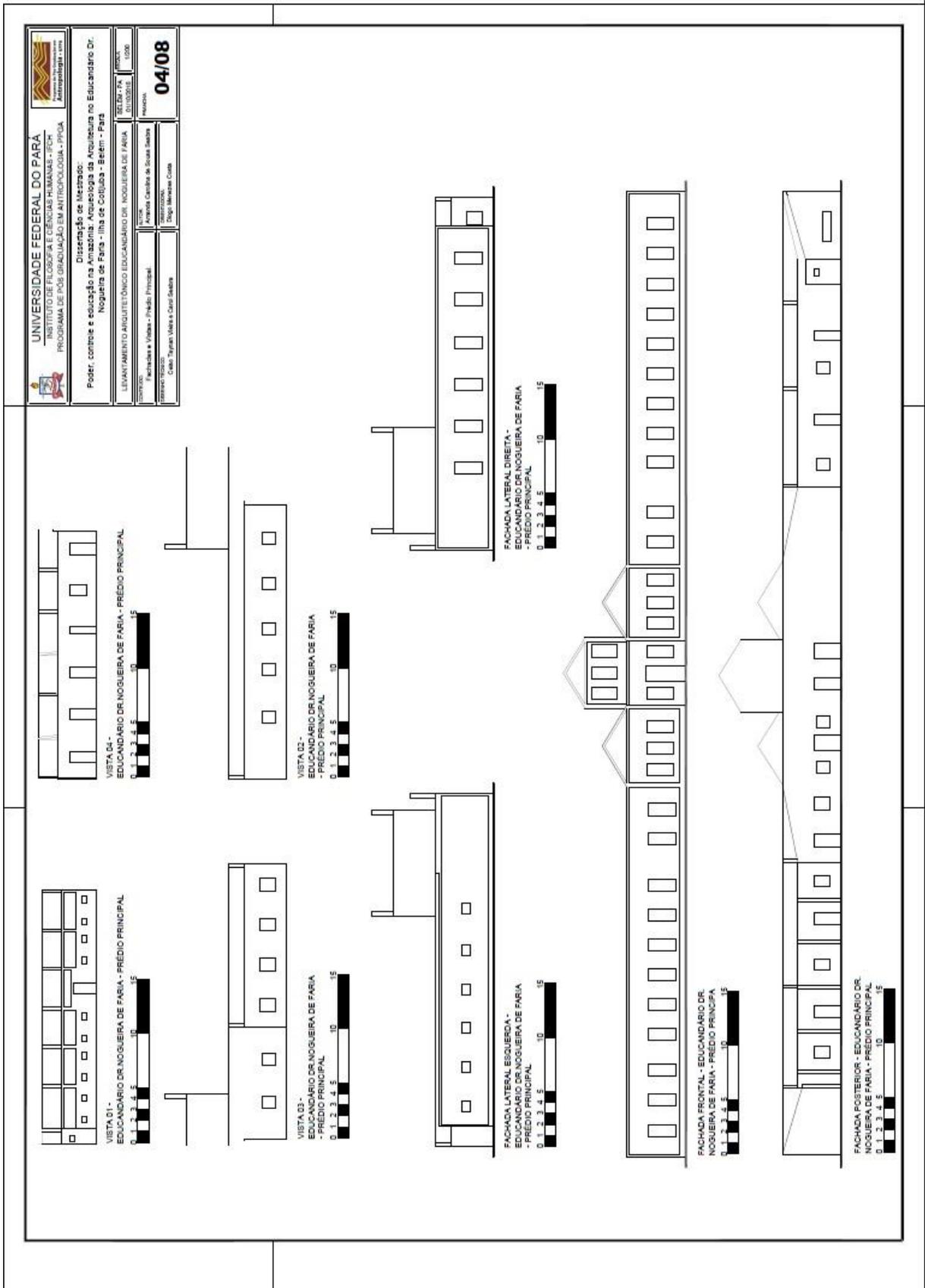


- Legenda
- 1 - acesso a partir do porto
 - 2 - acesso lateral esquerda
 - 3 - pátio interno esquerdo
 - 4 - prédio principal
 - 5 - pátio interno direita
 - 6 - acesso lateral direita
 - 7 - "rua" interna"
 - 8 - prédio L
 - 9 - área aberta em frente ao prédio L
 - 10 - forno
 - 11 - prédio A
 - 12 - espaço entre prédio A e caixa d'água 1
 - 13 - caixa d'água 1
 - 14 - espaço entre caixa d'água 1 e poço
 - 15 - poço
 - 16 - espaço entre o poço e caixa d'água 2
 - 17 - caixa d'água 2
 - 18 - espaço entre a caixa d'água 2 e prédio B
 - 19 - prédio B
 - 20 - espaço atrás dos prédio A e B, caixas d'água e poço
 - 21 - espaço atrás do prédio L

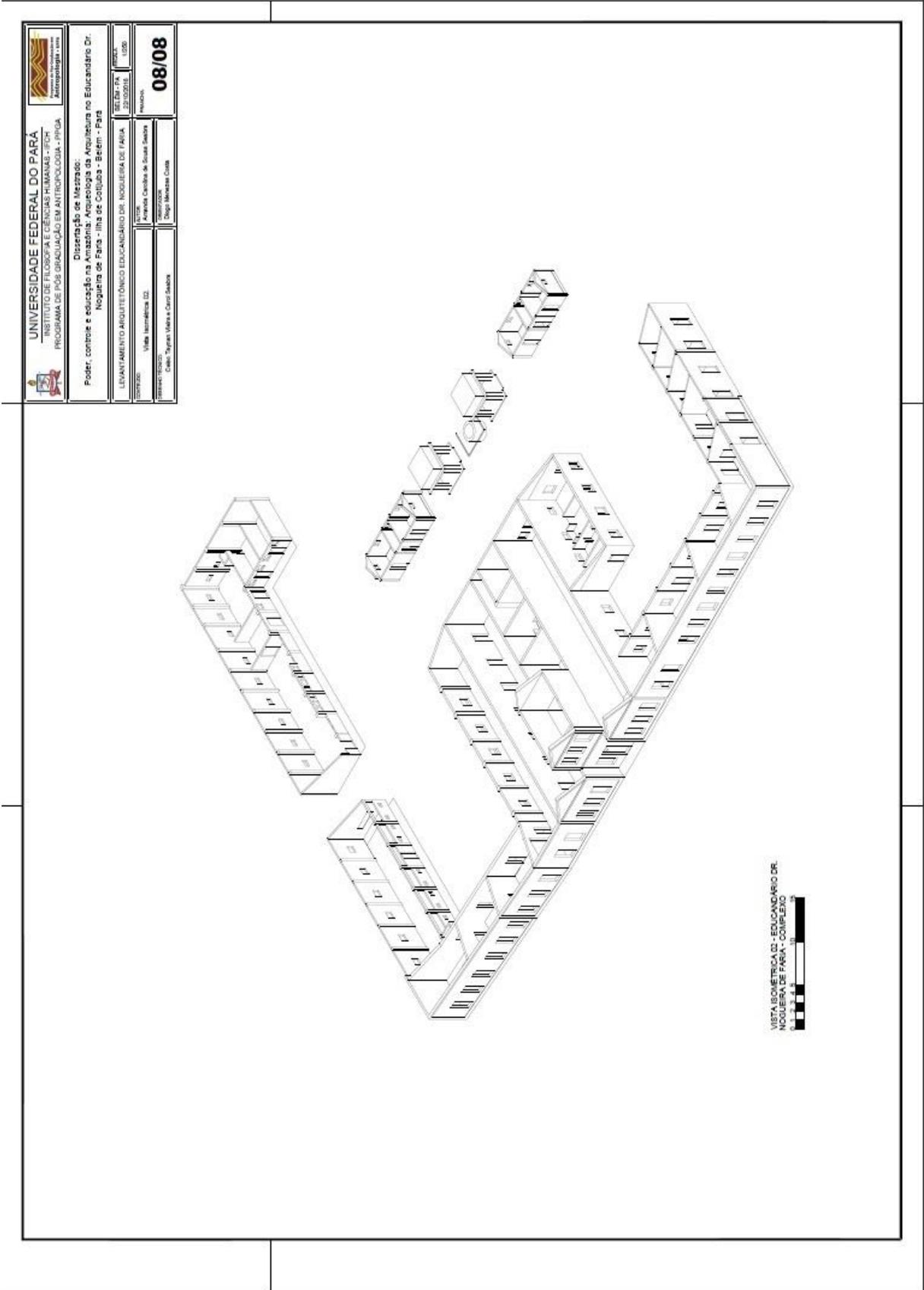
Anexo III. Prancha 01 - Planta baixa com todas as medidas.



Anexo IV. Prancha 04 - Vista da fachada frontal e posterior dos cômodos 13, 14, 15, 16 e 22; fachada frontal e fachada posterior do Prédio Principal.



Anexo VI. Prancha 08 Vista isométrica da instituição.



Anexo VII. Cálculo de assimetria relativa para análise alfa

Primeiramente é feita a soma dos passos topológicos; em seguida essa soma é dividida pelo número de linhas axiais para ter o valor de medida de profundade (MD) da linha; e por último se calcula a assimetria relativa com a seguinte fórmula: $RA = \frac{2(MD - 1)}{k - 2}$

$$k - 2$$

Linha 1: $4 + 4 + 4 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 1 + 3 + 3 + 3 + 3 + 3 + 3 + 3 + 3 + 3 + 1 = 51$

$$MD = \frac{51}{20} = 2,55 \quad RA = \frac{2(2,55 - 1)}{21 - 2} = \frac{3,1}{19} = 0,163$$

Linha 2: $4 + 2 + 4 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 3 + 2 + 1 + 3 + 3 + 3 + 3 + 3 + 3 + 3 + 3 = 50$

$$MD = \frac{50}{20} = 2,50 \quad RA = \frac{2(2,50 - 1)}{21 - 2} = \frac{3}{19} = 0,157$$

Linha 3: $4 + 2 + 4 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 1 + 1 + 3 + 3 + 3 + 3 + 3 + 3 + 3 + 3 = 49$

$$MD = \frac{49}{20} = 2,45 \quad RA = \frac{2(2,45 - 1)}{21 - 2} = \frac{2,90}{19} = 0,152$$

Linha 4: $4 + 4 + 4 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 3 + 3 + 3 + 3 + 3 + 3 + 3 + 3 + 1 + 3 = 53$

$$MD = \frac{53}{20} = 2,65 \quad RA = \frac{2(2,65 - 1)}{21 - 2} = \frac{3,30}{19} = 0,173$$

Linha 5: $2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 1 + 1 + 1 + 1 + 1 + 1 + 1 + 1 + 1 = 27$

$$MD = \frac{27}{20} = 1,35 \quad RA = \frac{2(1,35 - 1)}{21 - 2} = \frac{0,70}{19} = 0,036$$

Linha 6: $2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 3 + 1 + 1 + 1 + 1 + 1 + 1 + 1 + 1 + 1 = 29$

$$MD = \frac{29}{20} = 1,45 \quad RA = \frac{2(1,45 - 1)}{21 - 2} = \frac{0,90}{19} = 0,047$$

Linha 7: $2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 3 + 1 + 1 + 1 + 3 + 1 + 1 + 3 + 1 + 1 + 1 = 33$

$$\text{MD} = \frac{33}{20} = 1,65 \quad \text{RA} = \frac{2(1,65 - 1)}{21 - 2} = \frac{1,30}{19} = 0,068$$

Linha 8: $2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 3 + 3 + 1 + 1 + 3 + 1 + 1 + 3 + 1 + 1 + 1 = 35$

$$\text{MD} = \frac{35}{20} = 1,75 \quad \text{RA} = \frac{2(1,75 - 1)}{21 - 2} = \frac{1,50}{19} = 0,078$$

Linha 9: $2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 1 + 3 + 1 + 1 + 3 + 1 + 1 + 3 + 1 + 1 + 1 = 33$

$$\text{MD} = \frac{33}{20} = 1,65 \quad \text{RA} = \frac{2(1,65 - 1)}{21 - 2} = \frac{1,30}{19} = 0,068$$

Linha 10: $1 + 3 + 3 + 3 + 1 + 3 + 3 + 3 + 1 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 = 41$

$$\text{MD} = \frac{41}{20} = 2,05 \quad \text{RA} = \frac{2(2,05 - 1)}{21 - 2} = \frac{2,10}{19} = 0,110$$

Linha 11: $3 + 3 + 1 + 3 + 1 + 1 + 1 + 3 + 3 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 = 39$

$$\text{MD} = \frac{39}{20} = 1,95 \quad \text{RA} = \frac{2(1,95 - 1)}{21 - 2} = \frac{1,90}{19} = 0,100$$

Linha 12: $3 + 1 + 1 + 3 + 1 + 1 + 1 + 1 + 1 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 = 33$

$$\text{MD} = \frac{33}{20} = 1,65 \quad \text{RA} = \frac{2(1,65 - 1)}{21 - 2} = \frac{1,30}{19} = 0,068$$

Linha 13: $3 + 3 + 3 + 3 + 1 + 1 + 1 + 1 + 1 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 = 37$

$$\text{MD} = \frac{37}{20} = 1,85 \quad \text{RA} = \frac{2(1,85 - 1)}{21 - 2} = \frac{1,70}{19} = 0,089$$

Linha 14: $3 + 3 + 3 + 3 + 1 + 1 + 3 + 3 + 3 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 = 43$

$$\text{MD} = \frac{43}{20} = 2,15 \quad \text{RA} = \frac{2(2,15 - 1)}{21 - 2} = \frac{2,30}{19} = 0,121$$

Linha 15: $3 + 3 + 3 + 3 + 1 + 1 + 1 + 1 + 1 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 = 37$

$$\text{MD} = \frac{37}{20} = 1,85 \quad \text{RA} = \frac{2(1,85 - 1)}{21 - 2} = \frac{1,70}{19} = 0,089$$

Linha 16: $3 + 3 + 3 + 3 + 1 + 1 + 1 + 1 + 1 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 = 37$

$$\text{MD} = \frac{37}{20} = 1,85 \quad \text{RA} = \frac{2(1,85 - 1)}{21 - 2} = \frac{1,85}{19} = 0,089$$

Linha 17: $3 + 3 + 3 + 3 + 1 + 1 + 3 + 3 + 3 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 = 43$

$$\text{MD} = \frac{43}{20} = 2,15 \quad \text{RA} = \frac{2(2,15 - 1)}{21 - 2} = \frac{2,30}{19} = 0,121$$

Linha 18: $3 + 3 + 3 + 3 + 1 + 1 + 1 + 1 + 1 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 = 37$

$$\text{MD} = \frac{37}{20} = 1,85 \quad \text{RA} = \frac{2(1,85 - 1)}{21 - 2} = \frac{1,85}{19} = 0,089$$

Linha 19: $3 + 3 + 3 + 1 + 1 + 1 + 1 + 1 + 1 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 = 35$

$$\text{MD} = \frac{35}{20} = 1,75 \quad \text{RA} = \frac{2(1,75 - 1)}{21 - 2} = \frac{1,50}{19} = 0,078$$

Linha 20: $1 + 3 + 3 + 3 + 1 + 1 + 1 + 1 + 1 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2 = 35$

$$\text{MD} = \frac{35}{20} = 1,75 \quad \text{RA} = \frac{2(1,75 - 1)}{21 - 2} = \frac{1,50}{19} = 0,078$$

Anexo VIII. Tabelas com os dados e cálculos da análise gamma

Nº de espaços	Quantidade de conexões	Distância ao exterior
1	4	1
2	3	2
3	1	3
4	1	4
5	2	1
6	2	1
7	4	3
8	3	4
9	3	4
10	3	5
11	3	6
12	3	7
13	1	8
14	1	1
15	1	1
16	1	1
17	4	3
18	2	4
19	3	5
20	3	6
21	2	9
22	2	10
23	4	2
24	10	2
25	13	1
26	5	2
27	3	1
28	2	2
29	1	3
30	1	3
31	1	3
32	1	2
33	1	2
34	1	2
35	1	2
36	2	2
37	2	2
38	2	3
39	1	4
40	3	2
Total	53	92

Índice de escala = quantidade de nós = 40

Índice de integração = $\frac{\text{quantidade de conexões}}{\text{quantidade de nós}} = \frac{106}{40} = 2,65$

Índice de complexidade = $\frac{\text{distância ao exterior}}{\text{quantidade de nós}} = \frac{100}{40} = 2,50$